

TÍTULO

REX STOUT

CLIENTES DE MAIS

(Too Many Clients - 1960)

Detetive Nero Wolfe #34

*

ÍNDICE

[Capa](#)

[Título](#)

[Índice](#)

[O Autor](#)

[Série](#)

[Resumo](#)

[Capítulos](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

O AUTOR

REX STOUT, de nome completo Rex Todhunter Stout, nasceu numa família de quakers em Noblesville, Indiana, no dia 1 de dezembro de 1886. Rex Stout. Pouco depois do seu nascimento, os seus pais, John Wallace Stout e Lucetta Elizabeth Todhunter Stout se mudaram junto com os seus nove filhos para o estado do Kansas. O seu pai era professor e encorajou-o a ler sendo que, por volta dos quatro anos de idade, Rex já havia lido a Bíblia inteira por duas vezes. Aos treze anos foi campeão estadual do concurso de soletrar. Estudou na Universidade do Kansas. De 1906 a 1908 serviu na Marinha dos Estados Unidos da América, e durante os quatro anos seguintes trabalhou em cerca de treze empregos diferentes em seis estados. Trabalhou como office-boy num escritório, foi empregado de loja, guarda-livros e gerente de hotel. Esporadicamente, vendia poemas, histórias e artigos para diversas revistas, entre as quais a All-Story Magazine.

Em 1916, devido à invenção de um sistema bancário escolar, ganhou dinheiro suficiente para lhe permitir extensas viagens pela Europa. Tratava-se de um sistema de registro de poupanças efetuadas pelos alunos, do qual recebia royalties, e que foi adoptado em cerca de 400 instituições de ensino dos Estados Unidos. Casou-se com Fay Kennedy em 1916, de quem se viria a separar em 1933, se casando no mesmo ano com Pola Hoffman. Em 1929, em Paris, escreveu o seu primeiro livro, *How Like a God*. Após escrever mais três romances bem sucedidos, regressou aos Estados Unidos e começou uma carreira literária que incluiu romances policiais, contos e ficção científica.

O detetive Nero Wolfe surgiu pela primeira vez no romance *Fer-de-Lance* (*Picada Mortal*), inicialmente publicado em fascículos no jornal *The Saturday Evening Post*, sendo posteriormente editado em livro em 1934. Este livro, *The League of the Frightened Men* (*A Confraria do Medo*), publicado em 1935, foi adaptado pelo cinema em 1937. Neste ano Stout criou a personagem Dol Bonner, uma detetive particular, que viria a

protagonizar diversos outros livros de Rex Stout.

Durante a Segunda Guerra Mundial, interrompeu os seus escritos e integrou a Fight for Freedom Organization. Foi presidente do Author's Guild e dos Mystery Writers of America. Em 1959 recebeu o Grand Master Award desta última organização. Stout foi ativo nas causas liberais e ignorou uma intimação da Comissão das Atividades Antiamericanas, no auge da era McCarthy. Anos mais tarde, perdeu muitos amigos liberais devido à sua posição a favor da intervenção dos Estados Unidos na guerra do Vietnam.

Escreveu mais de 70 romances policiais, 46 dos quais com Nero Wolfe, detetive excêntrico e obeso, gourmet e grande apreciador de cerveja, cujo companheiro, o intrépido Archie Goodwin, o ajuda na resolução dos crimes. Após a morte de Stout, em Danbury, Connecticut, no dia 27 de outubro de 1975, o escritor Robert Goldsborough continuou as aventuras de Nero Wolfe, a partir do final dos anos 80.

Nero Wolfe foi representado no cinema entre as décadas de 30 e 80, do século XX. Em 1981, Nero Wolfe, representado por William Conrad, deu título a uma série de televisão de 14 episódios produzida pela Paramount Television e transmitida pela National Broadcasting Company (NBC), tendo sido nomeada para dois prêmios Emmy. Em 2001 foi iniciada uma série televisiva com Maury Chaykin no papel de Nero Wolfe e Timothy Hutton representando Archie Goodwin. Esta série, sob o título genérico A Nero Wolfe Mystery, foi produzida pela A&E, que transmitiu 29 episódios em duas temporadas, tendo sido nomeada para quatro prêmios de diversas instituições.

Uma associação de fãs de Stout e de Wolfe, designada The Wolfe Pack, organiza eventos para os leitores incluindo discussões bimensais sobre os livros e um congresso e banquete anual em Nova Iorque. Publica também a revista semestral Gazette.

*

LIVROS DA SÉRIE DETETIVE NERO WOLFE

1. 1934: *Fer-de-Lance*
2. 1935: *The League of Frightened Men*
3. 1936: *The Rubber Band*
4. 1937: *The Red Box*
5. 1938: *Too Many Cooks*
6. 1939: *Some Buried Caesar*
7. 1940: *Over My Dead Body*
8. 1940: *Where There's a Will*
9. 1942: *Black Orchids*
10. 1944: *Not Quite Dead Enough*
11. 1946: *The Silent Speaker*
12. 1947: *Too Many Women*
13. 1948: *And Be a Villain* (British title *More Deaths Than One*)
14. 1949: *Trouble in Triplicate*
15. 1949: *The Second Confession*
16. 1950: *Three Doors to Death*
17. 1950: *In the Best Families* (British title *Even in the Best Families*)
18. 1951: *Curtains for Three*
19. 1951: *Murder by the Book*
20. 1952: *Triple Jeopardy*
21. 1952: *Prisoner's Base* (British title *Out Goes She*)
22. 1953: *The Golden Spiders*
23. 1954: *Three Men Out*
24. 1954: *The Black Mountain*
25. 1955: *Before Midnight*

- 26. *1956: Three Witnesses*
- 27. *1956: Might as Well Be Dead*
- 28. *1957: Three for the Chair*
- 29. *1957: If Death Ever Slept*
- 30. *1958: And Four to Go*
- 31. *1958: Champagne for One*
- 32. *1959: Plot It Yourself (British title Murder in Style)*
- 33. *1960: Three at Wolfe's Door*
- 34. ***1960: Too Many Clients***
- 35. *1961: The Final Deduction*
- 36. *1962: Homicide Trinity*
- 37. *1962: Gambit*
- 38. *1963: The Mother Hunt*
- 39. *1964: Trio for Blunt Instruments*
- 40. *1964: A Right to Die*
- 41. *1965: The Doorbell Rang*
- 42. *1966: Death of a Doxy*
- 43. *1968: The Father Hunt*
- 44. *1969: Death of a Dude*
- 45. *1973: Please Pass the Guilt*
- 46. *1975: A Family Affair*
- 47. *1985: Death Times Three (posthumous)*

*

RESUMO

UM MULHERENGO vice-presidente corporativo é encontrado morto perto de um apartamento que ele comprara para servir como seu ninho de amor particular, e Wolfe e Goodwin são contratados pela viúva da vítima para resolver o assassinato, pelo presidente da empresa para preservar a reputação da empresa, e pelo casal que herdou o edifício de apartamentos, cuja bela filha também é assassinada.

*

UM

QUANDO AQUELE HOMEM se ajeitou na cadeira de couro vermelho, fui até minha mesa, virei a poltrona para poder vê-lo de frente, sentei e fiquei observando-o, educadamente, mas sem entusiasmo. Não era por seu terno de 39,95 dólares não lhe cair bem e estar precisando ser passado, tampouco pela camisa de três dólares, que vinha sendo usada há dois ou três dias. Era alguma coisa que estava mais nele do que nas roupas. Não havia nada errado com aquele rosto comprido e esquelético nem com aquela testa pronunciada, mas o sujeito simplesmente não me transmitia o ar de alguém que pudesse fazer uma contribuição razoável à conta bancária de Nero Wolfe.

Por sinal, naquele exato momento, naquela tarde de segunda-feira no início de maio, a conta estava reduzida a 14 194,62 dólares, depois de descontados os cheques que eu preencheria e colocado sobre a mesa de Wolfe para que ele os assinasse. Pode parecer uma quantia bastante respeitável, mas é preciso considerar os salários semanais de Theodore Horstmann, o homem que cuida das orquídeas, de Fritz Brenner cozinheiro e administrador da casa, e o pagamento devido a mim, o braço direito de Wolfe; além disso, as contas da mercearia, que incluíam, entre outros, o caviar que o patrão às vezes costumava misturar com ovos no café da manhã; e as várias necessidades das orquídeas nos viveiros de plantas no sótão do velho sobrado de arenito castanho-avermelhado, sem mencionar os novos acréscimos da coleção; e mais uma coisa aqui outra ali, tudo isso fazia com que a despesa mensal mínima daquela casa chegasse a mais de cinco mil dólares. Como se não bastasse, dentro de cinco semanas seria preciso pagar o imposto de renda. Assim, sem nenhuma perspectiva de grandes honorários a curto prazo, começava a parecer necessária uma ida ao cofre do banco antes do dia 4 de julho.

Portanto, quando a campainha tocou e, indo até o corredor para dar uma olhada pelo vidro espelhado da porta da frente, vi um homem estranho

sem nenhuma pasta de cobrador na mão, achei conveniente recebê-lo bem, com um sorriso cordial. Ele disse:

— Esta é a casa de Nero Wolfe, não é?

— Sim, mas o senhor Wolfe estará de volta somente às seis horas.

— Eu sei, ele costuma ficar nos viveiros de plantas das quatro às seis horas. Quero ver Archie Goodwin. O senhor é o senhor Goodwin? Respondi afirmativamente e perguntei o que ele queria.

Respondeu que desejava se consultar comigo profissionalmente. Naquela altura, eu já o avaliara com os olhos, ou pensava tê-lo avaliado, e ele não me parecia ser um cliente muito promissor. Mas como eu não estava fazendo nada mesmo, resolvi convidá-lo a entrar no escritório. Outro ponto que depunha contra aquele estranho era o fato de ele não usar chapéu. Noventa e oito por cento dos homens que podem pagar honorários elevados usam chapéus. Reclinado na cadeira de couro vermelho, com o queixo abaixado e os olhos inteligentes fixos em mim, ele falou:

— Precisarei lhe dizer quem eu sou, é claro. Balancei negativamente a cabeça.

— Não, a menos que seja importante para o caso.

— E é. Ele cruzou as pernas. Suas meias, cinza com pequenas bolinhas vermelhas, estavam abaixadas quase até a altura dos sapatos. Se não fosse, não haveria motivo para minha vinda. Quero me consultar com o senhor dentro do mais absoluto sigilo.

— Naturalmente, assenti. Mas este é o escritório de Nero Wolfe, e trabalho para ele. Se o senhor receber uma conta, será emitida por ele.

— Eu sei. Aparentemente isso era para ele uma trivialidade. Seus olhos eram inteligentes. Espero receber uma conta, e eu a pagarei. Posso lhe falar com toda confiança?

— Certamente. A menos que o senhor tenha alguma informação muito séria, como crime ou traição. Ele sorriu.

— Não lhe trago nem uma coisa nem outra. Nenhum de meus crimes é assim tão grave. Então, confidencialmente, senhor Goodwin, meu nome é Yeager, Thomas G. Yeager. Possivelmente o senhor já deve tê-lo visto ou ouvido, embora eu não seja uma celebridade. Moro no número 340 da Rua 68, no lado Leste. Minha firma, da qual sou vice-presidente executivo, é a Continental Plastic Products, com escritórios no Empire State Building.

Nem pestanejei. A Continental Plastic Products podia ser uma empresa gigantesca ocupando três ou quatro andares, ou podia ter apenas duas pequenas salas com um único telefone sobre a mesa do vice-presidente executivo. Mas eu conhecia aquela quadra no lado Leste da Rua 68, e ali não havia nenhum pardieiro, muito pelo contrário. Talvez aquele cara usasse um terno de 39,95 dólares porque não se importava com as aparências, nem precisava se importar. Conheço o presidente do conselho de uma corporação que fatura um bilhão de dólares, um dos dois por cento, que nunca engraxa os sapatos, e faz a barba três vezes por semana. Peguei minha agenda e comecei a tomar notas. Yeager estava dizendo:

— O número de meu telefone não está na lista. É Chisholm 5-3232. Vim numa hora em que sabia que Wolfe estaria ocupado, porque vim para ver o senhor. De nada adiantaria contar a ele minha história, pois ele simplesmente passaria o meu caso para o senhor. Acho que estou sendo seguido, mas quero ter certeza disso. E se realmente estiver, quero saber quem está atrás de mim.

— Isso é brincadeira de criança. Joguei minha agenda sobre a mesa. Qualquer agência de respeito cuidará disso para o senhor a dez dólares a hora. O senhor Wolfe tem uma filosofia diferente no que se refere à questão dos honorários.

— Eu sei. Isso não vem ao caso. Mas é de vital importância descobrir se estou sendo seguido e rapidamente, e também quem está me seguindo. Que agência de dez dólares por hora teria um homem tão bom quanto o senhor?

— Não é esse o ponto. Mesmo que minha capacidade corresponda apenas à metade da que eu julgo ter, ainda assim seria um desperdício me usar em um serviço tão banal. E se não houver ninguém para descobrir? Quanto tempo seria necessário para que o senhor se convencesse disso? Digamos dez dias, doze horas por dia, a cem dólares por hora. Doze mil dólares, mais despesas. Mesmo que o senhor...

— Não seriam dez dias. Ele levantara o queixo. Tenho certeza que não seriam. E também não seriam doze horas por dia. Permita-me que eu explique, senhor Goodwin. Acho que estou sendo seguido apenas em determinadas ocasiões, ou desconfio que serei seguido. Especificamente, suspeito que serei seguido quando eu sair de minha casa esta noite, às sete horas, para ir a um determinado ponto da cidade, do outro lado do parque, para um endereço na Rua 82. Na Rua 82, lado Oeste, número 156. Talvez o melhor plano fosse o senhor estar em minha casa quando eu sair, mas é

claro que deixarei a tática a seu cargo. Não quero que ninguém me siga até aquele endereço. Não desejo que ninguém descubra que tenho alguma ligação com ele. Se eu não for seguido, seu trabalho terminará por hoje, e eu lhe telefonarei apenas quando quiser voltar lá outra vez.

— E quando seria?

— Não posso afirmar com exatidão. Possivelmente ainda esta semana, talvez na semana que vem. Eu poderia avisá-lo com um dia de antecedência.

— Como o senhor irá, com seu carro ou de táxi?

— De táxi.

— O que é mais importante para o senhor: não ser seguido até esse endereço; saber se está sendo seguido ou não, ou ainda identificar seu seguidor, caso haja um?

— Tudo isso é importante.

— Bem. Cerrei os lábios. Admito ser um trabalho especial. Eu mencionei cem dólares por hora, mas essa é nossa taxa para trabalhos de rotina. Os honorários deverão ser decididos entre o senhor e o senhor Wolfe. Ele sorriu.

— Não haverá nenhuma dificuldade quanto a isso. Então eu o espero por volta de sete horas. Um pouco antes, talvez?

— Provavelmente. Peguei novamente minha agenda. A pessoa que o segue é alguém que o senhor conhece?

— Não sei. Pode ser.

— Homem ou mulher?

— Não posso dizer. Não sei.

— Um agente de alguma organização ou alguém que trabalha por conta própria?

— Não sei. Poderia ser tanto um quanto outro.

— Descobri-lo será simples. Que devo fazer então? Se for um profissional eu poderei reconhecê-lo, mas isso não irá ajudar muito. É claro que poderei abordá-lo, caso eu o reconheça ou não, mas não conseguirei arrancar o nome do mandante dele.

— Mas o senhor pode desmascará-lo?

— Claro. Até que ponto o nome do cliente dele tem valor para o senhor? Pode ser importante.

— Não sei... Ele hesitou. Acho que não será necessário saber. Achei essa resposta meio vaga, mas fiz de conta que não percebi.

— Se for alguém trabalhando por conta própria, naturalmente eu o desmascararei, e o que mais? O senhor quer que ele saiba que foi

descoberto? Ele pensou em minha pergunta por três segundos.

— Acho que não. Creio que é melhor que ele não saiba.

— Então não posso fazer uma foto dele. Só terei condições de lhe fazer uma descrição.

— Já será suficiente.

— Muito bem. Coloquei a agenda sobre a mesa. O endereço é na Rua 68. Não é um prédio de apartamentos, é?

— Não, é uma casa. Minha casa.

— Então não devo entrar nem me aproximar muito dela. Se o sujeito for um profissional, ele provavelmente me reconhecerá. É assim que vai ser. Às sete horas, em ponto, o senhor sairá de casa, caminhará até a Segunda Avenida, não a atravesse, e virará à esquerda. A uns trinta passos a partir da esquina há uma lanchonete e, bem em frente...

— Como é que o senhor sabe disso?

— Não existem muitas quadras em Manhattan que eu não conheça. Em frente à lanchonete, junto ao meio-fio ou estacionado em fila dupla, um táxi azul e amarelo estará esperando pelo senhor, o motorista a postos e o taxímetro funcionando. O motorista terá um grande rosto quadrado e orelhas compridas. O senhor deverá dizer a ele: “Você está precisando se barbear”, e ele responderá: “Meu rosto é muito sensível”. Para ter certeza, quando entrar verifique o nome dele no cartão no painel. Será Albert Goller. Soletrei. O senhor quer escrever?

— Não.

— Então não esqueça. Dê-lhe o endereço da Rua 82 Oeste, recoste no banco e fique tranquilo. Isso é tudo. O que quer que o motorista faça, ele saberá o que está fazendo. Não fique olhando para trás; isso poderia dificultar um pouco as coisas. Ele estava sorrindo.

— Não demorou para que o senhor preparasse o cenário, não é?

— Não disponho de muito tempo. Consulte o relógio na parede. Já são quase cinco horas. Levantei-me. Eu o estarei vendo o tempo todo, mas o senhor não me verá.

— Maravilhoso, disse ele, levantando da cadeira. Percebi desde o início que o senhor era um homem inteligente. Eu sabia que procurara o homem certo para o trabalho. Aproximou-se e estendeu a mão. Não precisa me acompanhar até a porta. Conheço o caminho.

Mesmo assim eu o acompanhei, como me acostumara a fazer por anos, desde o dia em que um visitante deixou a porta destrancada, entrou outra vez sorrateiramente no escritório, se escondeu atrás do sofá da sala da

frente e, durante a noite, vasculhou todos os documentos das gavetas que conseguiu abrir. Quando chegamos à porta, lhe perguntei qual seria o nome do motorista, e ele me disse. Voltando à minha mesa, passei pela porta que dava para a cozinha, peguei um copo no armário e um pacote de leite na geladeira. Fritz, sentado à mesa central, picando cebolas, me olhou e falou:

— Isso é um insulto. Vou lhe puxar as orelhas. Minhas ovas de sável aux fines herbes são prato para um rei.

— É, mas não sou um rei. Servi-me de leite. Além disso, vou sair mais cedo para fazer um serviço e não sei a que horas estarei de volta.

— Ah, um serviço pessoal?

— Não. Tomei um gole. Não só vou responder sua pergunta, como também a farei por você. Notando que não aparece um cliente digno desse nome há quase seis semanas, você quer saber se agora temos um, e eu não o culpo. É possível, mas não é provável. Parece mais um abacaxi que estourou na minha mão. Tomei outro gole. Acho que você vai ter de inventar um prato de rei feito com abacaxi.

— Não é impossível, Archie. Eu não usaria vinagre, pois o sabor ficaria muito forte. Talvez suco de limão, com ou sem algumas rodela de cebola. Tentaremos amanhã.

Pedi a ele que me mostrasse o resultado desse prato maluco, levei o leite para o escritório, peguei o telefone, disquei o número da Gazeta, e pedi para falar com Lon Cohen. Ele disse que estava muito ocupado para conversar sobre qualquer assunto que não fosse uma manchete de primeira página ou um convite para um joguinho de pôquer. Respondi que no momento não dispunha nem de uma coisa nem de outra para lhe oferecer, mas que anotara suas sugestões. Esperaria na linha enquanto ele ligava para o arquivo para ver se eles tinham alguma coisa sobre Thomas G. Yeager, vice-presidente executivo da Continental Plastic Products, residente no número 340 da Rua 68 Leste. Ele conhecia o nome, me disse, e provavelmente havia uma pasta sobre ele. Iria solicitar o dossiê no departamento de documentação e voltaria a me ligar.

Em dez minutos entrou em contato comigo. A Continental Plastic Products era uma das grandes, a fábrica principal ficava em Cleveland, e os escritórios administrativos e de vendas, no Empire State Building. Thomas G. Yeager era o vice-presidente executivo há cinco anos e mantinha o controle de tudo. Era casado e tinha uma filha, Anne, solteira, e um filho,

Thomas G. Junior, casado. Era membro da... Disse a Lon que isso era tudo que precisava, agradei, desliguei e telefonei para o viveiro de plantas da casa. Após uma curta espera, ouvi a voz de Wolfe, irritada, é claro.

— Pois não?

— Desculpe interromper. Um homem chamado Yeager esteve aqui. Ele quer saber se está sendo seguido e por quem. Ele espera receber uma conta bem salgada e parece não se preocupar porque acha que nenhum outro profissional além de mim é suficientemente bom. Já tirei informações e ele tem muito dinheiro. Acho que vou poder faturar o pagamento de algumas semanas. Não estarei aqui quando o senhor descer. O nome e o endereço dele estão em minha agenda. Voltarei antes da hora de dormir.

— E amanhã? Quanto tempo vai demorar?

— Não pretendo trabalhar amanhã. Se for preciso, designaremos Saul ou Fred. Explicarei mais tarde. É uma tarefa pequena.

— Muito bem. Desligou. Telefonei para Al Goller.

*

DOIS

DUAS HORAS mais tarde, às 19h20, eu estava sentado em um táxi estacionado na Rua 67, entre a Segunda e a Terceira Avenida, com o corpo torcido para ver pelo vidro de trás o que estava acontecendo. Se Yeager saísse de casa exatamente às 19h, chegaria ao táxi de Al Goller por volta de 19h04, e Al faria a curva da Rua 67 às 19h06. Mas já eram 19h20, e nem sinal dele. Era inútil tentar adivinhar o que ocorrera, mesmo assim tentei. Às 19h30 eu já tinha uma dezena de hipóteses as mais diversas. Às 19h40, disse a Mike Collins, o motorista, que já me conhecia há muito tempo:

— Droga. Vou dar uma olhada. Desci do carro e caminhei até a esquina. Al continuava ali em seu táxi diante da lanchonete. Quando o sinal ficou verde, atravessei a avenida, segui em direção ao táxi, e perguntei a Al: — Onde está ele? Al bocejou.

— Sei só onde ele não está.

— Vou telefonar para a casa dele. Se ele aparecer enquanto eu estiver na lanchonete, finja ter problemas em ligar o motor até eu sair e virar a esquina. Preciso de tempo para chegar ao carro de Mike. Ele assentiu e bocejou novamente, e eu entrei na lanchonete. Encontrei o telefone público nos fundos e disquei CH5-3232. Depois de quatro toques, uma voz masculina atendeu:

— Residência da senhora Yeager.

— Posso falar com o senhor Yeager?

— Ele não pode atender no momento. Quem deseja falar com ele? Desliguei.

Eu não só reconheci a voz do sargento Purley Stebbins dos Homicídios do lado Oeste, como também eu o informara, alguns anos atrás, que quando uma pessoa estranha atende ao telefone na casa de um desconhecido nunca diz “residência do senhor Fulano de Tal”, mas “residência da senhora Fulana de Tal”. Então desliguei, saí dali, fiz um sinal a Al Goller para que ele ficasse de sobreaviso, caminhei até a esquina da Rua 68 e virei à direita.

Andei o suficiente para ver o cara ao volante da viatura policial estacionada em fila dupla diante do número 340. Era o motorista que normalmente saía com Stebbins. Dei meia volta e retornei pelo mesmo caminho que fizera. Entrei na lanchonete, fui ao telefone público, disquei o número da Gazeta, pedi para falar com Lon Cohen, e ele atendeu. Minha intenção era lhe perguntar se ele ouvira alguma coisa sobre assassinatos interessantes recentemente, mas nem foi preciso.

— Archie? Perguntou.

— Sou eu mesmo. Por acaso você...

— Como é que você sabia que Thomas G. Yeager ia ser assassinado quando me telefonou, três horas atrás?

— Eu não sabia. Eu não sei. Eu simplesmente...

— Pouco importa. Agradeço do mesmo jeito. Obrigado pela manchete de primeira página. **NERO WOLFE PASSA A PERNA NOS TIRAS OUTRA VEZ.** Estou escrevendo a matéria agora: “Nero Wolfe, excelente detetive particular, já estava investigando o assassinato de Yeager mais de duas horas antes de o corpo ser descoberto em uma escavação na Rua 82 Oeste. Às dezessete horas, seu criado, Archie Goodwin, telefonou para a redação da Gazeta para obter...”.

— Você vai engolir essas palavras. Todo mundo sabe que eu não sou um criado, sou um empregado, e a ideia de Nero Wolfe passar a perna nos tiras... Além disso, esta é a primeira vez que telefono para você há meses. Se alguém lhe telefonou imitando minha voz foi provavelmente o assassino, e se você fosse suficientemente esperto para mantê-lo na linha enquanto tentava descobrir o local da ligação, poderia ter...

— Tudo bem. Vamos começar tudo de novo. Quando você vai poder me informar alguma coisa?

— Quando eu tiver alguma coisa para informar. Eu sempre lhe dou informações, não dou? Vamos fazer de conta que eu não sabia que Yeager fora assassinado até o momento em que você me contou. Onde fica a escavação na Rua 82 Oeste?

— Entre Columbus e Amsterdam.

— Quando o corpo foi encontrado?

— As sete e dez. Cinquenta minutos atrás. Estava embaixo de uma lona no fundo de um buraco escavado pela companhia empreiteira Con Edison. Uns garotos desceram pelo buraco para apanhar uma bola que caía lá dentro. Pensei por um segundo.

— O corpo deve ter sido jogado às cinco da tarde. Esse é o horário em

que os homens da Con Ed normalmente vão embora, desde que não haja uma emergência. Será que alguém viu o corpo ali no buraco e puxou a lona sobre ele?

— Como é que vou saber? Só ficamos sabendo da coisa há meia hora.

— A identificação foi confirmada?

— Positivo. Um dos homens que enviamos ao local o conhecia. Ele nos telefonou há cinco minutos.

— Como você sabe que ele foi assassinado?

— A informação ainda não é oficial, mas há um buraco em sua cabeça que não foi feito com o dedo. Olhe, Archie, a pasta sobre ele, do departamento de documentação, estava em cima da minha mesa quando a notícia chegou. Dentro de uma hora todo mundo aqui vai ficar sabendo que eu solicitei-a duas horas antes. Não me importo em ser misterioso, mas poderá ser muito desagradável se o caso se complicar. Daí que estou pensando em declarar que pedi a pasta por causa de um telefonema seu, e aí algum sujeito prestativo vai mencionar minhas palavras nos Homicídios, e então?

— Então eu cooperarei com os tiras, como sempre. Chegarei em vinte minutos.

— Ótimo. Será um prazer vê-lo.

Saí da lanchonete, entrei no táxi de Al e lhe pedi que virasse a esquina e se aproximasse do carro de Mike. Ao dar a partida no motor ele disse que suas instruções eram aceitar somente um passageiro que lhe dissesse que ele estava precisando se barbear, e eu confirmei que ele realmente estava com a barba por fazer. Não havia lugar perto de Mike, junto ao meio-fio na Rua 67 e assim paramos em fila dupla; desci e me coloquei entre os dois táxis, junto às janelas dianteiras abertas.

— A festa acabou, disse a eles. Devido a circunstâncias que fogem ao meu controle. Não mencionei pagamento porque me faltavam vários elementos, tais como por quanto tempo eu iria precisar de vocês, mas já que vocês só tiveram de ficar aqui parados durante algum tempo, talvez vinte dólares para cada um sejam suficientes. O que vocês acham?

— Claro, disse Mike.

— Tudo bem. O que aconteceu? Perguntou Al. Tirei minha carteira e separei seis notas de vinte.

— Vamos multiplicar o valor por três, sugeri, porque vocês não são idiotas. Eu não lhes revelei o nome do cliente, mas descrevi-o, e vocês

sabem que ele ia virar a esquina da Rua 68, e que ele ia para a Rua 82 Oeste. Assim, amanhã, quando lerem no jornal uma reportagem sobre um homem chamado Thomas G. Yeager que morava no número 340 da Rua 68 Leste, e souberem que seu corpo foi encontrado as sete e dez desta noite em um buraco na Rua 82 Oeste, com um furo na cabeça, vocês começarão a pensar. E quando um homem pensa em alguma coisa, ele gosta de fazer comentários. Portanto aqui estão sessenta dólares para cada um. O que eu quero é uma chance de satisfazer minha curiosidade sem ser incomodado por tiras me fazendo perguntas sobre o motivo de eu contratar dois motoristas aqui e neste horário. Por que será que ele resolveu ir sozinho em vez de seguir nosso plano? Quero acrescentar que ele não disse nem sugeriu que esperava ou temia qualquer ato de violência. Ele só queria descobrir se estava sendo seguido. E, em caso positivo, ele queria que eu desmascarasse seu seguidor e o identificasse, se possível. Isso é o que tenho a lhes contar, e foi assim que tudo aconteceu. Não faço a mínima ideia de quem o matou nem o motivo do crime. Vocês sabem tanto quanto eu. Gostaria que ninguém mais soubesse disso enquanto eu não tiver tempo de fazer algumas investigações. Vocês já me conhecem há... Há quanto tempo?

— Cinco anos, respondeu Mike.

— Oito anos, disse Al. Como é que você descobriu o crime? Se o corpo dele foi encontrado apenas há uma hora...

— Quando telefonei para a casa dele, reconheci a voz da pessoa que atendeu, um sargento dos Homicídios, Purley Stebbins. Quando virei a esquina, reconheci o motorista de uma viatura estacionada em frente ao número 340. Quando liguei para um jornalista que conheço e pedi informações, ele me contou. Não estou escondendo nada; vocês estão sabendo de tudo. Aqui estão seus sessenta dólares. Al esticou o braço para pegar a ponta de uma nota de vinte com o polegar e o indicador.

— Uma nota é suficiente, disse ele. Vinte dólares pagam meu tempo, e vou ficar de boca fechada por uma questão pessoal. Vai ser divertido. Sempre que me encontrar com um tira vou pensar: “Seu idiota, eu sei de coisas que você não sabe”. Mike, sorrindo, pegou suas três notas de vinte.

— Eu sou diferente. Normalmente sairia daqui contando para todo mundo tudo que sei, inclusive para os tiras. Mas agora não posso, porque teria de lhe devolver quarenta dólares. Posso não ser nobre, mas sou honesto. Guardou as notas no bolso e me estendeu a mão. Vamos apertar as mãos para selar nosso compromisso. Apertamos as mãos, e voltei para o táxi de Al, pedindo a ele que me levasse ao prédio da Gazeta.

Se Lon Cohen tinha um título, eu não sabia qual era, mas duvido que tenha algum. Havia apenas seu nome escrito na porta do pequeno escritório do vigésimo andar, duas portas antes do luxuoso escritório do editor, no fim do corredor. Nessa situação seria de se esperar que ele se mantivesse afastado da confusão diária da redação de um jornal, mas ele sempre parecia estar por dentro, não só do que acontecera, mas também do que ainda ia acontecer. Não sabíamos ao certo como andava nossa contabilidade de informações dadas e recebidas, mas acho que estávamos empatados.

Ele era um homem de pele escura, o rosto pequeno, olhos castanhos, cabelos quase negros penteados para trás, mas sem esconder a calvície pronunciada. Lon era quase que o melhor jogador de pôquer com quem eu vez por outra virava a noite, perdia para Saul Panzer, o melhor de todos, sobre quem voltarei a falar mais tarde. Quando entrei no pequeno gabinete naquela noite de segunda-feira, Lon estava ao telefone. Sentei-me na cadeira junto à sua mesa e fiquei ouvindo. O telefonema demorou alguns minutos, e tudo que ele disse foi “Não” nove vezes. Quando desligou, comentei:

— Eis um homem que concorda com tudo.

— Preciso fazer um telefonema, disse ele. Tome, se divirta.

— Ele pegou uma pasta de papelão e entregou-a para mim, antes de voltar ao telefone.

Era o dossiê sobre Thomas G. Yeager. Não era volumoso, talvez uma dúzia de recortes de jornais, quatro memorandos datilografados, páginas rasgadas de um artigo publicado em uma revista técnica, *Plastics Today*, e três fotos. Duas delas foram feitas em estúdios, o nome dele datilografado na parte inferior, e uma era de uma reunião no salão Churchill, com uma legenda datilografada: “Thomas G. Yeager fazendo um discurso no banquete da National Plastics Association, Churchill Hotel, Nova York, 19 de outubro de 1958”. Ele estava diante do microfone, com o braço levantado. Li os memorandos e dei uma olhada rápida nos recortes. Estava lendo o artigo quando Lon terminou a conversa ao telefone e se virou para mim.

— Tudo bem, devolva, ordenou. Fechei a pasta e coloquei-a sobre a mesa.

— Vim até aqui, comecei, — Para fazer um acordo, mas primeiro você

precisa saber algumas coisas. Eu jamais vi Thomas G. Yeager, nunca falei com ele tampouco recebi qualquer comunicado da parte dele, nem o senhor Wolfe. Não sei absolutamente nada sobre ele, exceto o que você me contou ao telefone e o que acabei de ler nessa pasta. Lon estava sorrindo.

— Oficialmente, tudo bem. Agora, aqui entre nós dois...

— Repito a mesma coisa, acredite se quiser. Mas ouvi alguma coisa pouco antes de lhe telefonar às cinco horas que me deixou curioso. Por enquanto prefiro não contar a ninguém o que ouvi, pelo menos durante as próximas vinte e quatro horas, e talvez mais. Pretendo me manter ocupado e não quero passar o dia no gabinete do promotor de justiça. Assim, não é necessário que ninguém saiba que eu lhe telefonei esta tarde perguntando sobre Yeager.

— Acho que você vai ter de falar. Por mim. Eu solicitei esta pasta. Se disser que sonhei que alguma coisa estava para acontecer a ele, as pessoas vão começar a comentar. Sorri.

— Não queira me enganar. Você não tem nada na mão. Diga o que bem entender. Você pode afirmar que alguém lhe contou alguma coisa confidencialmente e você não pode revelar a fonte. Além disso, estou lhe oferecendo um acordo. Se você esquecer minha curiosidade sobre Yeager, eu o incluirei em minha lista de cartões de Natal. Este ano será uma gravura abstrata, com vinte cores e a mensagem “Queremos compartilhar esta foto que nos mostra dando banho no cachorro. Boas festas de Archie, Mehitabel e filhos”.

— Você não tem nenhuma Mehitabel nem tem filhos.

— Exatamente, é por isso que será um cartão abstrato. Ele olhou para mim.

— Você bem que poderia me dar alguma informação que pudesse ser divulgada sem que se citasse a fonte. Ou algo que eu me compromettesse a não publicar antes de sua autorização.

— Não. Agora não. Quando eu puder, e se puder, eu lhe telefonarei.

— Como sempre. Fez um gesto resignado com as mãos. Preciso trabalhar. Apareça qualquer dia. O telefone tocou e ele se voltou para atendê-lo. Aproveitei para sair.

A caminho do elevador e dentro dele, repassei tudo o que acontecera. Dissera a Wolfe que estaria de volta antes da hora de dormir, mas eram apenas nove horas. Eu estava com fome. Poderia ir a uma lanchonete para comer um sanduíche enquanto decidia o que fazer, mas o problema é que eu sabia muito bem o que queria fazer, e isso poderia levar a noite inteira.

Além disso, embora fosse ponto pacífico que em missão eu era guiado pela inteligência e pela experiência, segundo as palavras do próprio Wolfe, era de se esperar que se as coisas ficassem complicadas eu telefonaria. Mas o telefone não era o instrumento ideal para esse assunto: Wolfe não só detestava falar sobre qualquer coisa pelo telefone, como também o assunto precisava ser apresentado da forma correta, ou ele se recusaria a colaborar. Assim, tomei um táxi e dei ao motorista o endereço da velha casa de arenito castanho-avermelhado da Rua 35 Oeste.

Chegando lá, subi os sete degraus da varanda e, embora tivesse a chave, toquei a campainha, pois, quando estou fora de casa, a porta fica trancada com a corrente. Fritz abriu a porta e eu entrei. Ainda que ele não me fizesse nenhuma pergunta, percebi a curiosidade estampada em seus olhos. Era a mesma pergunta que ele não me fizera durante a tarde: “Nós temos um cliente?”. Disse a ele que talvez, sim, e que estava com fome. Perguntei se ele podia providenciar um pedaço de pão e um copo de leite. Ele respondeu que ia buscar, e fui para o escritório.

Wolfe estava sentado à sua mesa com um livro, recostado na única poltrona do mundo onde ele podia sentar sem fazer cara feia, feita sob medida, segundo seu projeto e sob sua supervisão. A lâmpada de leitura, no alto da parede e por trás de seu ombro esquerdo, era a única naquele ambiente e, daquele jeito, com a luz naquele ângulo, ele parecia ser ainda maior do que realmente é. Parecia uma montanha por trás da qual nascia o sol. Quando entrei e acionei o interruptor da luz para reduzi-lo a seu tamanho natural, ele falou:

- Você já comeu?
- Não. Sentei. Fritz vai trazer alguma coisa.
- Trazer?

Surpresa com um toque de contrariedade. Normalmente, quando uma missão nas ruas faz com que eu perca uma refeição e volte faminto para casa, eu como na cozinha. As exceções acontecem quando tenho alguma coisa importante a dizer, que não pode esperar, mas quando ele está inclinado a passar algumas horas lendo um livro interessante, ele não tem a mínima vontade de ouvir algum relatório, qualquer que seja o assunto.

- Tenho algo a lhe dizer. Ele cerrou os lábios. O livro, um volume

enorme, estava aberto e ele o segurava sobre o colo, com as duas mãos. Fechou-o, marcando a página com um dedo, deu um suspiro, e perguntou:

— O que é? Decidi que era inútil ficar dando voltas. Com ele é preciso adaptar a tática à atmosfera.

— Aquele recado que coloquei sobre sua mesa. O saldo bancário depois de descontados os cheques. O pagamento do imposto de junho deverá ser feito dentro de trinta e sete dias. Ele estava me olhando de forma agressiva.

— Será que você precisa repisar sempre os mesmos assuntos?

— Não estou repisando. Há três dias não falo sobre isso. Estou mencionando o fato agora porque gostaria de ter sua permissão para sair às ruas à procura de um cliente em vez de ficar sentado aqui esperando que alguém entre. Já estou ficando com calo na bunda.

— E o que você pretende fazer? Procurar clientes em alguma lanchonete?

— Não, senhor. Já tenho um possível alvo, uma possibilidade apenas. Trata-se daquele homem que esteve aqui me contratando para descobrir quem o estava seguindo, Thomas G. Yeager. Providenciei dois táxis para as sete horas e pedi que esperassem, um era para ele, o outro para mim, para que o seguisse. Ele não apareceu. Cansei de ficar esperando e liguei para a casa dele, e Purley Stebbins atendeu ao telefone. Fui até a esquina e lá estava uma viatura policial com o motorista de Purley, estacionada em frente à casa de Yeager. Liguei para Lon Cohen e ele está querendo saber por que telefonei para a redação do jornal perguntando sobre Thomas G. Yeager duas horas antes de o corpo do homem ser encontrado num buraco na Rua 82 Oeste. Com um furo na cabeça. Assim, nosso cliente se foi, prossegui, — Mas acontece que me ocorreu que sua morte possivelmente poderá nos trazer um outro cliente. Ele era uma figura importante em seu meio, com um título pomposo e uma casa bonita em um bairro elegante, e pode ser que ninguém mais, além de mim, esteja sabendo de suas suspeitas de estar sendo seguido ou de vir a ser. Além disso, o endereço para onde ele pretendia ir sem ser seguido era da Rua 82 número 156, e foi justamente naquela quadra daquela rua que seu corpo foi encontrado. Assim, tomei a liberdade de gastar uma parte de seu dinheiro. Além de pagar os dois motoristas pelo tempo que ficaram à minha disposição, lhes dei mais quarenta dólares para que se esquecessem de onde estiveram, isto é, dei a Mike Collins. Al Goller preferiu esquecer por motivos pessoais. Wolfe resmungou.

— Sua iniciativa. Pode ser que já tenham encontrado o assassino.

— Nesse caso, o senhor acaba de perder quarenta dólares, além dos outros 53,60 dólares gastos a trabalho para um cliente que não irá nos pagar nada porque está morto. Mas a coisa não é assim tão simples. Na verdade, nosso cliente não está morto. Ou, em outras palavras, nós não tínhamos um cliente. Voltando para casa, dei uma passada na Gazeta para pedir a Lon Cohen que esquecesse que eu telefonara para lhe perguntar sobre Thomas G. Yeager, e havia uma pasta sobre sua mesa com algumas notícias sobre Yeager, inclusive três fotos dele. O homem que esteve aqui esta tarde para me contratar para descobrir quem o estava seguindo não era Yeager. Não há nenhuma semelhança. Assim, suponho que seja mais correto dizer que não tínhamos um cliente.

*

TRÊS

NATURALMENTE, eu esperava uma reação forte, e consegui. Wolfe se levantou em direção à mesa para pegar seu marcador de livro, uma fina tira de ouro que ele usava somente nos livros que considerava dignos de ocuparem um lugar nas estantes do escritório. Enquanto colocava o marcador no livro, Fritz apareceu com uma bandeja e levou-a até minha mesa. Vendo que Wolfe desistia de sua leitura, ele piscou para mim em sinal de aprovação, e eu me inclinei para pegar a bandeja. Havia uma tigela de sopa de castanha, uma torrada com pepino e camarão, um sanduíche de rosbife com pão feito em casa, um pouco de agrião, uma maçã assada com vinho branco, e um copo de leite. Uma questão de etiqueta. Quando estamos à mesa na sala de refeições para o almoço ou o jantar, qualquer menção a negócios e trabalho é tabu. A regra jamais foi formalmente estendida a lanches rápidos, mas Wolfe é da opinião de que quando um homem está comendo nada deve perturbar sua concentração no paladar. Depois de abandonar o livro, ele se reclinou na cadeira e fechou os olhos. Após algumas colheradas de sopa eu disse:

— Estou com muita fome para sentir o sabor de qualquer coisa. Pode continuar com a conversa. Seus olhos se abriram.

— Você tem certeza?

— Sim, senhor. Levei mais uma colherada à boca e engoli. — O nome dele estava datilografado nas fotos. Havia também uma fotografia em uma revista. Um rosto que lembra um esquilo com um nariz pontudo e pouco queixo. O sujeito desta tarde tinha um rosto comprido e esquelético e uma testa pronunciada.

— E, se autodenominando Yeager, ele disse que esperava ser seguido a

um endereço específico na Rua 82 Oeste, nas imediações de onde o corpo do verdadeiro Yeager foi encontrado. Há quanto tempo ele estava morto?

— Não sei. A polícia ainda não teve tempo para determinar. Além do que eu lhe contei, tudo que Lon sabia era que o corpo estava dentro de um buraco cavado pelos homens da Con Edison, coberto com uma lona, e foi encontrado por uns garotos que estavam atrás de uma bola que caíra lá dentro.

— Se eu aprovar sua proposta de explorar a possibilidade de encontrar um cliente e cobrar honorários, como você pretende proceder? Engoli a sopa.

— Primeiro vou terminar estes sanduíches, a maçã e o leite. Então pretendo ir à Rua 82. Como o corpo foi encontrado em um buraco, é bem possível que não exista nada que possa ligá-lo àquela vizinhança ou àquele endereço em particular. Ele pode ter sido assassinado em qualquer lugar e levado ali e jogado no buraco. As quadras das ruas 80 até 89 entre Columbus e Amsterdam não são um lugar adequado para um figurão de uma grande corporação. Ali moram em média três ou quatro porto-riquenhos e cubanos em cada quarto. Quero descobrir que tipo de negócio Yeager tinha ali, se é que tinha algum.

— Você pretende ir agora? Esta noite?

— Claro. Assim que esvaziar esta bandeja.

— Quantas vezes eu lhe disse que a impetuosidade é uma virtude apenas quando a protelação é perigosa?

— Umas seis mil vezes.

— Mas você continua teimoso. Pela manhã, poderemos ter muitos detalhes que agora nos faltam. Talvez já não exista mais nenhum problema, exceto a identidade do embusteiro que esteve aqui, e talvez isso já não seja mais interessante. Agora, naturalmente, é. Por quanto tempo ele esteve com você?

— Uns vinte e cinco minutos.

— Poderemos precisar de um registro do que ele disse. Em vez de correr para a Rua 82, você vai passar a noite datilografando. Quero a transcrição integral da conversa. Inclua também uma descrição completa. Pegou o livro e se ajeitou em sua posição de leitura.

Aquilo me ocuparia o resto da noite. Eu ainda preferiria dar uma espiada no número 156 da Rua 82 Oeste, antes que os tiras se interessassem por ele, se é que já não estavam vasculhando por lá, mas Wolfe expusera sua opinião, e era dele o dinheiro que eu passara a Mike Collins.

Datilografar minha conversa com o falso Yeager não foi difícil. Já reproduzi oralmente diversas conversas muito mais longas do que aquela, com mais gente envolvida. Era quase meia-noite quando terminei. Depois de grampear as folhas, original e cópia com papel carbono, e colocá-las em uma gaveta, tirar as orquídeas do vaso da mesa de Wolfe e levá-las para a lata do lixo na cozinha, ele não quer ver flores do dia anterior quando traz novas pela manhã, tranquei o cofre, inspecionei a porta da frente para verificar se estava trancada, e apaguei as luzes. Só aí subi dois lances de escada para meu quarto. Wolfe já estava em sua cama, no andar de cima.

Normalmente desço à cozinha para o café da manhã por volta de 8h30, mas naquela manhã de terça-feira acordei mais cedo, e pouco depois das oito horas eu já estava lá. Queria ir diretamente para a mesinha de leitura onde Fritz costumava colocar meu exemplar do Times, mas a impetuosidade é uma virtude apenas quando a protelação é perigosa. Assim, depois de cumprimentar Fritz, peguei meu copo de suco de laranja, mexi bem e sorvi alguns goles. Só então peguei o jornal. A manchete seria **SOLUCIONADO O ASSASSINATO DE YEAGER?** Não era. O título dizia **EXECUTIVO MORTO A TIROS**. Sentei e tomei outro gole.

Acompanhado de meu suco de laranja, panquecas e linguiça, geleia de morango, e duas xícaras de café, li a notícia no Times e na Gazeta. Vou passar por cima de detalhes como os nomes dos meninos que encontraram o corpo. Seus nomes saíram nos jornais, e isso já lhes basta. Além disso, duvido que eles tenham o hábito de ler livros. Ele recebera um único tiro, acima da orelha direita, à queima-roupa, e morrera instantaneamente. Já estava morto entre dezesseis e vinte e quatro horas quando o corpo foi encontrado, às 19h30, o que indica que foi assassinado entre 19h30 do domingo e 3h30 da segunda-feira. A autópsia poderia fornecer respostas mais definitivas. Não havia nenhum operário no trabalho de escavação na Rua 82 durante toda a segunda-feira, mas a polícia desconfiava que o corpo fora jogado no buraco na noite de domingo. A lona fora deixada ali pelos operários. A polícia não encontrou ninguém que visse Yeager vivo na vizinhança, e ninguém ouviu um tiro por ali. Assim, ele provavelmente foi assassinado em outro lugar e o corpo foi levado até lá.

A filha de Yeager, Anne, estava na faculdade de Bennington. Seu filho, Thomas G. Junior, estava em Cleveland, trabalhando na fábrica da Continental Plastic Products. Yeager e sua mulher saíram de Nova York na

noite de sexta-feira para um fim de semana no interior, visitando alguns amigos; ele voltara à cidade na tarde de domingo, mas a mulher só retornara na manhã de segunda-feira. Não havia ninguém na casa de Yeager na Rua 68 na tarde de domingo. Ninguém sabia nada a respeito dos movimentos de Yeager depois que ele tomou um trem para Nova York em Stanford às 17h02 do domingo. Ninguém fora detido pela polícia, e o promotor de justiça se limitou a declarar que as investigações estavam em andamento.

Na foto do Times ele estava sorrindo como um político. Havia duas fotos na Gazeta, uma era uma reprodução da que eu vira no escritório de Lon, e a outra mostrava o corpo colocado na borda do buraco onde ele fora encontrado. Cortei a foto do Times e a da Gazeta em que ele aparecia ainda vivo e coloquei-as em minha agenda de bolso.

Às 8h51 terminei de tomar meu café, agradei a Fritz pela refeição e lhe disse que talvez não estivesse de volta para o almoço. Fui até o corredor, subi a escada até o quarto de Wolfe e entrei. A bandeja do café da manhã, com pratos vazios, estava sobre a mesa junto à janela, e ao lado dela havia um exemplar do Times. Ele estava em pé diante do espelho junto à cômoda dando o nó em sua gravata borboleta. Como ele sempre vai diretamente do quarto para o viveiro de plantas, onde passa duas horas pela manhã, não entendi o motivo da gravata, talvez ele quisesse ser gentil com as orquídeas. Resmungou um bom dia, ajustou a gravata, e se virou.

— Estou de saída, informei. Instruções?

— A iniciativa foi sua.

— Não, senhor. Isso foi ontem. O senhor está me designando para o caso ou não? Aparentemente todas as informações estão no jornal, a menos que estejam ocultando alguma coisa. Ele já estava morto há pelo menos catorze horas quando aquele idiota me procurou ontem. O que ele disse está na gaveta de minha mesa. De quanto posso dispor para possíveis necessidades?

— O suficiente.

— Algum limite?

— Certamente. O limite ditado por sua prudência e sagacidade.

— Certo. Espere para ver.

Descendo ao escritório, abri o cofre, peguei quinhentos dólares em notas velhas de cinco, dez e vinte dólares do caixa reserva, fechei a porta e

girei a maçaneta. Tirei o paletó, destranquei a gaveta inferior de minha mesa, retirei meu coldre e preendi-o ao corpo. Carreguei a Marley 32 e a guardei na cartucheira. Desde uma experiência desagradável que me acontecera há alguns anos, decidira nunca mais sair só com o punhal em missão envolvendo assassinato. Vesti o paletó e saí para o corredor. Casaco e chapéu? Não gosto dessas coisas. Não havia sol na rua; o boletim meteorológico das 7h30 no rádio previra a possibilidade de algumas pancadas de chuva. Que diabo, gosto de viver perigosamente. Saí, caminhei até a Décima Avenida e tomei um táxi. Pedi ao motorista para me levar a 82 com a Broadway.

É claro que eu não sabia exatamente o que fazer. Improvisaria, exceto com relação à primeira e óbvia providência, que era descobrir se a polícia técnica já terminara seu trabalho. Muitos dos policiais já me conheciam de vista, e sabiam que eu não estaria na cena de um crime só para passar o tempo. Assim, caminhando desde a Broadway e atravessando a Avenida Amsterdam, parei na esquina para estudar à distância o ambiente. Enxergo bem de longe e pude ver o “156” em uma casa que ficava a uns trinta passos dali. Havia inúmeros carros estacionados, para-choque contra para-choque junto ao meio-fio, em ambos os lados, exceto onde barreiras isolavam o buraco na rua; não vi, porém, nenhuma viatura policial.

Que me perdoem os moradores daquela quadra, mas aquilo era uma rua de cortiços. Há cinquenta ou sessenta anos, quando as pedras eram novas e limpas e os metais brilhavam, aquele conjunto de prédios de cinco andares podia ser um endereço elegante da cidade, mas não era mais. Eles pareciam infestados de ratos, e eram realmente, e aposto que desabariam a qualquer minuto se não fossem construídos um encostado ao outro. Não havia muita gente na calçada, e nenhuma criança brincando, pois era horário escolar, mas notei um grupo de pessoas ao redor do buraco, que ficava a uns quinze metros além do número 156. Havia um tira ali cuidando da aglomeração, mas era um policial de trânsito. Não havia sinal de agentes dos homicídios ou do gabinete do promotor de justiça. Atravessei a rua e caminhei ao longo da barreira. Por cima do ombro de uma mulher de vestido púrpura pude ver dois operários dentro do buraco. Isso significava que a polícia técnica terminara seu trabalho. Enquanto permaneci ali olhando para eles, cheguei a cinco conclusões:

1. Yeager tinha alguma ligação com alguém ou alguma coisa no

número 156. Fosse quem fosse o cara que me procurara para me contratar, e qualquer que pudesse ser o jogo dele, independentemente de assassinar Yeager ou não, ele certamente não imaginara aquele endereço tirando-o do chapéu.

2. Se Yeager fosse assassinado em algum outro lugar e o corpo fosse levado para aquele local deliberadamente para impressionar alguém no número 156, por que o cadáver não fora simplesmente jogado na calçada diante daquele prédio? Por que jogá-lo dentro do buraco, descer e cobrir o corpo com uma lona?

3. Se Yeager fosse assassinado em algum outro lugar e o corpo fosse levado para aquele local não deliberadamente, mas acidentalmente, apenas por haver um buraco ali, eu engoliria uma coincidência tão grande que nem mesmo uma baleia conseguiria digerir.

4. Yeager não fora baleado ao entrar ou sair do 156. A qualquer momento da noite, o ruído de um tiro naquela rua faria com que uma dúzia, uma centena de cabeças surgissem nas janelas. Assim, o atirador precisaria sair correndo ou pisar fundo no acelerador. Ele não teria tempo para arrastar o corpo para o buraco, jogá-lo ali dentro, descer e cobri-lo com uma lona.

5. Portanto, Yeager fora assassinado dentro do prédio número 156, em algum momento, depois das 19h30 de domingo e, mais tarde, naquela mesma noite, quando não havia ninguém na rua, o corpo fora arrastado para o buraco, que ficava a apenas quinze metros, e jogado ali dentro. Eu ainda não tinha explicação para a lona, mas nenhuma teoria a explicaria. A lona pelo menos não prejudicava minha linha de raciocínio. Ela poderia ser colocada sobre o cadáver só para adiar a descoberta do corpo, até a chegada dos operários.

No trabalho de detetive é extremamente oportuno ter uma sagacidade que nos leve a conclusões como essas. Assim não precisamos cansar tanto nosso cérebro. Afastei-me da barreira e caminhei os quinze metros até o número 156. Em alguns dos prédios havia uma tabuleta com os dizeres **ALUGAM-SE APARTAMENTOS** na entrada. No 156 não havia, mas vi um aviso pintado a mão, em um pedaço de papelão, preso ao corrimão da escada que levava ao pátio. Ali estava escrito **SUPERENDENTE**, com o erro de grafia e uma flecha apontando para a direita. Então entrei no prédio, desci três degraus, virei à esquerda e passei por uma porta aberta que dava para um pequeno vestíbulo. Ali, diante de meus olhos, surgiu a prova de que havia algo de especial naquele prédio. A porta tinha uma fechadura Rawson. Quem instala uma Rawson é porque quer ter absoluta certeza de que para se

entrar ali ou se deve ter a chave ou usar uma marreta. Além disso, é preciso estar disposto a pagar 61,50 dólares por uma fechadura.

Toquei a campainha. A porta foi logo aberta e, diante de mim, surgiu uma das três mulheres mais bonitas que já vi na vida. Devo ter suspirado ou ficado boquiaberto, a julgar pela maneira com que ela sorriu, um sorriso de rainha para um homem do povo. Ela falou:

— O senhor deseja alguma coisa? Sua voz era baixa e suave.

A única coisa que pensei em dizer naquele instante foi “É claro, desejo casar com você”, mas consegui me conter. Ela devia ter dezoito anos, era alta e esguia, com uma pele da cor do mel que Wolfe costuma receber da Grécia. Aquela garota parecia extremamente orgulhosa de alguma coisa, não de sua aparência. Quando uma mulher sente orgulho de sua aparência, ela fica afetada. Não sei se gaguejei, mas não deveria. Eu disse:

— Gostaria de ver o superintendente.

— O senhor é da polícia? Se ela gostasse de policiais, a única coisa a dizer seria “Sim”. Mas provavelmente ela não devia gostar.

— Não, respondi. Sou jornalista.

— Ainda bem. Virou-se e chamou. — Papai, é um jornalista! Ao falar alto, sua voz era ainda mais maravilhosa do que no tom normal. Virou-se novamente para mim, graciosa como uma gata, e permaneceu ali com seu porte altivo e orgulhoso, quase sorrindo, os olhos negros e abrasadores curiosos como se ela nunca visse um homem antes. Eu sabia muito bem que devia dizer alguma coisa, mas o quê? Tive vontade de perguntar “Quer casar comigo?”, mas não daria certo porque a ideia de vê-la lavando pratos ou costurando meias furadas era absurda. Foi então que me dei conta de uma coisa. Eu colocara meu pé para dentro da soleira da porta, para que ela não a pudesse fechar, e isso estragou tudo. Eu me senti como um detetive particular tentando conseguir um cliente.

Ouvi ruídos de passos e, quando a pessoa se aproximou, a garota se afastou para o lado. Era um homem, um cara atarracado de ombros largos, uns cinco centímetros mais baixo do que ela, com um nariz arrebitado e sobrelanceiras cerradas. Entrei e cumprimentei-o.

— Meu nome é Goodwin. Sou da Gazeta. Desejo alugar um

apartamento. Um apartamento de frente. Ele disse à sua filha:

— Pode ir, Maria, e ela foi embora, seguindo pelo corredor escuro. Ele se virou para mim. Não há vagas.

— Pago cem dólares, só por uma semana, por um simples quarto, ofereci. Pretendo escrever um artigo sobre a cena de um crime após um assassinato. Quero fazer fotos das pessoas que virão ver o local. Uma janela em seu segundo andar seria o ângulo perfeito.

— Já disse que não temos apartamentos nem quartos vagos. Sua voz era profunda e agressiva.

— O senhor pode pedir para alguém mudar para um outro apartamento. Duzentos dólares.

— Não.

— Trezentos.

— Não.

— Quinhentos.

— O senhor é louco. Não.

— Eu não sou louco. O senhor é. Recusando quinhentos dólares! Como é seu nome?

— O nome é meu.

— Pelo amor de Deus. Posso descobrir como o senhor se chama perguntando ao vizinho do lado ou ao guarda que está aí em frente. O que há de errado com ele? O homem me fitou com os olhos semicerrados.

— Não há nada de errado com ele. Meu nome é Cesar Perez. Sou cidadão dos Estados Unidos da América.

— Eu também. O senhor está disposto a me alugar um apartamento por uma semana por quinhentos dólares adiantados e em dinheiro vivo?

— Mas eu já lhe disse... Gesticulou com as mãos e os ombros. Não tenho nenhum apartamento nem quarto vago. Aquele homem morto aí em frente é uma coisa ruim. Tirar fotos das pessoas da janela deste prédio, não. Mesmo que eu tivesse um apartamento para alugar. Decidi ser impetuoso. Qualquer protelação podia ser perigosa, pois a Homicídios ou o gabinete do promotor de justiça podia descobrir uma ligação entre Yeager e aquele prédio a qualquer momento. Tirei minha carteira do bolso, abri-a e mostrei-a a ele.

— O senhor consegue ver com esta iluminação? Perguntei. Ele nem tentou.

— O que é?

— Minha licença. Não sou jornalista. Sou detetive particular, e estou investigando o assassinato de Thomas G. Yeager. Ele me fitou com os olhos

semicerrados, outra vez. Empurrou a licença em minha direção. Seu peito arfava. Ele estava tendo dificuldade em respirar.

— O senhor não é da polícia?

— Não.

— Então saia daqui. Saia já deste prédio. Declarei a três policiais diferentes que não sei de nada sobre aquele homem no buraco, e um deles chegou a me insultar. Saia daqui.

— Tudo bem, a casa é sua. Guardei a carteira com a licença no bolso. Mas vou lhe dizer o que vai acontecer se o senhor me expulsar daqui. Dentro de meia hora, uma dúzia de policiais vasculhará o prédio inteiro, com mandado de busca. Eles não deixarão pedra sobre pedra. Vão revistar todo mundo aqui, a começar por sua filha, e interrogarão cada um que entrar. E eles agirão assim por que eu contarei a eles que posso provar que Thomas G. Yeager veio a este prédio na noite de domingo, e que foi assassinado aqui.

— É mentira. O senhor está mentindo como aquele outro policial. Isso é um insulto.

— Tudo bem. Primeiro vou chamar o policial que está aí em frente e vou pedir que ele entre e fique aqui de guarda, de tal modo que o senhor não possa avisar ninguém. Virei-me de costas para ele.

Consegui meu intento. Com os tiras ele estava escolado naturalmente, mas eu agira de maneira inesperada e o pegara desprevenido. E ele não era nenhum retardado mental. Aquele homem percebeu que, mesmo que não conseguisse provar, eu devia ter argumentos suficientes para fazer com que a polícia invadisse sua casa e o pusesse contra a parede. Quando me virei ameaçando sair, ele deu um passo à frente e agarrou minha manga. Virei-me para encará-lo e ali estava ele, o queixo tremendo de raiva. Perguntei, sem nenhuma hostilidade, assim como quem não quer nada:

— O senhor o matou?

— O senhor é um policial.

— Não sou. Meu nome é Archie Goodwin, e trabalho para um detetive particular chamado Nero Wolfe. Esperamos cobrar nossos honorários pela investigação deste caso. É assim que ganhamos a vida. Portanto, serei honesto: preferimos descobrir por nossos próprios esforços o motivo pelo qual Yeager esteve aqui, em vez de pedir à polícia que faça isso. Mas se o senhor não cooperar, terei de chamar aquele tira lá fora. O senhor o matou? Ele se virou e olhou para o fim do corredor. Aproximei-me mais um pouco,

agarrei-o pelos ombros, e fiz com que ele olhasse para mim. — O senhor o matou?

— Eu tenho uma faca. Em minha casa tenho o direito de usá-la.

— Claro. Só que eu tenho isto. Saquei a Marley do coldre. — E tenho licença para usar esta arma. O senhor o matou?

— Não. Quero ver minha mulher. Ela pensa melhor do que eu. Minha mulher e minha filha. Eu quero... Uma porta três metros mais adiante no corredor foi aberta, e ouvi uma voz de mulher dizer:

— Estamos aqui, Cesar, e ali estavam elas.

A que se aproximava era uma mulher alta e carrancuda, com um ar de durona. Maria permaneceu junto à porta. Perez começou a falar alguma coisa em espanhol para sua mulher, mas ela o interrompeu.

— Pare com isso! Ele vai pensar que temos segredos. Com os americanos devemos falar em inglês. Fitou aqueles grandes olhos negros em mim. — Nós ouvimos o que o senhor disse. Eu sabia que isso ia acontecer, só que achei que seria alguém da polícia. Meu marido é um homem honesto. Ele não matou o senhor Yeager. Nós o chamamos de Mr. Houser porque a casa é dele. Como é que o senhor sabe? Recoloquei a Marley no coldre.

— Já que estou sabendo, senhora Perez, isso importa agora?

— Não, fui uma idiota em perguntar. Muito bem, comece a fazer suas perguntas.

— Eu gostaria que seu marido as respondesse. Talvez demore um pouco. A senhora tem uma sala com cadeiras?

— Eu as responderei. Só os amigos costumam entrar em nossa sala. O senhor estava ameaçando meu marido com uma arma.

— Era só para mostrar. Tudo bem, se suas pernas podem aguentar, as minhas também podem. A que horas o senhor Yeager chegou aqui no domingo?

— Pensei que o senhor soubesse.

— Eu sei. Só estou querendo saber como a senhora vai responder. Se me der muitas respostas erradas, interrogarei seu marido, ou a polícia o fará. Ela pensou por alguns instantes.

— Ele chegou por volta de sete horas da noite.

— Ele veio para ver a senhora, seu marido ou sua filha?

— Não.

— Quem ele veio ver?

— Não sei. Não sabemos.

— Tente outra vez. Estamos perdendo tempo. Não pretendo ficar aqui o dia inteiro tirando informações da senhora com um conta-gotas. Ela me olhou fixamente.

— O senhor já esteve aqui alguma vez?

— Eu faço as perguntas, senhora Perez. Quem ele veio ver?

— Não sabemos. Virou-se. Pode ir, Maria.

— Mas mamãe, não é...

— Vá! Maria se afastou para dentro e fechou a porta. Ainda bem, porque eu estava fazendo um grande esforço em não ficar olhando para ela. A mãe voltou a falar comigo.

— Ele chegou por volta das sete horas da noite e bateu na porta. Naquela ali. Apontou para a porta que Maria acabara de fechar. Ele conversou com meu marido e lhe deu algum dinheiro. Então ele seguiu pelo corredor em direção ao elevador. Não sabemos se havia alguém lá em cima ou se alguém chegou mais tarde. Estávamos assistindo televisão, e não ouvimos ninguém entrar e tomar o elevador. Afinal de contas, não era da nossa conta. A porta da frente tem uma boa fechadura. Não é um absurdo não saber quem ele veio ver.

— Onde fica o elevador?

— Nos fundos. Ele tem uma fechadura também.

— A senhora perguntou se eu já estivera lá em cima. A senhora já esteve?

— É claro. Todos os dias. Eu cuido da limpeza.

— Então a senhora tem uma chave. Vamos até lá em cima agora. Comecei a andar.

Ela olhou para o marido, hesitou, olhou para mim, caminhou e abriu a porta que Maria fechara e disse alguma coisa em espanhol. Nós três começamos a caminhar pelo corredor, ela na frente, seguida por Perez e por mim. No fim do corredor, ela tirou uma chave do bolso de sua saia e colocou-a no buraco da fechadura de uma porta de metal, outra fechadura Rawson. A porta, de alumínio ou de aço inoxidável, se abriu. Evidentemente aquela porta não combinava com aquele corredor, nem o interior do elevador, mais aço inoxidável, com painéis vermelhos esmaltados em três dos lados. Era um elevador pequeno, menor do que o da casa de Wolfe. Subiu, silenciosamente e com suavidade até o último andar, a porta se abriu e saímos.

Pela segunda vez em uma hora ficara boquiaberto quando Perez acendeu as luzes. Já vi muitos ambientes onde as pessoas exageraram na decoração, mas aquele superava todos os outros. Talvez fosse o forte contraste com a vizinhança, com a rua e a aparência exterior do prédio, mas aquele ambiente seria estupendo em qualquer lugar. O que mais impressionava era a textura de seda e peles. A seda, principalmente nas cores vermelha e amarela, estava nas paredes e no forro e nos sofás. A pele estava nos tapetes. Além disso, havia muita pele humana, das garotas e mulheres nos quadros e fotos que enfeitavam um terço do espaço das paredes. Em todas as direções havia peles nuas. O carpete amarelo, que cobria o assoalho de parede a parede, também era de seda, ou parecia ser. O aposento era enorme, seis metros e meio de largura e o comprimento que pegava toda a extensão do prédio. Não havia janelas. Perto da parede da direita, voltada para o centro, havia uma cama grande com cobertas de seda amarela. Como o amarelo era a cor preferida de Wolfe, achei uma pena ele não estar ali comigo. Senti um suave aroma no ar. O aparelho de ar condicionado exalava um delicado perfume. Não havia muitas superfícies onde eu pudesse procurar impressões digitais, as superfícies de duas mesas, um console onde ficava o televisor, uma mesinha com um telefone. Virei-me para a Sra. Perez.

- A senhora limpou aqui depois da noite de domingo?
- Sim, ontem pela manhã. Então não havia mais o que procurar.
- Onde fica a porta que dá para a escada?
- Não há escada.
- A porta lá embaixo está pregada com tábuas, informou Perez.
- O elevador é a única maneira de subir?
- Sim.
- Há quanto tempo tem sido assim?
- Há quatro anos. Desde que ele comprou o imóvel. Nós já estamos aqui há dois anos.
- Com que frequência ele vinha aqui?
- Não sabemos.
- É claro que sabem, se a senhora disse que costumava vir aqui todos os dias para limpar... Com que frequência?
- Talvez uma vez por semana, talvez mais. Virei-me para Perez.
- Por que você o matou?
- Não. Cerrou os olhos. Eu? Não.
- Quem foi?

— Não sabemos, interferiu sua mulher. Ignorei-a.

— Olhe, disse a ele, — Não quero entregá-lo às autoridades, a menos que seja forçado. O senhor Wolfe e eu gostaríamos de mantê-lo fora das grades. Mas se o senhor não se abrir, não teremos outra opção. E talvez não tenhamos muito tempo. Encontraram muitas impressões digitais na lona que estava cobrindo o corpo. Sei que ele foi assassinado neste prédio. Se uma daquelas impressões digitais combinar com as suas, adeus. O senhor estará perdido. Como ele foi assassinado neste prédio, o senhor sabe alguma coisa. O quê? Ele se virou para sua mulher:

— Felita? Ela estava olhando para mim, aqueles olhos negros e penetrantes fixos em meu rosto.

— O senhor é detetive particular, disse ela. O senhor disse a meu marido que é assim que ganha a vida. Então nós lhe pagaremos. Temos algum dinheiro, não muito. Cem dólares.

— Por que a senhora quer me pagar?

— Para ser nosso detetive.

— E investigar o quê?

— Nós lhe diremos. Temos dinheiro lá embaixo.

— Primeiro trabalharei para ganhar o dinheiro. Muito bem, serei seu detetive, mas posso deixar de sê-lo a qualquer momento, por exemplo, se eu chegar à conclusão de que quem matou Yeager foi a senhora ou seu marido. O que a senhora quer que eu investigue?

— Queremos que o senhor nos ajude. O que o senhor disse sobre as impressões digitais. Eu disse a meu marido que ele devia usar luvas, mas ele não me ouviu. Não sabemos como o senhor sabe tantas coisas, mas imaginamos o que poderá acontecer se o senhor contar à polícia sobre este apartamento. Nós não matamos Mr. Houser. O senhor Yeager. Não sabemos quem o matou. Meu marido carregou seu corpo já sem vida e o colocou naquele buraco porque precisávamos fazer alguma coisa. Ele chegou aqui na noite de domingo e pediu que meu marido fosse ao Mondor's à meia-noite e comprasse algumas coisas, caviar, faisão assado e coisas assim, e quando meu marido voltou com as compras ele já estava morto. Apontou. Ali no chão. Que mais podíamos fazer? Ele costumava vir aqui em segredo. O que aconteceria se telefonássemos para a polícia? Nós sabíamos o que iria acontecer. Por isso agora estamos dispostos a pagar para que o senhor nos ajude. Talvez até mais do que cem dólares. Para que o senhor descubra... Ela se virou de repente. Ouvimos um ruído do elevador, um click, e então um som suave de atrito, quase inaudível. Perez comentou:

— Está descendo. Há alguém lá embaixo.

— Sim, concordei. Quem?
— Não sabemos, respondeu a Sra. Perez.
— Logo saberemos. Fiquem onde estão, vocês dois. Saquei meu Marley.
— Deve ser um policial, disse Perez.
— Não, discordou ela. Eles não têm a chave. Um policial não poderia ter as chaves de Mr. Houser porque nós as tiramos lá de baixo.
— Calem-se, ordenei. Já que sou seu detetive, façam o que eu mandar. Não conversem e não se movam.

Ficamos ali olhando a porta do elevador. Aproximei-me da parede e encostei minhas costas ali, a um metro da porta do elevador. Como ele estava aqui em cima quando o visitante chegou, e ele tivera de apertar o botão para levá-lo para baixo, quem quer que chegue saberia que havia alguém aqui em cima e já podia sair do elevador com o dedo no gatilho, que era onde estava o meu. Ouvimos novamente aquele som do motor, então um click, a porta se abriu, e uma mulher saiu do elevador. Ela estava de costas para mim, olhando para a Sra. Perez.

— Graças a Deus é a senhora, disse ela.
— Nós não a conhecemos, disse a Sra. Perez.

Eu a conhecia. Eu dera um passo para o lado e podia ver seu perfil. Era Meg Duncan, uma artista de teatro que eu vira na semana anterior de uma poltrona na quinta fila, interpretando o papel principal na peça **THE BACK DOOR TO HEAVEN**.

*

QUATRO

SE ALGUMA VEZ na vida você puder escolher entre ser atacado por um homem do seu tamanho ou por uma mulher cuja altura chegue apenas ao seu queixo, eu o aconselho a optar pelo homem. Se ele estiver desarmado, existe a probabilidade de que o pior que poderá acontecer será ele derrubá-lo no chão, mas só Deus sabe o que a mulher será capaz de fazer. E você pode derrubá-lo primeiro, mas não poderá jogar uma mulher no chão. Meg Duncan pulou para cima de mim exatamente como uma mulher do tempo das cavernas pularia sobre seu homem, ou sobre qualquer outro homem, mil anos atrás, suas garras buscando meu rosto e sua boca aberta pronta para morder. Só existiam duas alternativas: ficar muito longe ou muito perto, e achei melhor ficar bem perto dela. Aproximei-me dela, evitando aquelas garras, e segurei-a firmemente. Em um segundo, eu estava controlando a situação. Sua boca continuava aberta, mas em busca de ar, não para morder. Fiquei por trás dela segurando seus braços. Nessa posição, o pior que podia me acontecer era levar um pontapé na canela. Ela respirava com dificuldade. Acho que eu estava apertando seu braço direito com muita força porque minha arma estava em minha mão e o cabo estava sendo pressionado contra ela. Quando eu a soltei para guardar a Marley em meu coldre, ela não se mexeu. Dei um passo atrás.

— Eu sei quem a senhora é. Assisti a sua peça na semana passada, a sua interpretação foi maravilhosa. Não sou da polícia, sou um detetive particular. Trabalho para Nero Wolfe. Quando puder voltar a respirar normalmente, gostaria que a senhora me contasse por que está aqui. Ela se virou, lentamente. Ela demorou cinco segundos para dar meia volta e me olhar de frente.

— Você me machucou.

— Não devo me desculpar de nada. Um aperto no braço e alguns ferimentos não são nada em comparação com o que a senhora tinha em mente.

Ela esfregou o braço, a cabeça jogada para trás para me olhar, ainda respirando com a boca aberta. Fiquei surpreso por tê-la reconhecido. No palco ela era extremamente bonita. Agora era apenas uma mulher de trinta anos com um rosto de beleza apenas razoável, vestia um tailleur cinza e um pequeno chapéu, mas evidentemente ela estava muito nervosa.

— Você é Archie Goodwin de Nero Wolfe?

— Não. Sou o meu Archie Goodwin. Sou assistente confidencial de Nero Wolfe.

— Já ouvi falar de você. Ela já estava quase conseguindo respirar apenas pelo nariz. Sei que você é um cavalheiro. Esticou a mão para tocar minha manga. Vim aqui para pegar uma coisa que me pertence. Vou pegá-la e depois vou embora. Certo?

— O que é?

— É uma coisa que tem minhas iniciais. Uma cigarreira.

— Como foi que ela chegou aqui? Ela tentou sorrir, como uma lady para um gentleman, mas foi um esforço inútil. Uma atriz famosa poderia se sair melhor, mesmo sob tensão.

— Isso importa, senhor Goodwin? É minha. Posso descrevê-la. É uma cigarreira de ouro maciço, com uma esmeralda em um canto em um dos lados e minhas iniciais no outro. Sorri como um gentleman para uma lady.

— Quando a senhora a deixou aqui?

— Eu não disse que a deixei aqui.

— Foi na noite de domingo?

— Não. Eu não estive aqui na noite de domingo.

— A senhora matou Yeager?

Ela me esbofeteou. Isto é, tentou me esbofetear. Aquela mulher era muito impetuosa. E também era rápida, mas eu sou mais rápido do que ela. Agarrei seu pulso e torci-o ligeiramente, não o suficiente para machucar muito, e soltei-a. Percebi um brilho em seus olhos, e ela ficou mais parecida com a Meg Duncan que eu conhecia.

— Você é um homem, não é? Perguntou.

— Posso ser. Neste momento sou apenas um detetive no cumprimento do dever. A senhora matou Yeager?

— Não. Claro que não. Sua mão se aproximou de mim outra vez, mas só para tocar minha manga. Deixe-me pegar minha cigarreira e ir embora. Balancei negativamente a cabeça.

— Terá de ficar sem ela durante algum tempo. A senhora sabe quem matou Yeager?

— Claro que não. Seus dedos se fecharam em meu braço, sem apertar com força, apenas um toque. — Sei que não posso suborná-lo, senhor Goodwin. Eu o conheço o suficiente para saber que o senhor não se deixa corromper, mas os detetives fazem coisas pelas pessoas, não fazem? Posso lhe pagar para fazer uma coisa para mim, não posso? Já que não posso pegar minha cigarreira, o senhor poderá pegá-la para mim e guardá-la em um lugar seguro. O senhor poderá me devolvê-la mais tarde, quando julgar apropriado, pouco me importa quanto tempo possa demorar, desde que o senhor a guarde para mim. Seus dedos apertaram meu braço um pouco mais. Estou disposta a pagar quanto o senhor quiser. Digamos, mil dólares?

As coisas estavam melhorando, mas também estavam ficando meio complicadas. Às 16h30 de ontem não tínhamos nenhum cliente nem qualquer perspectiva de vir a ter algum. Então um entrou no escritório, mas era um cliente falso. Depois a Sra. Perez me oferecera cem dólares e talvez mais. Agora uma nova cliente estava me oferecendo mil dólares. Eu estava conseguindo clientes, é verdade, mas clientes demais pode ser uma situação pior do que clientes de menos. Olhei para ela.

— Pode dar certo. Só que há um problema. Eu na verdade não posso aceitar ser seu detetive. Trabalho para Nero Wolfe. Ele é que aceita os casos. Vou revistar este apartamento e, se encontrar sua cigarreira, como decerto a encontrarei se estiver aqui, eu a levarei comigo. Dê-me suas chaves, da porta lá de baixo e do elevador. Seus dedos soltaram meu braço.

— Devo dá-las ao senhor?

— Certo. A senhora não irá precisar mais delas. Consultei meu relógio de pulso. — São dez e trinta e cinco. A senhora não terá matinê hoje. Esteja no escritório de Nero Wolfe às duas e meia. Número 618 da Rua 35. Sua cigarreira estará lá, e a senhora poderá combinar o pagamento com o senhor Wolfe.

— Mas por que você não pode...

— Não. É assim que vai ser, e tenho outras coisas a fazer. Estendi a mão. As chaves.

— Por que não posso...

— Já disse que não. Não vamos discutir e não temos tempo. Que diabo, estou lhe dando uma chance. As chaves.

Ela abriu a bolsa, procurou, tirou dali um chaveiro de couro, entregou-o a mim. Notei duas chaves Rawson, que não são iguais às outras, mostrei-as a Perez, e perguntei se aquelas eram as chaves da porta e do elevador. Ele deu uma olhada e respondeu afirmativamente. Coloquei-as no bolso, apertei o botão para abrir a porta do elevador e disse a Meg Duncan:

— Até logo. Duas e meia esta tarde.

— Por que não posso ficar até você encontrar...

— Nada feito. Estarei muito ocupado e não quero companhia. Ela entrou no elevador, a porta se fechou, ouvimos o click e o som do motor. Virei-me para Perez.

— O senhor nunca a viu antes.

— Não. Nunca.

— Nem quando trouxe as coisas aqui para cima à meia-noite?

— Eu apenas vi o senhor Yeager. Ela podia estar no banheiro.

— Onde fica o banheiro? Ele apontou. Perguntei para sua mulher.

— Quando ela a viu, exclamou, “Graças a Deus é a senhora”. Ela assentiu.

— Eu a ouvi. Ela me viu algum dia em que veio aqui, no corredor, ou talvez minha porta tenha ficado aberta. Nós não a conhecemos. Nunca a vimos.

— É incrível a quantidade de coisas que vocês não sabem. Tudo bem, por enquanto. Vou demorar algumas horas e terei de esperar porque tenho coisas a fazer. Tenho uma pergunta agora ao senhor, senhor Perez: Quando colocou o cadáver no buraco, por que desceu até o fundo e cobriu-o com a lona? Ele ficou surpreso.

— Mas ele estava morto! A gente sempre deve cobrir um ser humano morto! Eu sabia que a lona estava ali, eu já a vira.

Foi exatamente nesse momento que cheguei à conclusão de que Cesar Perez não matara Thomas G. Yeager. Possivelmente sua mulher o assassinara, mas não ele. Qualquer um que estivesse ali olhando para ele no momento da resposta também chegaria à mesma conclusão. Quando eu estivera conjecturando sobre a lona, a explicação mais simples não me ocorreu: que há muito tempo as pessoas costumavam cobrir os cadáveres para preservá-los dos urubus, e aquilo se transformou em um hábito.

— Foi uma atitude decente, comentei. É uma pena que o senhor não tenha usado luvas. Muito bem, por enquanto isto é tudo. Tenho trabalho a

fazer. Vocês me ouviram dar àquela mulher o endereço de Nero Wolfe, no número 618 da Rua 35. Estejam lá as seis esta tarde, vocês dois. Sou seu detetive temporariamente, mas ele é o chefe. Vocês certamente precisam de ajuda, e depois que tiverem contado a ele a versão de vocês, veremos o que poderá ser feito. Onde estão as chaves de Yeager? Não digam “Não sabemos”. A senhora me informou que ficou com elas. Onde estão?

— Estão guardadas em um lugar seguro, disse ela.

— Onde?

— Dentro de um bolo. Eu fiz um bolo e coloquei-as ali dentro. São doze chaves dentro do bolo.

— Inclusive as chaves da porta e do elevador?

— Sim.

Avaliei minha situação. Eu já estava caminhando sobre uma fina camada de gelo, e se pegasse alguma coisa que fosse retirada do corpo de Yeager, não haveria mais nenhum gelo entre mim e a acusação de supressão de provas. Não.

— Não corte o bolo, sugeri, — E se certifique de que ninguém o faça. Vocês pretendem ir a algum lugar hoje?

— Não precisamos ir a nenhum lugar.

— Então não saiam daqui. Estejam no escritório de Nero Wolfe às seis da tarde, mas nós ainda nos veremos quando eu descer, provavelmente dentro de uma hora, mais ou menos.

— O senhor vai tirar alguma coisa daqui?

— Não sei. Se tirar eu as mostrarei a vocês, inclusive a cigarreira. Se eu levar alguma coisa que vocês achem que não deveria, podem chamar aquele policial que está ali em frente.

— Não podemos fazer isso, disse Perez.

— Ele está fazendo uma piadinha, falou a mulher. Apertou o botão para fazer o elevador subir. — Este é um dia ruim, Cesar. Teremos muitos dias ruins, e ele fazendo piadinhas. O elevador fez um click quando chegou, ela apertou outro botão, a porta se abriu, e os dois entraram ali e desceram.

Inspecionei o ambiente com os olhos. Na extremidade de um painel de seda vermelha, à esquerda, havia uma placa retangular de metal, ou talvez fosse de ouro. Aproximei-me e empurrei-a, e ela cedeu. O painel era uma porta. Abri-a completamente e entrei em outro ambiente. Era a cozinha. As paredes eram revestidas de ladrilhos vermelhos, os armários e as prateleiras

eram de plástico amarelo, e a pia e os aparelhos eletrodomésticos, inclusive a geladeira e o fogão elétrico, eram de aço inoxidável. Abri a porta da geladeira, vi que estava bem sortida e fechei-a. Abri uma porta do armário e vi nove garrafas de champanhe Dom Perignon deitadas em uma prateleira de plástico. Achei que não havia mais nada a procurar na cozinha, por enquanto. Voltei ao aposento principal e caminhei toda a extensão do tapete amarelo, circundado por seda e peles, até a outra extremidade, onde havia uma outra placa de metal ou ouro, em um painel. Abri a porta e vi que era o banheiro. Achei bonito. As paredes eram todas cobertas por espelhos e mármore, mármore vermelho com algumas manchas e riscas amarelas. A banheira, suficientemente grande para acomodar duas pessoas, era do mesmo material. Dois dos espelhos eram portas de armários, e acomodavam uma quantidade tal de diferentes produtos cosméticos que contentaria um harém.

Voltei para o cômodo das sedas e das peles. Não havia gavetas em nenhum lugar e nenhum móvel que pudesse abrigar pedaços de papel onde alguém pudesse escrever alguma coisa. Não havia nada sobre a mesinha do telefone, além do telefone, que era amarelo, e a lista, acondicionada em uma pasta de couro vermelho. Mas na parede, em frente à cama, não havia móveis em cerca de três metros de sua extensão, e a seda naquele espaço apresentava pequenas dobras, como se fosse uma cortina, em vez de se apresentar lisa como no restante das paredes. Fui até ali e empurrei a seda. O painel se abriu revelando diversas gavetas, feitas com uma madeira que me pareceu mogno, só que mais avermelhada. Abri uma delas. Chinelos femininos, uma dúzia de pares colocados em duas fileiras, de várias cores, formatos e tamanhos. Os tamanhos variavam desde muito pequenos até exageradamente grandes.

Inspecionei apenas cinco outras gavetas antes de me dirigir ao telefone. Foi suficiente para que eu soubesse que Meg Duncan não era a única pessoa a ter as chaves da porta e do elevador. Havia uma outra gaveta de chinelos, novamente com diversas cores e tamanhos, e duas gavetas de camisolas, uma coleção especialíssima. Depois que desdobrei oito delas e coloquei-as sobre a cama para compará-las, e descobri que também cobriam uma ampla variedade de tamanhos, é que fui ao telefone e disquei um número. Havia uma possibilidade de que ele estivesse grampeado ou que houvesse uma extensão, mas era uma probabilidade tão pequena que preferi assumir o risco para não precisar sair dali e procurar um telefone público.

Saul Panzer, cujo número eu discara, era o detetive freelance que costumávamos chamar quando precisávamos de um serviço de primeiríssima qualidade. Mas sua empregada atendeu e disse que o Sr. Panzer estava fora e que ela não tinha meios de entrar em contato com ele. Perguntou se eu queria deixar algum recado. Respondi que não e disqueei outro número, o telefone de Fred Durkin, a segunda melhor opção. Consegui falar com ele. Fred me informou que não tinha nada para fazer durante o dia.

— Então agora já tem. Faça uma mala com roupas para uma semana. Provavelmente será menos, mas pode ser mais. Venha como estiver, não será necessário vestir terno e gravata, mas traga uma arma. Você provavelmente não a usará, mas é bom trazer. Venha ao número 156 da Rua 82 Oeste, térreo, passe pelo superintendente e toque a campainha da porta. Você será atendido por um homem ou uma mulher. Eles devem ser cubanos ou porto-riquenhos, não sei ao certo. Falam inglês. Dê-lhe seu nome e pergunte por mim, e você terá o prazer e a honra de ser trazido à minha presença. Não se apresse. Você tem três minutos para fazer sua mala com tudo que quiser.

— Rua 82, disse ele. Assassinato. Como era mesmo o nome dele? Yeager.

— Você anda lendo demais, está mórbido e anda tirando conclusões apressadas. Faça sua mala e fique de boca fechada. Desliguei.

Dobrar delicadas camisolas realmente não é trabalho para homem, demora, mas consegui, porque um detetive deve sempre deixar um local exatamente como o encontrou. Coloquei-as de volta à gaveta, apertei o botão para chamar o elevador, desci e caminhei em direção a uma porta aberta, a primeira à esquerda no corredor.

A família Perez estava tendo uma reunião na cozinha. Pai e mãe estavam sentados, Maria estava em pé. Aquele lugar era mais iluminado do que a frente do corredor e, com aquela garota, quanto mais luz melhor. Olhando para ela, qualquer homem com sangue nas veias pensaria: “Que diabo, eu poderia lavar os pratos e costurar as meias furadas por ela”. A camisola bege com um laço na parte superior, tamanho médio, serviria perfeitamente naquele corpo. Consegui desviar meus olhos para seus pais e falei:

— Dentro de pouco tempo estará aqui um homem alto e gordo. Ele lhes dará seu nome, Fred Durkin, e perguntará por mim. Podem deixá-lo subir.

A Sra. Perez teve exatamente a reação que eu já esperava, dizendo que não. Tinha o direito de contar a outras pessoas sobre aquele lugar, que eles iam me pagar e coisas do gênero. Não desejando começar a discutir com nossos clientes, levei quatro minutos para explicar o motivo pelo qual eu precisava deixar Fred ali enquanto saía. Consegui acalmá-la, dei mais uma olhada rápida em Maria, tomei o elevador de volta lá para cima, e continuei a vasculhar as gavetas a partir do ponto em que parara. Não vou tomar tempo e espaço para fazer o leitor uma lista de tudo que encontrei, mas desejo apenas dizer que tudo que você puder imaginar ser necessário para um apartamento daqueles estava ali. Faço questão de mencionar somente dois detalhes: primeiro, que havia só uma gaveta de roupas masculinas, e os seis pijamas eram todos do mesmo tamanho; segundo, que a gaveta onde encontrei a cigarreira de Meg Duncan era na verdade uma gaveta de despejos. Achei ali três lenços de mulher, usados, um estojo de maquiagem compacto, uma sombrinha, uma caixa de fósforos do Terry's Pub, e outras coisas. Eu acabara de recolocar tudo na gaveta e já a estava fechando, quando ouvi o click do elevador.

Provavelmente era Fred, mas era possível que fosse outra pessoa. Assim, saquei a Marley de meu coldre e me encostei à parede, perto da porta do elevador. Não dava para ouvir vozes vindas lá de baixo. O lugar tinha tantos materiais fonoabsorventes que não se podia ouvir nada, além de uma leve sugestão do barulho do trânsito da rua, um ruído mais sentido do que ouvido. Pouco depois, ouvi o segundo click, a porta se abriu, e Fred saiu do elevador. Deteve-se e virou a cabeça, para a direita e para a esquerda, até me ver. Deu mais uma olhada no apartamento e exclamou:

— Meu Deus do céu!

— Este é seu novo lar, informei. Espero que você seja feliz aqui. A ideia é você admirar todas essas mulheres nos quadros e escolher a de sua preferência. Sugiro aquela que está sentada junto a um canteiro de rosas. Se ela pode aguentar os espinhos, poderá aguentar você. Ele colocou a mala no chão.

— Sabe, Archie, nunca consegui entender por que você nunca se

casou. Há quanto tempo você tem este apartamento?

— Uns dez anos, eu acho. Tenho outros aqui e ali, espalhados pela cidade. Vou emprestar este para você durante algum tempo. Cozinha, banheiro, TV, serviço de quarto. Você gosta?

— Meu Deus. Sou um homem casado!

— É. Isso é ruim. Eu gostaria de ficar e explicar os quadros para você, mas preciso sair. Mas vamos ao que interessa: se chegar alguma visitante, alguém deverá estar aqui para recebê-la. Pode ser um homem, porém é mais provável que seja uma mulher. É possível também que não apareça ninguém. Se uma visitante chegar, poderá ser a qualquer hora, do dia ou da noite. Quanto menos você souber melhor. Basta que saiba que; se ela sair deste elevador você tem todo o direito de impedir que ela volte a entrar ali. E não existe nenhum outro meio de sair daqui. Você pode se identificar ou não. Deixo isso a seu critério. Telefone-me, e virei imediatamente para cá. Ele estava me olhando, meio incrédulo.

— Ficar sozinho com uma mulher, forçando-a a permanecer aqui, não é uma coisa boa.

— Você não precisará tocá-la, a menos que ela comece.

— E se ela botar a cabeça para fora de uma janela e chamar a polícia?

— Ela não terá essa chance. Não há janelas, e ela não vai querer que ninguém saiba que ela está aqui, muito menos um tira. A única coisa que ela vai querer é sair daqui, e depressa. Ele ainda estava franzindo as sobrancelhas.

— O buraco onde o corpo de Yeager foi encontrado fica aqui quase em frente. Talvez eu devesse saber um pouquinho mais.

— Não por mim. Por que tocar no assunto de Yeager? Ele está morto. Li no jornal. Se o telefone tocar, atenda-o e pergunte quem é, para ver o que acontece, mas não diga quem você é. Aquela é a porta que dá para a cozinha. Aponte. A geladeira está repleta de coisas sofisticadas. Se tiver fome, pode se servir. As pessoas lá de baixo são o senhor Cesar Perez, sua mulher e a filha do casal. Você viu Maria?

— Não.

— Vou casar com ela assim que encontrar tempo. Vou pedir à senhora Perez que lhe traga um pão e, se você quiser qualquer coisa, peça a ela. A mulher e o marido estão andando na corda bamba, e contam comigo para lhes estender uma rede de segurança. Muito bem, se divirta com os quadros. Você jamais poderá ter uma chance melhor para estudar anatomia. Abri a porta do elevador.

— E se um homem vier aqui?

— Nenhum homem virá. Se vier, o plano é o mesmo. Por isso pedi que você trouxesse uma arma.

— E se for um tira?

— Uma chance em um milhão. Nem mesmo isso. Diga a ele que você esqueceu seu nome, e ele terá de telefonar para mim no escritório de Nero Wolfe. Então saberei o que aconteceu.

— Nessa altura, eu estarei na cadeia.

— Certo. Mas não por muito tempo. Tiraremos você de lá no Natal com a maior facilidade. Há uns duzentos e cinquenta gramas de caviar na geladeira, no valor de uns vinte dólares. Aproveite.

Entrei no elevador. No térreo expliquei a situação à Sra. Perez, e lhe pedi que levasse um pão lá para cima, e saí do prédio. Meu relógio marcava meio-dia em ponto. Segui em direção à Avenida Columbus para pegar um táxi.

*

CINCO

AS 13H05, WOLFE, sentado à sua mesa, resmungou para mim.

— Seu objetivo era encontrar um cliente aceitável, não um casal de patifes que provavelmente mataram o homem, e uma outra desgraçada que lhe oferece uma alta recompensa por uma cigarreira. Reconheço sua sagacidade, sua agudeza, sua iniciativa, e até lhe dou os parabéns, mas se você descobriu os culpados, como parece provável, para onde pretende enviar a conta?

Eu fizera a ele um relatório completo, omitindo apenas um detalhe: a descrição pormenorizada de Maria. Ele bem que seria capaz de imaginar, ou dar a entender, que eu estava tendo uma atitude parcial a favor do casal Perez por causa da filha deles. Eu descrevera o lugar completa e minuciosamente, e até incluía meu problema de dobrar as camisolas. Admitira que tentara entrar em contato com Saul Panzer (dez dólares a hora), e que conseguira contratar Fred Durkin (sete dólares e meio a hora) só porque Saul não estava em casa.

— Eu me recuso a vê-los, disse Wolfe. Eu sabia, ou julgava saber, onde é que a coisa estava pegando, mas precisava ir com calma. Assenti pensativamente.

— É claro que os dois podem assassiná-lo, concordei, — Mas aposto cinco contra um que eles não são os culpados. Pelos motivos que já lhe dei. A maneira de falar e a expressão do senhor Perez quando ele me contou o motivo pelo qual cobriu o corpo com a lona. O fato de que a mulher permitiu que a filha abrisse a porta quando toquei a campainha. Se assassinasse o homem, ela atenderia pessoalmente. Mas, sobretudo pelo fato de que com Yeager vivo, eles continuariam a viver numa boa. E evidente que Yeager estava pagando um bom dinheiro ao casal. Com ele morto, eles não só deixaram de ganhar uma gorda renda mensal, como também se meteram em uma grande encrenca, e já estariam enrascados

mesmo que eu não os encontrasse. O que acontecerá quando o testamenteiro do milionário souber que ele tinha aquele imóvel e for até lá inspecioná-lo?

Naturalmente, continuei, cruzando as pernas, — O senhor não gosta da situação, e posso até entender sua atitude. Se fosse apenas um cantinho bonito e ajeitado que ele tivesse, onde pudesse passar uma noite, de vez em quando, em segurança com sua amante, não seria tão ruim, mas, obviamente, não era bem isso. Existem provavelmente umas seis mulheres com as chaves daquela porta e daquele elevador, e esse número pode ser superior a vinte. Imagino que o senhor não gostaria de se ver envolvido com esse tipo de negócio, mas agora que eu já...

— Não diga bobagens, interrompeu.

— Bobagens?

— Sim. Um sátiro moderno é parte homem, parte porco e parte burro. Ele nem ao menos tem o charme do fauno. Ele não se encosta graciosamente em uma árvore com uma flauta na mão. A única qualidade que preservou de seus ancestrais atenienses é o desejo. Ele o satisfaz em cantos escuros das camas de outros homens ou em quartos de hotéis, não à sombra de uma oliveira ou na encosta de uma colina ensolarada. O excepcional ambiente de lascívia que você descreveu é um triste paliativo, mas pelo menos o senhor Yeager tentou. Um porco e um burro, sim, mas o som da flauta também o enfeitiçou, assim como certa vez já influiu sobre meus atos, em minha juventude. Não há dúvida de que ele merecia morrer, mas eu receberia de bom grado uma recompensa para revelar seu assassino. Acho que meu rosto estava brilhando.

— O senhor aceitaria?

— Certamente. Mas quem estaria em condições de me oferecer um estímulo? Se partirmos do pressuposto de que você demonstrou uma diligência elogiável e muita argúcia, e que está certo a respeito do casal Perez, onde é que ficamos? Onde está um cliente em potencial? Para quem poderemos revelar a existência daquele incrível apartamento e sua ligação com o caso? Nem para a família dele nem para seus sócios, é claro. Eles prefeririam que o apartamento permanecesse em segredo, sem ser revelado ao público. E por acaso somos chantagistas? Reconheço que existe uma possibilidade remota: quem é o homem que esteve aqui ontem se fazendo passar por Yeager, e por que ele se deu ao trabalho de vir? Balancei a cabeça.

— Sinto muito, mas não sei as respostas. O senhor leu meu relatório?

— Sim. Aparentemente, ele é um homem com um apego especial pela leitura. Em sua conversa com você ele citou **THE DUCHESS OF MALFI**, de John Webster, quando disse: “Não lhe trago nem uma coisa nem outra”. Citou Alcilia, de John Harrington, quando declarou: “Nenhum de meus crimes é assim tão grave”. Citou inclusive Paracelso, de Browning, quando afirmou: “Não demorou para que o senhor preparasse o cenário, não é?”. As pessoas costumam fazer citações para demonstrar erudição, mas por que para você? Você o ouviu e estava olhando para ele. O homem estava tentando impressioná-lo?

— Não. Estávamos só conversando, nada mais.

— Nada mais. E ele já estava com todas essas frases na ponta da língua, citando dois autores elisabetanos e Robert Browning. Dificilmente encontraremos um homem entre dez mil que tenha tamanho conhecimento de Webster e Browning. Ele deve ser professor de literatura.

— O senhor não é.

— Reconheci apenas Webster. Procurei os outros. Não conheço Harrington, e Browning me causa aversão. Então ele é um entre dez mil, e existem menos de mil iguais a ele em Nova York. Eu o convido a demonstrar sua engenhosidade: se ele soubesse que Yeager já estava morto, ou por assassiná-lo ou por qualquer outro motivo, por que viria aqui com aquela farsa?

— Desisto. Já tentei decifrar esse enigma, durante a noite. Se ele o assassinou, a única possibilidade seria estar completamente maluco, o que não me pareceu ser o caso. Se não o eliminasse, mas soubesse que Yeager já estava morto, o melhor que pude imaginar foi que aquele homem estaria querendo chamar atenção para aquela quadra da Rua 82 e para aquele prédio, só que para acreditar nisso eu é que deveria estar louco. Um telefonema anônimo à polícia seria bem mais rápido e mais simples. O senhor tem alguma suposição melhor?

— Não. Ninguém terá. Ele não sabia que Yeager estava morto. Então, imaginando que o milionário estivesse vivo, o que ele esperava conseguir com aquela encenação? Ele não podia supor com absoluta certeza que quando Yeager não aparecesse você telefonaria para sua casa ou iria pessoalmente até lá, mas sabia que em pouco tempo, ou durante a noite de ontem ou esta manhã, você procuraria entrar em contato com ele, saberia que o visitante era um impostor, e contaria o fato a Yeager. Com que resultado? Meramente para que Yeager soubesse o que o impostor lhe contou. Se ele identificasse o falso Yeager a partir de sua descrição, saberia

que aquele homem estava ciente de suas visitas ao endereço da Rua 82, mas eu me recuso a aceitar esta hipótese. Se o impostor quisesse que Yeager soubesse quem sabia sobre aquele apartamento, por que se dar ao trabalho de procurar você? Por que não contar diretamente a ele, pelo telefone, ou por carta, ou frente a frente, ou até mesmo por meio de um bilhete anônimo? Não. Ele sabia que Yeager não o identificaria com base em sua descrição. Ele meramente queria que Yeager soubesse que alguém sabia de sua conexão com aquele prédio e, possivelmente, também que você e eu agora já estávamos sabendo. Assim, duvido que ele pudesse ou viesse a nos ser de alguma ajuda, mas assim mesmo gostaria de conversar com ele.

— Eu também. Esse foi um dos motivos pelos quais pedi a Fred para ficar lá. Existe uma pequena chance de que ele tenha as chaves e apareça.

— Você sabe que a possibilidade de alguém aparecer por lá é mínima. Você deixou Fred lá simplesmente porque agora não estou em condições de afirmar que o incidente terminou. Eu pediria a você para telefonar a ele novamente, e você sabe que respeito seus acertos como se fossem meus. Pois não, Fritz?

— O almoço está pronto, senhor. A salsa murchou e usei cebolinha.

— Vamos ver. Wolfe empurrou sua cadeira para trás e ficou em pé. Pimentão?

— Não, senhor. Achei que seria melhor não misturar com a cebolinha.

— Concordo, mas vamos ver.

Saímos dali e eu o segui pelo corredor até a sala de jantar. Quando terminamos o consomê preparado por Fritz, ele nos trouxe alguns bolinhos, quatro para cada um. Algum dia ainda pretendo saber quantos desses bolinhos de Fritz eu aguentaria comer. São feitos de tutano moído, migalhas de pão, salsa (cebolinha, hoje), casca de limão ralada, sal e ovos, fervidos durante quatro minutos em caldo de carne. Se fossem cozidos todos juntos, eles ficariam massudos, mas Fritz prepara oito de cada vez, e eles ficam no ponto. Esses bolinhos são um dos poucos pratos que Wolfe e eu aprovamos sem restrições, e foi o motivo pelo qual eu sabia que ele acabaria concordando em ver os clientes que eu conseguira. Esses bolinhos de tutano propiciam estado de espírito que nos leva a desejar ver qualquer pessoa. E deu certo. Terminamos a salada e, já de volta ao escritório, depois que Fritz nos levara o café, a campainha tocou. Fui até o corredor dar uma olhada pelo vidro espelhado, voltei ao escritório e disse a Wolfe:

— Meg Duncan. Pelo menos vamos poder ganhar algum dinheiro pela

devolução da cigarreira. Que tal dois mil dólares? Ele arregalou os olhos e colocou a xícara sobre a mesa.

— E se ela o matou? Isso nos diz respeito? Muito bem, você a convidou. Cinco minutos. Fui até a frente da casa e abri a porta.

Não era aquela mesma mulher de trinta anos de rosto simpático, com um tailleur cinza e um pequeno chapéu, que me deu um sorriso capaz de derreter uma geleira ao atravessar a soleira. O rosto fora cuidado por um profissional, e estava sendo usado por uma profissional. Embora o vestido e o blazer não fossem espetaculares, também não eram simples. E a voz era a de um anjo disposto a passar uma semana fora, se recebesse um convite interessante. Ela não só usou todas as suas armas comigo no corredor como também com Wolfe, quando a levei ao escritório onde ele, com uma pequena inclinação da cabeça, lhe indicou a cadeira de couro vermelho. O sorriso dela era deslumbrante. Mesmo se considerando que fosse uma profissional, ainda assim era um lindo sorriso.

— Eu sei o quanto homens importantes como vocês devem estar ocupados com coisas importantes, disse ela, por isso não tomarei seu tempo. Virou-se para mim: — O senhor a encontrou?

— Encontrou, respondeu Wolfe. Sentou-se. — Acomode-se, senhorita Duncan. Gosto que os olhos das pessoas fiquem ao mesmo nível dos meus. Talvez precisemos conversar um pouco. Se a senhorita responder duas ou três perguntas de maneira satisfatória, poderá levar sua cigarreira, depois de me pagar cinquenta mil dólares. O sorriso desapareceu.

— Cinquenta mil? Isso é um absurdo!

— Sente-se, por favor. Ela olhou para mim, viu apenas um detetive frio e profissional, se aproximou da cadeira de couro vermelho, sentou na beirada e disse:

— É claro que o senhor não está falando sério. Não pode estar. Reclinando-se, Wolfe olhou fixamente para ela.

— Estou, e não estou. Nossa posição, também estou incluindo o senhor Goodwin, é peculiar e um tanto delicada. O corpo de um homem que morreu de forma violenta foi encontrado naquele buraco, naquela rua, perto daquele prédio. Era um homem de bens e posição. A polícia não sabe de sua ligação com aquele prédio e com aquele apartamento, mas nós sabemos, e pretendemos usar esse conhecimento em nosso benefício. Não creio que a senhorita esteja familiarizada com os estatutos que regem o delito de supressão de provas de um crime. Pode inclusive...

— Minha cigarreira não é prova de um crime!

— Eu não afirmei que é. Pode inclusive resultar em uma acusação de cumplicidade em um crime. A interpretação desse estatuto é, sob certos aspectos, um tanto vaga, mas não sob outros. O fato é que esconder ou fazer desaparecer um objeto tangível, que poderia ajudar na identificação do criminoso ou em sua condenação é, evidentemente, considerado como um ato de supressão de provas. No entanto, palavras podem ser consideradas prova, e podem não ser. Normalmente não são. Se a senhorita me contasse agora que entrou naquele apartamento na noite de domingo, encontrou ali o corpo sem vida de Yeager, e chamou o senhor Perez para ajudá-la a tirá-lo do prédio e colocá-lo naquele buraco, isso não seria uma prova. Ninguém poderia me processar por ocultar da polícia o que a senhorita me contou. Eu simplesmente juraria que achei que a senhorita estivesse mentindo. Ela se ajeitara um pouco na cadeira.

— Eu não estive naquele apartamento na noite de domingo.

— Isso não é uma prova. A senhorita pode estar mentindo. Estou apenas explicando a delicadeza de nossa posição. A senhorita declarou ao senhor Goodwin que estava disposta a pagar a ele mil dólares para que ele encontrasse sua cigarreira e a devolvesse. Não podemos aceitar essa oferta. Isso nos impediria de entregar a cigarreira à polícia, mesmo que ela ajudasse a identificar ou condenar um assassino, e esse é um risco muito grande por apenas mil dólares. A senhorita poderá tê-la de volta por cinquenta mil, em dinheiro ou cheque visado. Aceita?

Acho que ele estava falando sério. Tenho a impressão de que ele a devolveria por trinta mil, ou mesmo vinte, se ela fosse suficientemente otária para pagar. Ele me deixara ir à Rua 82 com quinhentos dólares no bolso por um motivo específico, ver se eu conseguia encontrar um cliente em potencial disposto a nos pagar honorários razoáveis e, se ela fosse suficientemente idiota, ou se estivesse suficientemente desesperada, para pagar vinte mil dólares (isso sem falar na possibilidade de pagar cinquenta) pela cigarreira, ele encerraria o caso e deixaria a investigação do assassinato para os homens da lei. Quanto ao risco, ele já assumira maiores. Estava afirmando apenas que devolveria a ela a cigarreira, não que esqueceria sua existência. Meg Duncan olhava para ele.

— Nunca pensei que Nero Wolfe fosse um chantagista.

— Nem o dicionário, madame. Virou-se para a estante de livros e pegou um Webster novinho, substituto dos três anteriores que o uso

destruíra. Abrindo-o e, encontrando a página, leu: — “Pagamento de dinheiro extorquido por meio de intimidação; extorsão de dinheiro de uma pessoa por ameaças de acusação pública, revelação de segredos, ou censura”. Fitou-a novamente. Não me encaixo em nenhuma das duas descrições. Eu não a ameacei nem a intimidei.

— Mas o senhor... Olhou para mim e para ele. Onde eu conseguiria cinquenta mil dólares? O senhor poderia dizer um milhão. O que o senhor vai fazer? Pretende dar minha cigarreira à polícia?

— Não por opção. Apenas se vier a ser forçado pelas circunstâncias. Se você colaborasse, respondendo às minhas perguntas...

— O senhor não me fez nenhuma pergunta.

— Vou fazê-las agora. A senhorita esteve naquele apartamento na tarde ou na noite de domingo?

— Não.

— Quando foi à última vez que esteve lá? Antes de hoje.

— Eu não disse que já estive lá.

— Isso é extraordinário. Seu comportamento esta manhã. Sua oferta ao senhor Goodwin. A senhorita tinha as chaves. Quando? Ela apertou os lábios durante cinco segundos.

— Mais de uma semana. Fez uma semana no sábado. Foi quando deixei minha cigarreira. Ah, meu Deus. Estendeu a mão e não foi um gesto profissional. Senhor Wolfe, isso poderá arruinar minha carreira. Não voltei a vê-lo desde aquela noite. Não sei quem o matou, nem o motivo. Não sei de nada. Por que o senhor quer me prejudicar? O que o senhor ganharia com isso?

— Eu não a levei àquele apartamento esta manhã, madame. Não estou perguntando com que frequência a senhorita visitava aquele apartamento, porque sua resposta não teria nenhum valor, mas quando esteve lá havia outras pessoas?

— Não.

— Havia alguém ali quando a senhora visitava o apartamento, além do senhor Yeager?

— Não. Nunca.

— Mas outras mulheres costumavam ir lá. Isso não é uma suposição, mas um fato facilmente comprovável. Naturalmente a senhorita sabia, pois o senhor Yeager não se preocupava em ocultar a verdade. Quem eram elas?

— Não sei.

— A senhorita não nega que sabia da existência de outras mulheres?

— Não. Eu sabia.

— É claro. Ele queria que a senhorita soubesse. O cuidado com que ele guardava chinelos e camisolas indicam que o senhor Yeager sentia prazer não só com a pessoa que lhe fazia companhia em um determinado momento, mas também com o fato de que ela soubesse que tinha, digamos, colegas. Ou rivais. Assim, é evidente que ele não mantinha segredos sobre elas. É óbvio que ele devia falar sobre as outras mulheres, fazendo comparações, elogiando ou depreciando. E, mesmo que não costumasse mencionar nomes, ele deve dar algumas indicações. Esta é minha pergunta mais importante, senhorita Duncan: quem são elas?

Eu já ouvira Wolfe fazer às mulheres perguntas que as fizeram tremer, ou empalidecer, ou gritar com ele, ou se derramar em lágrimas, ou agredi-lo fisicamente, mas essa foi a primeira vez que ouvi uma pergunta que fez uma mulher corar, principalmente se levarmos em conta que ela era uma sofisticada estrela da Broadway. Acho que foi sua maneira informal de fazer a pergunta. Eu não enrubesci, mas limpei a garganta. Ela não só ficou vermelha como abaixou a cabeça e fechou os olhos.

— Naturalmente, prosseguiu Wolfe, — A senhorita vai querer que este episódio passasse para a história o mais rapidamente possível. Ajudaria bastante se me contasse alguma coisa sobre as outras.

— Não posso. Levantou a cabeça. Seu rosto estava lívido. — Não sei nada sobre elas. O senhor vai ficar com minha cigarreira?

— Por enquanto, sim.

— O senhor me tem aos seus pés. Começou a levantar, percebeu que seus joelhos estavam trêmulos, e apoiou a mão na cadeira. Ficou em pé. — Fui uma louca em ir até lá, uma tremenda idiota. Eu poderia dizer... Eu poderia dizer qualquer coisa. Poderia declarar que a perdi. Que idiota. Olhou-me com raiva. — Sinto não conseguir arrancar seus olhos. Virou-se e caminhou em direção à porta. Levantei-me e segui-a, passando à sua frente no corredor, e abri a porta para que ela passasse. Ela caminhava com certa indecisão. Fiquei observando enquanto Meg Duncan descia os sete degraus até a calçada, antes de fechar a porta e voltar ao escritório.

Wolfe estava em sua posição de leitura e abriu o livro **SÚMULA DOS CONHECIMENTOS SOBRE O MUNDO MODERNO**, editado por Lyman Bryson. Eu já passara uma hora de uma tarde dando uma olhada naquele livro, e não vira nada sobre sátiros modernos.

SEIS

SEIS ANOS ATRÁS, relatando um dos casos de Wolfe, um dos casos que não envolveram nenhum pagamento de honorários nem esperança de entrar algum dinheiro, tentei um truque em que me saí bem, mas do qual me cansei antes mesmo de terminá-lo. O caso nos levou a Montenegro, e quase todas as conversas foram em um idioma do qual eu não conhecia uma única palavra, mas Wolfe me fez, posteriormente, um relatório, transcrevendo palavra por palavra. Não vou repetir aquela experiência. Pretendo simplesmente elaborar o resumo do que foi a conversa dele com o Sr. e a Sra. Perez, quando desceu do viveiro das plantas às seis horas e os encontrou ali no escritório. Conversaram em espanhol. Ou ele aproveitou a oportunidade para falar um dos seis idiomas que conhece fluentemente, ou achou que os dois iriam se sentir mais à vontade falando a língua de seu país, ou então ele queria me aborrecer. Provavelmente foi pelos três motivos.

Depois que eles foram embora, Wolfe me fez um apanhado da conversa. Não se trata de uma prova palpável; é apenas o que eles disseram. Eles não sabiam quem esteve no prédio na noite de domingo, homem ou mulher, ou quantos, ou quando ele, ela ou eles foram embora. Não sabiam quantas pessoas diferentes costumavam ir ao apartamento em ocasiões diferentes. Às vezes ouviam passos no corredor, e sempre soavam como passos de mulheres. Se alguma vez um homem esteve ali, eles nunca o viram nem o ouviram. Nunca apareceu ninguém no apartamento quando eles estavam lá em cima fazendo a limpeza; eles não subiam se o elevador estivesse no último andar, mas isso acontecera somente cinco ou seis vezes em quatro anos. Não ouviram nenhum tiro na noite de domingo, mas até mesmo o assoalho do apartamento era à prova de som. Quando o Sr. Perez subiu à meia-noite, sentiu cheiro de pólvora queimada, mas pensou que era um cheiro fraco, e a Sra. Perez achou que era um cheiro forte. Não havia nada no apartamento que não pertencesse àquele ambiente, nenhuma arma, nenhum casaco ou chapéu ou capa. Yeager estava completamente vestido;

seu chapéu e seu casaco estavam sobre uma cadeira, e eles colocaram tudo no buraco com o corpo. Nenhum dos chinelos, camisolas ou outros artigos estava fora das gavetas. A cama estava perfeitamente arrumada. No banheiro, tudo estava no lugar. Eles não tiraram nada do corpo de Yeager, com exceção das chaves. Limparam o apartamento na manhã de domingo, espanaram e passaram o aspirador de pó, mas não tiraram nada dali.

Eles não pagavam aluguel pelo apartamento do térreo. Yeager lhes dava cinquenta dólares por semana e ainda permitia que eles embolsassem o aluguel que cobravam pelos apartamentos dos quatro andares. A renda total deles era de cerca de duzentos dólares por semana (provavelmente quase trezentos, ou mais). Eles não tinham motivos para supor que Yeager lhes deixasse o imóvel, ou qualquer outra coisa, em seu testamento. Tinham certeza de que nenhum dos inquilinos mantinha qualquer ligação com Yeager ou sabia alguma coisa sobre ele, pois os Perez cuidavam dos contratos de locação. Os dois decidiram que cem dólares não eram uma quantia suficiente para Wolfe e para mim e, embora isso envolvesse a maior parte da poupança do casal (isto não é uma prova), os dois acharam que quinhentos dólares seriam uma importância melhor.

Na verdade, eles levaram metade dessa quantia quando foram ao escritório. É claro que Wolfe não aceitou. Ele disse aos Perez que, apesar de não ter nenhuma intenção de divulgar qualquer informação que eles lhe passassem, precisava estar desvinculado de compromissos para usar seu próprio arbítrio. Aí eles começaram a discutir. Como falavam em espanhol, não posso registrar detalhe por detalhe, mas, a julgar pelas vozes nervosas e pelas expressões, e pelo fato de que em um determinado momento a Sra. Perez se levantou e começou a bater na mesa de Wolfe, posso afirmar que a discussão foi bastante acalorada. Quando foram embora, ela já estava um pouco mais calma. Como os dois só saíram na hora do jantar, e é terminantemente proibido falar de negócios à mesa, Wolfe só me contou o resultado da conversa quando voltamos ao escritório, após o jantar. Ao terminar, ele disse:

— É inútil. Perdemos tempo, esforço e dinheiro. Aquela mulher o matou. Telefone para Fred. Pegou o livro.

— Claro, respondi. Quanto a isso não há a menor dúvida. Reconheço que ela achou extremamente desagradável continuar recebendo todo aquele dinheiro, trezentos dólares por semana ou mais. Ela precisava dar um basta a isso, e a maneira mais fácil seria matá-lo e jogá-lo dentro de um buraco.

Ele balançou a cabeça.

— Ela é uma criatura impulsiva. Você não viu o rosto dela quando perguntei se a filha alguma vez já fora àquele apartamento? Não, você não poderia adivinhar o que perguntara a ela. Os olhos daquela mulher faiscaram, e a voz mudou. Ela descobriu que Yeager se aproveitara de sua filha e o matou. Telefone para o Fred.

— Ela admitiu a culpa?

— Claro que não. Ela disse que a filha fora proibida de subir àquele apartamento, e que jamais o vira. Ela reagiu à minha insinuação com fúria. Não temos mais nada a ver com o caso. Abriu o livro. Telefone para o Fred.

— Não acredito. Acho que minha voz denunciou meu nervosismo. — Não lhe descrevi Maria minuciosamente e não pretendo fazê-lo, mas quando eu resolver me casar, ela será a terceira na minha lista, e poderá inclusive ser a primeira, caso eu não tenha outras prioridades. Ela pode não ser um anjo de candura, mas não creio que tenha permitido que ele se aproveitasse dela. Se alguma vez Maria se vir frente a frente com um sátiro, o mais provável é que ele continue tocando sua flauta, tranquilamente. Não acredito.

— Eu não afirmei que fora uma orgia.

— Pouco importa. E quando eu lhe perguntei esta manhã se havia algum limite quanto à quantia em dinheiro que eu deveria levar e desembolsar, caso fosse necessário, o senhor declarou que confiava em meu bom senso e em minha sagacidade. Levei quinhentos dólares, e meu bom senso e minha sagacidade ditaram que a melhor maneira de usar esse dinheiro era pedir a Fred que fosse ao apartamento e lá permanecesse. Sessenta horas a sete dólares e cinquenta por hora são quatrocentos e cinquenta dólares. Se acrescentarmos cinquenta para suas refeições e despesas extras, chegaremos aos quinhentos dólares. As sessenta horas terminarão às onze e meia da noite da quinta-feira, depois de amanhã. Como conheci Maria e o senhor não, e como o senhor... O telefone tocou. Virei minha cadeira e atendi. — Residência de Nero W...

— Archie! Chegou gente aqui.

— Homem ou mulher?

— Mulher. Você vem?

— Imediatamente. Até logo. Desliguei o telefone e fiquei em pé. — Fred pescou um peixe. Uma mulher. Consultei o relógio da parede: faltavam quinze para as dez. Posso estar de volta com ela antes das onze. Talvez por volta de dez e meia. Instruções? Ele explodiu.

— De que adianta eu lhe dar instruções?

Eu poderia desafiá-lo a mencionar uma única vez que eu me recusasse a seguir suas instruções, a menos que fosse forçado pelas circunstâncias, mas com um gênio é preciso usar de muita tática. Limitei-me a comentar:

— Então usarei meu bom senso e minha sagacidade. E saí.

Eu deveria usar um pouco desse bom senso no corredor, e pegar meu casaco, o que descobri só quando já estava na rua, caminhando em direção à Décima Avenida. Um vento frio, muito frio para o mês de maio, estava vindo do rio, mas não voltei para casa. Tomando um táxi na esquina, pedi ao motorista que me levasse à Rua 82 com a Amsterdam. Ainda podia haver um tira junto ao buraco da rua e, mesmo que não houvesse, seria melhor não descer do carro bem diante da porta. Não vi nenhum policial junto ao buraco, e também não havia nenhuma aglomeração de criminologistas amadores; apenas transeuntes e um punhado de adolescentes ali na quadra. Depois de chegar ao 156, descer os três degraus e usar a chave de Meg Duncan, entrei no prédio e caminhei pelo corredor. No meio do caminho, tive um pressentimento estranho. Alguém estava me vigiando. É claro que essa experiência de ter a sensação da presença de alguém que não vemos nem ouvimos é mais velha do que andar para frente, mas ela sempre nos pega desprevenido. Essa sensação se manifesta na extremidade inferior de minha espinha dorsal, demonstrando talvez que eu estaria ou levantando ou abaixando meu rabo, se tivesse um. Naquele momento, tive a impressão de que uma porta, localizada três passos à minha frente à direita, foi aberta cerca de dois centímetros. Continuei andando. Quando cheguei à porta, empurrei-a com força. Ela se abriu apenas trinta centímetros, mas isso já foi suficiente. Não havia luz ali dentro e o corredor estava fracamente iluminado, mas tenho bons olhos. Ela não se mexeu.

— Por que você fez isso? Perguntou. Este é o meu quarto. Percebi uma coisa notável: ela era uma garota maravilhosa tanto com muita quanto com pouca iluminação.

— Desculpe-me. Como você sabe, sou detetive, e os detetives têm maus hábitos. Quantas vezes você já esteve no apartamento do último andar?

— Não tenho permissão de falar nada. Devo contar ao senhor? Para depois o senhor contar à minha mãe? Desculpe-me, vou fechar a porta.

Ela fechou, e não tentei impedi-la. Seria desejável prosseguir aquela

conversa com ela, mas isso teria de esperar. Dirigi-me ao elevador, usei a outra chave, entrei e subi. A gente costuma ter expectativas mesmo quando não está ciente da existência delas. Acho que eu esperava encontrar uma mulher assustada ou indignada sentada em um sofá ou em uma cadeira, e Fred ali por perto de olho nela. Não foi bem assim. Fred estava em pé no centro do aposento segurando a calça, com dois arranhões vermelhos no rosto. Por um segundo, pensei que ela não estivesse ali. Então vi a cabeça dela saindo da trouxa no chão. Era a coberta amarela da cama, e ela estava enrolada ali, com o cinto de Fred prendendo o meio daquele “embrulho”. Aproximei-me e dei uma boa olhada naquela mulher, e ela também me estudou com os olhos.

— Ela não está machucada, informou Fred. Gostaria que estivesse. Veja meu estado.

O vermelho dos arranhões em seu rosto era sangue. Ele me mostrou um lenço ensanguentado.

— Você disse que eu não precisaria tocá-la, a menos que ela comesse. Ela começou mesmo. Então, quando peguei o telefone, ela correu em direção ao elevador, e quando corri para impedi-la, ela pegou o telefone. Assim, precisei amarrá-la.

— Você se identificou a ela?

— Não. Eu não faria a ela esse favor. A bolsa dela está ali. Apontou para uma cadeira. Não a abri para ver o que tem dentro. Uma voz saiu daquela trouxa no chão.

— Quem são vocês? Perguntou.

Ignorei-a e abri a bolsa. Além dos objetos previsíveis, encontrei quatro que eram úteis: cartões de crédito de três lojas e uma carta de motorista. O nome era Julia McGee, com um endereço na Rua Arbor no Village. A garota tinha 29 anos, 1,65 m, branca, cabelos e olhos castanhos. Guardei tudo dentro da bolsa e coloquei-a sobre a cadeira. Só então é que eu me aproximei dela.

— Vou desamarrá-la em um minuto, senhorita McGee. O nome deste homem é Fred Durkin, e o meu, Archie Goodwin. Talvez a senhorita já tenha ouvido falar de Nero Wolfe, o detetive particular. Trabalhamos para ele. O senhor Durkin está alojado provisoriamente aqui porque o senhor

Wolfe deseja conversar com qualquer pessoa que venha a este apartamento. Eu terei muito prazer em levá-la até ele. Não vou lhe fazer nenhuma pergunta por que eu repetiria a ele o que a senhorita me disser, e será mais simples deixar que ele a interrogue.

— Deixe-me ficar em pé!

— Em um minuto. Agora que sei quem a senhorita é e onde poderei encontrá-la, a situação é um pouco diferente. Se a senhorita pegar sua bolsa e correr em direção ao elevador não tentarei detê-la, mas aconselho-a a contar até dez antes de agir. Existem chaves em sua bolsa que servem para abrir a porta lá de baixo e a do elevador. Se a polícia descobrir este apartamento, certamente irá se interessar em interrogar qualquer pessoa que tenha essas chaves, e que poderia estar aqui na noite de domingo. Assim, poderia ser um erro recusar meu convite. Pense nisso enquanto eu a desamarro. Abaixei-me para soltar o cinto e puxei-o de baixo dela. Fred se aproximou e pegou-o. Não consegui levantá-la porque seus pés estavam presos na coberta da cama. — A maneira mais fácil é rolar seu corpo enquanto seguro esta ponta.

Ela rolou. A coberta era enorme, e nunca perguntei a Fred como foi que ele conseguiu enrolar aquela mulher ali. Pouco depois, ela já estava livre e ficou em pé. Era uma mulher bastante atraente, talvez mais do que o normal, com seu rosto corado e seus cabelos em desalinho. Ajeitou-se, pegou o casaco e a bolsa, e disse:

— Vou dar um telefonema.

— Não daqui. Se estiver pensando em sair sozinha, há um telefone público na esquina. Se pretender sair comigo, há um telefone no escritório do senhor Wolfe. Ela me pareceu mais zangada do que assustada, mas a gente nunca tem certeza quando está diante de uma pessoa desconhecida.

— O senhor sabe de quem é este apartamento?

— Sei de quem era. Thomas G. Yeager.

— O que o senhor está fazendo aqui?

— Esqueça. Eu não só não farei perguntas, como também não as responderei.

— O senhor não tem o direito... Não chegou a terminar a frase. Sou a secretária do senhor Yeager. Era. Vim para pegar uma agenda que deixei aqui, só isso.

— Então a senhorita não tem nada a temer. Se a polícia lhe fizer perguntas, basta dizer isso, e os policiais pedirão desculpas pelo incômodo.

— Se eu não for agora ao escritório do senhor Wolfe, o senhor vai

contar à polícia?

— Eu não disse isso. É o senhor Wolfe quem toma as decisões. Sou apenas o moço de recados. Ela começou a andar pelo apartamento. Achei que ia pegar o telefone, mas continuou até a extremidade daquele aposento, abriu a porta do banheiro e entrou. Aproveitei para dar uma olhada no rosto de Fred. Ele já colocara seu cinto.

— Então este era o apartamento de Yeager, comentou. Agora que estou sabendo disso...

— Você não está sabendo de nada. Menti para ela e a garota acreditou. Seu trabalho continua sendo o de ficar aqui dando as boas vindas aos visitantes. Ninguém foi prejudicado e nada mudou. Seu rosto está arranhado, mas existem remédios no banheiro para esses cortes. De qualquer forma, você deveria tirar a coberta da cama quando fosse dormir. Eu o ajudarei a dobrá-la. Peguei uma ponta e ele pegou a outra. Perguntou quanto tempo deveria permanecer ali, e respondi que ele ficaria até segundo aviso. — O que mais você poderia querer da vida? Qualquer homem com sensibilidade para as coisas finas da vida consideraria um privilégio ter a permissão de passar alguns dias em uma verdadeira galeria de arte como esta. Além disso, você ainda está sendo pago, vinte e quatro horas por dia. Ele comentou que até o televisor era diferente; quando o ligou, surgiu a imagem de uma mulher em uma banheira soprando bolinhas de sabão.

No momento em que Fred colocava a coberta sobre um sofá, Julia McGee reapareceu. Ela ajeitara a gola de seu vestido, dera um jeito nos cabelos e retocara a maquiagem. Ela não era nada feia. Aproximou-se de mim e falou:

— Muito bem, aceito seu convite.

*

SETE

QUANDO SE ENTRA no corredor do velho prédio de arenito castanho avermelhado na Rua 35 Oeste, a primeira porta à esquerda é o que chamamos de porta da frente, e a que vem a seguir é a porta que dá para o escritório. As duas salas são à prova de som, não tão perfeitas quanto o apartamento de luxúria de Yeager, mas com uma quantidade razoável de material fonoabsorvente, inclusive nas portas. Levei Julia McGee até a porta da frente, ela se recusou a me dar seu casaco, e ao passarmos para a porta do escritório, eu a fechei atrás de mim. Wolfe estava sentado em sua cadeira preferida com seu livro. Ele não lê muito depressa, e aquele livro tem 667 páginas, com cerca de seiscentas palavras por página. Quando me aproximei de sua mesa e disse que tínhamos companhia, ele terminou um parágrafo, fechou o livro, marcando a página com um dedo, e sorriu para mim.

— O nome dela é Julia McGee, continuei. Ela afirma que é a secretária de Yeager, o que provavelmente deverá ser verdade porque é uma declaração facilmente verificável. Contou que foi ao apartamento esta noite para pegar uma agenda que deixara ali, o que é uma mentira deslavada. Não encontrei nenhuma agenda naquele apartamento. Quando entrou e viu Fred, pulou sobre ele e arrancou sangue de seu rosto, e ele precisou enrolá-la em uma coberta da cama para poder me telefonar. Depois que descobri seu nome e endereço em alguns documentos encontrados em sua bolsa, eu disse que ela tanto podia sair dali imediatamente e prestar esclarecimentos à polícia posteriormente, ou podia vir aqui comigo, e ela veio. Fiz uma concessão e informei que ela podia usar o telefone assim que chegasse aqui, na nossa presença. Ele se limitou a emitir um som estranho.

— Grrrrh.

Dei-lhe dois segundos para acrescentar mais alguma coisa, mas, aparentemente, aquilo era tudo que ele tinha a “comentar”, então abri a porta que dava para a sala da frente e pedi a ela que entrasse. Julia McGee

se deteve a meu lado, deu uma olhada ao redor, viu o telefone sobre minha mesa, se aproximou dele, sentou em minha cadeira e discou um número. Wolfe colocou o marcador no livro e este sobre a mesa, se recostou e ficou olhando para ela. Ela disse ao telefone:

— Quero falar com o senhor Eigen. É Julia McGee... Exatamente... Obrigada. Uma espera de um minuto. Senhor Eigen?... Sim... Sim, eu sei, mas precisava lhe contar. Havia um homem ali e ele me atacou e... Não, me deixe contar. Outro homem chegou e informou que os dois estavam trabalhando para Nero Wolfe, o detetive... Sim, Nero Wolfe. O que chegou depois, Archie Goodwin, disse que Nero Wolfe queria conversar com qualquer pessoa que fosse àquele apartamento e sugeriu que eu o acompanhasse. Estou aqui agora. No escritório de Nero Wolfe... Sim... Não, acho que não, os dois estão aqui, Nero Wolfe e Archie Goodwin... Não sei... Sim, é claro, mas não sei... Espere, vou perguntar. Virou-se para mim. — Qual é o endereço deste escritório? Respondi, e ela voltou a falar ao telefone. — Rua 35, número 618... Exatamente... Sim, direi a eles. Desligou, se virou e disse a Wolfe: — O senhor Eigen estará aqui dentro de vinte minutos. Tirou o casaco.

— Quem é o senhor Eigen? Perguntou Wolfe. Ela o olhou como se ele estivesse fazendo a mais absurda das perguntas.

— O senhor Benedict Eigen é o presidente da Continental Plastic Products.

Aquilo me surpreendeu. Querendo minha cadeira de volta, eu já estava me preparando para lhe pedir que ocupasse a cadeira de couro vermelho, mas ela se mudaria outra vez quando o presidente chegasse. Assim, trouxe uma das cadeiras amarelas para ela, colocando-a voltada para a mesa de Wolfe, e ajeitei seu casaco no sofá. Quando ela passou de uma cadeira para a outra, Wolfe levantou a cabeça para sentir o aroma. Sua opinião quanto a perfumes pode ser apenas uma parte de sua opinião sobre mulheres. Ele sempre acha que pode perceber pelo olfato quando há uma mulher na sala. Eu estava mais perto de Julia McGee do que ele, e não senti nenhum perfume.

— A senhorita declarou ao senhor Goodwin que foi àquele apartamento esta noite para pegar uma agenda que deixara ali. Quando foi que a senhorita a deixou lá? Ela estava fitando fixamente os olhos dele.

— Vou esperar até o senhor Eigen chegar aqui. Wolfe balançou

negativamente a cabeça.

— Isso não dará certo. Não posso impedir que ele viesse, mas ele entrará aqui apenas se eu permitir. Desejo alguns fatos antes que ele chegue. Quando a senhorita deixou a agenda ali? Ela abriu a boca e fechou-a, outra vez. Logo em seguida, falou:

— Eu não a esqueci. Foi uma... Eu não disse a verdade. Fui até lá esta noite porque o senhor Eigen me pediu para ir.

— Naturalmente, para pegar alguma coisa que ele deixara ali.

— Não. Eu preferiria esperar pela chegada dele, mas não importa. O senhor sabe que aquele apartamento pertencia ao senhor Yeager, por isso não faz diferença. O senhor Eigen me pediu para ir até lá para ver se havia alguma coisa que pudesse ligar o senhor Yeager àquele lugar, que mostrasse que o imóvel lhe pertencia.

— O senhor Eigen lhe deu as chaves?

— Não, eu tinha as chaves. Eu já estivera ali algumas vezes para tomar ditado do senhor Yeager. Eu era sua secretária. Wolfe resmungou.

— Eu não estive naquele apartamento, mas o senhor Goodwin o descreveu. A senhorita acha que aquele é um ambiente adequado para tomar ditado?

— Não me competia determinar se o lugar era adequado ou não. Se ele achava que era... Ele era meu chefe. Wolfe olhou para mim. Levantei minhas sobrancelhas. Uma única sobrancelha levantada significava não, numa aposta de probabilidades iguais; duas sobrancelhas levantadas significavam não, numa aposta de cinco contra um. Virou-se para ela.

— Se a senhorita encontrasse alguma coisa que provasse que aquele apartamento pertencia ao senhor Yeager, o que pretendia fazer?

— Levá-la embora.

— Obedecendo as instruções do senhor Eigen?

— Sim.

— Por quê?

— O senhor Eigen poderá responder esta pergunta melhor do que eu.

— A senhorita pode ter uma ideia. Por acaso não pensou que ele estivesse meramente dando vazão a um capricho?

— Claro que não. O motivo óbvio era que ele queria proteger a reputação da Continental Plastic Products. Já é suficientemente prejudicial o vice-presidente executivo ser assassinado. O senhor Eigen não queria que chegasse ao conhecimento público que ele tivesse um lugar como aquele.

— A senhorita sabe como foi que o senhor Eigen descobriu que o senhor Yeager tinha aquele lugar?

— Sim. Eu contei a ele.

— Quando?

— Há cerca de dois meses. O senhor Yeager me fizera ir lá duas vezes, não, três vezes, para tomar ditados à noite. Ele disse que podia pensar melhor, trabalhar melhor, longe do escritório. Reconheço que o senhor tem razão, quanto ao que falou sobre aquele apartamento. Eu achava muito, bem, muito vulgar ele me convidar para ir ali. Fiquei preocupada e decidi que eu não devia lealdade ao senhor Yeager, mas à corporação. Era a firma que pagava meu salário. Assim, contei ao senhor Eigen.

— O que foi que ele disse?

— Agradeceu-me por contar.

— E o que foi que ele fez?

— Não sei. Não sei se fez alguma coisa.

— Ele falou com o senhor Yeager sobre o apartamento?

— Não sei.

— É claro que sabe. Se falasse, o senhor Yeager saberia que a senhorita contara ao presidente. A senhorita percebeu alguma mudança na atitude do senhor Yeager?

— Não.

— Ele continuou a lhe pedir que fosse ao apartamento para tomar ditados?

— Sim.

— Quantas vezes desde que a senhorita contou ao senhor Eigen?

— Duas vezes. Wolfe fechou os olhos e coçou o nariz com a ponta do dedo. Dez segundos. Abriu os olhos.

— Quando foi que o senhor Eigen lhe pediu para ir lá esta noite?

— Esta tarde, no escritório. Ele perguntou se eu ainda tinha as chaves, e respondi que sim. Perguntou se eu contara a alguém mais sobre aquele lugar, e eu disse que não. Então disse que eu estaria prestando um favor inestimável à corporação se fosse até lá e me certificasse de que, eu já contei a vocês.

— A senhorita tem algum motivo para supor que o senhor Eigen já tenha estado ali? Seus olhos se arregalaram.

— Claro que não. Ele balançou a cabeça.

— Não, senhorita McGee. Nada é certeza enquanto um problema ainda não foi solucionado. Eu posso achar que a senhorita está sendo totalmente sincera comigo, mas também posso pensar de maneira diferente... A campainha da porta tocou. Levantei-me e fui atender. O presidente estava na varanda. A iluminação ali fica em um ângulo lateral,

por isso não é possível distinguir muito bem os rostos de quem está diante da porta, mas o chapéu de feltro cinza e o corte perfeito do casaco da mesma cor foram suficientes. Abri a porta e perguntei:

— Senhor Eigen? Entre, por favor. Ele ficou à vontade.

— Estou sendo esperado?

— Sim, senhor. A senhorita McGee está com o senhor Wolfe.

Ele passou pela soleira, e eu o ajudei com seu casaco. Quando tirou o chapéu, eu o reconheci: era o homem que estava sentado ao lado de Thomas G. Yeager na foto do banquete da National Plastics Association, que vira no escritório de Lon Cohen. Seu rosto era bem formado e bem cuidado e, embora os cabelos fossem quase totalmente brancos, ele não tinha tendência à calvície. Aquele homem tinha o porte de um presidente. O terno dele devia custar pelo menos oito vezes mais do que o do falso Yeager. Quando eu o acompanhei até o escritório, ele entrou e disse:

— Boa noite, senhorita McGee. Em seguida, se virou para Wolfe e cumprimentou-o: — Boa noite, senhor. Meu nome é Benedict Eigen. Ela estava em pé. Pensei que se levantara para demonstrar respeito, mas Wolfe falou a Eigen.

— Acabei de dizer à senhorita McGee que antes de mais nada gostaria de falar com o senhor em particular. Senhorita, por favor... A porta, Archie.

— Espere um minuto. Eigen não demonstrava uma atitude beligerante, apenas firme. Eu gostaria de conversar com a senhorita McGee.

— Sem dúvida, senhor Eigen. O que a senhorita McGee lhe disse ao telefone está correto, exceto por um detalhe: ela não foi atacada. Designei um homem para permanecer naquele apartamento, imaginando que alguém iria aparecer por lá. A senhorita McGee entrou, e ela...

— Por que o senhor está interessado naquele apartamento?

— Porque ele pertencia a Thomas G. Yeager, e era usado por ele. Meu homem não atacou a senhorita McGee; na verdade, foi ela quem o atacou. Ao me explicar o motivo de por que fora lá, ela mencionou seu nome, e eu gostaria que o senhor me desse uma explicação, para que eu possa compará-la com a que ela nos deu. Ela poderá permanecer aqui no escritório, se o senhor preferir, desde que não tente interromper nossa conversa. Se o fizer, o senhor Goodwin interferirá, fazendo com que ela se cale. Eigen me olhou de cima a baixo. Aproximou-se da cadeira de couro vermelho e se sentou, sem pressa, se ajeitando com os cotovelos nos braços da cadeira. Virou-se para Wolfe. — Por que o senhor supõe que aquele

apartamento pertencia a Thomas G. Yeager?

— Eu não suponho, eu sei.

— Por que o senhor se preocupa com isso? Para quem está trabalhando?

— Estou trabalhando por conta própria. Não fui contratado por ninguém. Estou de posse de um fato sobre um homem que foi assassinado, um fato que não é de conhecimento público. Não tenho nenhuma obrigação legal de comunicá-lo à polícia, e estou explorando a possibilidade de usá-lo em meu benefício, não pretendo ocultá-lo, mas explorá-lo, assim como médicos, advogados, encanadores e muitos outros profissionais liberais, obtêm renda das necessidades, das atribulações e dos infortúnios de outros seres humanos. É evidente que o senhor não tem obrigação nenhuma de me contar por que o senhor está preocupado com o assunto, mas estou disposto a ouvi-lo. Eu não o trouxe ao meu escritório contra sua vontade. Eigen estava sorrindo, mas não se mostrava muito à vontade.

— Não posso reclamar, pois o senhor está no comando da situação. Eu não esperava que me revelasse quem o contratou, mas é difícil acreditar que ninguém o tenha feito. Como foi que o senhor descobriu a existência daquele apartamento? Wolfe balançou a cabeça.

— Não lhe devo nenhuma explicação. Mas posso garantir que não fui contratado por ninguém. Se eu tivesse um cliente poderia revelar o fato, naturalmente e sem mencionar o nome.

— Como é que o senhor vai usar o fato a que se refere, relativo àquele apartamento?

— Não sei. Isso será determinado pelos eventos. Meu homem ainda está lá.

— Quando o senhor fala em usá-lo em seu benefício, naturalmente está se referindo a receber dinheiro de alguém.

— Certamente.

— Muito bem. Eigen se ajeitou na cadeira. O senhor deseja comparar meu depoimento com o da senhorita McGee. Evidentemente já deve saber que Yeager era o vice-presidente executivo de minha corporação, a Continental Plastic Products. A senhorita McGee era sua secretária. Há cerca de dois meses, ela me procurou para me falar sobre aquele apartamento, que Yeager fizera com que ela fosse lá várias vezes à noite, para trabalhar com ele em vários assuntos. Ela não tinha nada a reclamar com relação ao comportamento dele, mas achava que eu devia saber da existência daquele apartamento e do que ele indicava a respeito do caráter e dos hábitos de Yeager. Ao ouvir a descrição que ela me fez do apartamento,

achei que suas preocupações eram plenamente justificadas. Obviamente era um problema difícil. Pedi-lhe que não tocasse no assunto com ninguém, e que não se recusasse a ir lá outras vezes. Eu precisava de algum tempo para pensar na maneira mais diplomática de cuidar do assunto.

— O senhor chegou a falar com ele sobre o apartamento?

— Não. Não sei até que ponto o senhor tem conhecimento das complexidades administrativas de uma grande corporação, mas o problema principal era decidir se o melhor procedimento seria conversar com ele primeiro ou levar o assunto ao conhecimento do meu conselho de diretores. Eu ainda não decidira ontem, quando fiquei sabendo de sua morte, que seu corpo fora encontrado dentro de um buraco na rua, em frente àquele prédio. Naturalmente foi um choque. O fato de Yeager for assassinado foi, bem, muito desagradável, mas seria pior do que simplesmente desagradável, seria desastroso, se a existência daquele apartamento chegasse ao conhecimento público. Como o corpo foi encontrado diante daquele prédio seria de se supor que alguém envolvido em suas atividades naquele apartamento o assassinou, e as investigações, a publicidade, o inevitável escândalo seriam terríveis. Eu estava prestes a marcar uma reunião de emergência com meu conselho, mas decidi consultar três de meus diretores, particularmente. Havia a possibilidade de que Yeager mantesse a existência daquele imóvel tão em segredo que sua ligação com ele não viesse a ser descoberta. Sugerir que solicitássemos à senhorita McGee que fosse até lá e retirasse quaisquer artigos que pudessem identificar Yeager, e a sugestão foi aprovada. E seu homem estava lá. Virou-se para olhar para a moça. Não foi exatamente isso o que aconteceu, senhorita McGee?

— Quando saí do elevador, ali estava ele. Acho que perdi a cabeça. Imaginei que fosse um investigador, um investigador da polícia. Tentei voltar ao elevador, mas ele me agarrou. Tentei me desvencilhar, mas não consegui. Ele enrolou uma coberta em meu corpo e apertou-a com seu cinto. Então deu um telefonema e, depois de algum tempo, chegou este homem, Archie Goodwin. Ele descobriu quem eu era remexendo nas coisas em minha bolsa, e me informou que os dois estavam trabalhando para Nero Wolfe, e que sabiam que aquele apartamento pertencia ao senhor Yeager. Como já estavam sabendo de tudo, achei que seria melhor vir até aqui quando ele sugeriu que eu o acompanhasse. Ele só me deixou telefonar depois que chegamos aqui. Sinto muito, senhor Eigen, mas que mais eu podia fazer?

— Nada. Eigen se voltou para Wolfe. — Esse é o motivo pelo qual estou preocupado. O senhor pode negar que seja uma preocupação

devidamente fundamentada?

— Na verdade, não. É uma preocupação não só fundamentada como também premente, e também desesperada. Possivelmente o senhor não pode esperar que a ligação do senhor Yeager com aquele apartamento jamais venha a ser divulgada.

— Eu não espero. Eu ajo. Pode me contar como foi que o senhor ficou sabendo?

— Não.

— Eu pagarei por sua informação. E pagarei bem.

— Não vendo informações, senhor Eigen, vendo serviços.

— Quero comprá-los. O senhor disse que não fora contratado, pois agora está. Eu o estou contratando.

— Para fazer o quê?

— Tudo que for necessário para proteger a reputação e os interesses de minha corporação, a Continental Plastic Products. Estou agindo em nome da corporação. Wolfe balançou a cabeça.

— Duvido que dê certo. Eu não poderia me comprometer a não revelar a ligação do senhor Yeager com aquele imóvel. Os eventos poderiam fugir ao nosso controle. A alternativa seria assumir o controle dos eventos.

— Como?

— Tomar as rédeas dos acontecimentos. Será inútil o senhor me pagar para que eu não revele o que fiquei sabendo sobre aquele apartamento, mesmo que eu fosse suficientemente idiota para aceitar seu dinheiro. Mais cedo ou mais tarde, a polícia irá inevitavelmente descobrir aquele prédio. É uma simples questão de tempo. A única maneira plausível de proteger a reputação e os interesses de sua corporação, com alguma esperança de sucesso, seria interromper as investigações da polícia, chegando a uma solução aceitável do assassinato, sem envolver aquele apartamento. Eigen franziu a testa.

— Mas isso pode ser impossível.

— Mas também pode não ser. É altamente provável que quem quer que o tenha assassinado tinha conhecimento da existência daquele apartamento, e sabia de seu caráter e de sua função. Mas imaginemos, por exemplo, que fosse um marido ou um pai ou um irmão ultrajado, ou alguém agindo por ciúme. Isso poderia ser determinado de maneira concebível, sem a revelação de alguns dos detalhes, inclusive o local onde ocorreu a conduta passível de reprovação. Seria difícil, mas poderia ser feito. Seria inútil continuarmos a conjecturar antes de sabermos de outros pormenores.

— E se chegássemos à conclusão de que seria impossível? Os ombros

de Wolfe subiram um centímetro e meio e desceram.

— Então o senhor terá desperdiçado seu dinheiro. Minha autoestima não chega ao ponto de tentar o impossível. Quero observar que o senhor está sendo coagido não por mim, mas pela situação. O senhor está sendo ameaçado não por mim, mas por minha posse de uma informação. Por isso, o senhor deseja me contratar, e estou disposto a ser contratado, mas executarei apenas os serviços coerentes com minha função e minha probidade. Não posso excluir nenhuma possibilidade, nem mesmo a de que o senhor possa ser o assassino de Yeager. Eigen sorriu, novamente sem se sentir à vontade.

— Poderia ser eu?

— Naturalmente. Wolfe se virou. Archie, a máquina de escrever. Dois carbonos. Virei minha cadeira, puxei a máquina para perto, ajustei as folhas de papel com os carbonos e já estava pronto para escrever.

— Pois não, senhor.

— Espaço simples, margens grandes. Data. Em nome de minha corporação, Continental Plastic Products, nomeio, por meio deste documento, Nero Wolfe para investigar as circunstâncias da morte de Thomas G. Yeager. Fica entendido que Wolfe se esforçará ao máximo para proteger a reputação e os interesses da corporação, vírgula, e não revelará nenhum fato e nenhuma informação que venha prejudicar a reputação ou o prestígio da corporação, vírgula, a menos que seja compelido a fazê-lo por sua obrigação legal como cidadão e detetive particular licenciado, ponto e vírgula; e caso ele não observe esta cláusula, não receberá nenhum pagamento por seus serviços nem quaisquer reembolsos por suas despesas. O objetivo desta contratação de Nero Wolfe é evitar, vírgula, tanto quanto possível, vírgula, quaisquer danos à corporação como resultado das circunstâncias especiais da morte de Yeager. Deixe embaixo um espaço para a assinatura. Escreva “Presidente, Continental Plastic Products”.

Eu datilografara enquanto ele falava. Depois de tirar os papéis da máquina e fazer uma revisão, entreguei o original a Eigen e as cópias para Wolfe. Eigen leu duas vezes e ergueu os olhos.

— Seus honorários não estão especificados.

— Não senhor. Não posso determiná-los. Tudo irá depender do que e de quanto eu tiver de fazer.

— Quem decide se o senhor observou fielmente a cláusula contratual?

— A razão e a boa fé, aplicadas conjuntamente. Se houver alguma

dúvida, decidiremos em um tribunal, mas essa contingência é remota.

Eigen deu mais uma lida, colocou o papel sobre a estante de livros à altura de seu cotovelo, tirou uma caneta do bolso e assinou. Peguei o documento e entreguei-o a Wolfe, dando uma das cópias a Eigen. Ele a dobrou e enfiou no bolso. Então perguntou:

— Como e quando o senhor ficou sabendo daquele apartamento? Wolfe balançou a cabeça.

— Não costumo iniciar um trabalho difícil perdendo tempo com conversas sem importância, mesmo que seja com o senhor. Consultou o relógio de parede, empurrou sua cadeira para trás e ficou em pé. Já passa de meia-noite. Farei um relatório ao senhor, é claro, mas o momento e o teor ficam a meu critério.

— Isso é um absurdo. O senhor está trabalhando para mim.

— Sim, senhor. Mas o único teste de meu desempenho é o resultado final. Pode ser que quanto menos o senhor souber sobre os pormenores será melhor. Pegou o original assinado. Quer este documento de volta?

— Não. Quero saber como o senhor vai agir.

— Ainda não sei.

— Algum de meus diretores lhe contou sobre aquele apartamento?

— Não.

— Foi a senhora Yeager

— Também não.

— Então quem foi? Wolfe olhou fixamente para ele.

— Que absurdo! Devo jogar este papel com sua assinatura no cesto de lixo? O senhor quer este trabalho realizado ou não?

— Não se trata do que eu quero, mas da embrulhada em que me meti. O senhor está no comando. Levantou-se. — Vamos senhorita McGee.

*

OITO

ÀS 10H30 DA QUARTA-FEIRA me coloquei ao lado do grande globo no escritório e girei-o, na esperança de encontrar um bom lugar para minhas férias no outono. Depois de passar algumas horas tentando decidir o que eu ordenaria a mim se fosse Wolfe, e chegando à conclusão de que a sugestão mais plausível seria sair e varrer a calçada, achei que seria aconselhável empregar minha mente em alguma outra coisa durante um certo tempo. Sempre que Wolfe me dava instruções pela manhã, ele pedia a Fritz que me informasse que eu devia ir ao seu quarto. Naquela manhã, ele não me dissera nada, e às 8h45 chamei-o pelo interfone da casa. Como não recebi nenhuma resposta além de um grunhido prolongado, comecei a fazer uma lista das coisas que ele poderia incluir em meu programa para aquele dia e só consegui pensar num tópico: varrer a calçada.

Eu trabalhara bem, quanto a isso não restava a menor dúvida. Eu estabelecera às nove horas da terça-feira que devia sair para encontrar um cliente e, por volta de meia-noite, em apenas quinze horas, tínhamos um excelente cliente, não apenas o presidente de uma grande corporação, mas a própria corporação. Para ganharmos honorários de alguns milhares de dólares, tudo o que tínhamos a fazer era trabalhar honestamente. Assim, primeiro nós... Nós o quê? Nossa grande vantagem era que sabíamos que Yeager fora assassinado naquele apartamento e, provavelmente, ninguém mais tinha conhecimento desse fato, com exceção da família Perez e do assassino. Sabíamos também que Yeager esperava companhia feminina na noite de domingo, pois pedira caviar e faisão, que deveriam ser entregues à meia-noite.

Mas, mesmo considerando que ela comparecera ao encontro, isso não significa que ela fosse a assassina. Essa mulher poderia tê-lo encontrado morto quando chegou. Se víssemos o caso por esse ângulo, a maneira de começar seria obter uma lista completa das mulheres que possuíam as chaves. Isso poderia ser feito em um ano, mais ou menos, e o passo

seguinte seria descobrir qual delas... Melhor abandonar esse raciocínio, seria maluquice. Dos três ângulos pelos quais podemos avaliar um problema de assassinato, meio, oportunidade e motivo, devemos escolher aquele que nos parece mais frágil. Eliminei oportunidade.

Todas as pessoas que tinham chaves tiveram oportunidade. Então vejamos meio, ou seja, uma arma capaz de fazer com que uma bala atravessasse um crânio. Ela não fora encontrada. Assim, a maneira de prosseguir com as investigações seria obter uma lista completa das pessoas que tinham chaves e também tinham acesso a uma arma, e então... Eliminei meio. Sobrou motivo. Por não ter nenhuma experiência pessoal quanto aos métodos e procedimentos de um apartamento montado para os prazeres sexuais, eu não me sentia qualificado como um especialista, mas, certamente, todas as convidadas de Yeager deviam ficar bastante excitadas com aquele ambiente. Digamos que ele tenha tido dez convidadas diferentes nos últimos anos. Digamos também que cada uma delas tenha um trio de maridos, irmãos e pais, que Wolfe costuma chamar de paramours dos amantes, e chegaremos a quarenta assassinos prováveis com motivos de primeira linha. Eliminei motivo.

Depois que um detetive elimina meio, oportunidade e motivo, só lhe resta ir pescar. Pegar alguém em uma mentira. Descobrir duas peças que deveriam se encaixar, mas que não combinam. Encontrar alguém que viu ou ouviu alguma coisa, por exemplo, alguém naquele prédio ou naquela quadra que tenha percebido alguém entrando no portão do nº 156 (ou saindo dele), uma pessoa que parecesse não pertencer à vizinhança. Essa linha de conduta poderia dar bons resultados, desde que eu tivesse quatro ou cinco bons detetives e não me preocupasse com o tempo que a investigação poderia demandar. Mas como a qualquer minuto os Homicídios podiam descobrir uma pista que levasse àquele prédio e se isso acontecesse eles encontrariam Fred Durkin ali, pondo tudo a perder, e não teríamos mais cliente algum porque a discricção que ele queria não poderia mais ser mantida, esse esquema não daria certo. Precisávamos ou de um gênio ou de um golpe de sorte. Naturalmente tínhamos um gênio, Nero Wolfe, mas aparentemente ele ainda não notara. Quando desceu do viveiro das plantas, às onze horas, colocou o buquê de orquídeas do dia, *Calanthe Veitchi Sandhurstiana*, no vaso sobre a mesa, deu a volta em direção à sua cadeira, se sentou, espiou a agenda e deu uma espiada rápida na correspondência da manhã, constituída, sobretudo de circulares e pedidos de contribuições.

Olhou para mim.

— Que anotação é esta em minha agenda? Catorze milhões, seiscentos e oitenta e dois mil, duzentos e trinta e cinco dólares e cinquenta e sete cents?

— Pois não, senhor. Eu a obtive no banco. É o saldo do caixa reserva da Continental Plastic Products, que consta no extrato do dia 31 de janeiro. Achei que o senhor iria gostar de saber, e eu não tinha mais nada para fazer. Gosto de estar sempre fazendo alguma coisa.

— Pfui.

— Sim, senhor. Concordo.

— Você considerou a situação?

— Considerei. Está um tanto confusa. Ontem, temporariamente, tínhamos clientes demais. Dois. Hoje temos um, e talvez ainda seja demais porque possivelmente não poderemos atender seu pedido. Se o senhor estiver pensando em me pedir sugestões, não perca seu tempo. A única contribuição que posso lhe dar é inútil.

— Qual é?

— Julia McGee é uma mentirosa. O senhor ouviu a descrição que lhe fiz sobre aquele apartamento, mas não esteve lá. O homem que decorou aquele ambiente, ou seja, Yeager, não estava a fim de convidar sua secretária para ir até lá apenas para tomar ditados. Aposto quanto o senhor quisesse. Mesmo que ela fosse uma mulher feia e torta, ele poderia querer variar um pouco, e ela não é nem uma coisa nem outra. Ela tem pontos e possibilidades bastante interessantes, falando como um sátiro. Assim, ela está mentindo, mas isso não nos leva a lugar nenhum. Independentemente do que ela possa fazer com ele durante as noites, ela poderia assassiná-lo ou por não gostar dos quadros ou por chegar à conclusão de que seria melhor ter um relacionamento mais sólido com o presidente. Só existe um grande problema, que é um ponto a favor dela. Depois de tê-lo traído falando sobre o apartamento para o presidente, por que ela deveria matá-lo? Quer perguntar a ela?

— Não. Respirou fundo enchendo os pulmões, e soltou o ar outra vez.

— Fui um tolo ao aceitar este trabalho. Tudo que podemos fazer é tatear no escuro. Como prova de nossa impotência, talvez a única saída seja encontrar o homem que nos meteu nesta confusão, a despeito de já termos concluído que ele não sabia que Yeager estava morto. Quanto tempo você acha que levaria para descobri-lo?

— Algo entre um dia e um ano. Ele fez uma careta.

— Ou podemos tentar um truque. Podemos fazer uma acareação com o senhor e a senhora Perez e acusá-los de terem matado Yeager porque ele abusara de sua filha. Diremos a eles que, se a polícia descobrir a existência daquele apartamento e o uso que Yeager fazia dele, eles provavelmente estarão perdidos, o que não deixa de ser verdade. Certamente eles não podem esperar ficar morando ali para sempre. Oferecemos a eles uma grande soma em dinheiro, vinte mil, cinquenta mil, pouco importa a quantia, ela sairá daquele caixa reserva, para que eles se mudem para algum canto distante da terra, desde que eles assinem uma confissão de que assassinaram Yeager porque sua filha lhes contou que ele agira de maneira imprópria. Eles nem precisarão admitir que os avanços amorosos de Yeager fossem bem sucedidos. Pode até ficar implícito que tais tentativas nunca foram feitas, que a filha deles as inventou. A confissão ficará conosco, e nós a encaminharemos à polícia anonimamente, depois que eles estiverem em segurança e fora das garras da lei. A confissão não fará nenhuma menção àquele apartamento. É claro que a polícia o encontrará, mas não haverá nada que o ligue a Yeager. Pode até ser que os policiais desconfiem que o apartamento fosse dele, mas não poderão provar, e a polícia não costuma publicar suposições que maculem a integridade de um cidadão proeminente.

— Maravilhoso, reagi com entusiasmo. Vejo apenas dois pequenos defeitos. Primeiro, como Yeager era o dono do prédio o imóvel será um item de sua declaração de bens. Segundo, eles não o mataram. Que diabo, não podemos imputar um crime a...

— Essa é a sua opinião.

— Com uma sólida base lógica. Reconheço que o senhor está sendo galante, transformando Maria em uma mentirosa e não em uma amante de Yeager, mas seria ainda melhor...

Fui interrompido pela campainha da porta. Ao chegar à sala da frente, vi na varanda o que tenho em mente quando me refiro a uma mulher feia. Não chegava a ser uma bruxa, nem um monstro, mas era uma mulher de meia-idade ou mais, que deveria ser completamente remodelada e reformada antes de poder sair às ruas de braços com alguém. Depois da reforma certamente sobrariam muitas peças sobressalentes, como, por exemplo, o queixo extra. Seu tailleur escuro de corte impecável e sua estola de mink platinada não a ajudavam muito. Abri a porta e cumprimentei-a.

— Nero Wolfe? Perguntou. Assenti.

— É a casa dele.

— Desejo vê-lo. Meu nome é Ellen Yeager. Sou a senhora Thomas G. Yeager.

Quando algum visitante chega sem ter hora marcada, eu normalmente o deixo na varanda até consultar Wolfe, mas estávamos vivendo um momento de crise. Nós não só estávamos em um beco sem saída como também Wolfe seria bem capaz de tentar aquele truque sujo com a família Perez, se eu não apresentasse outra alternativa. Assim, convidei-a a entrar, acompanhei-a até o escritório, entramos, e anunciei:

— Senhor Wolfe, senhora Yeager. Senhora Thomas G. Yeager. Ele me olhou demonstrando surpresa.

— Não fui informado de que eu tinha um encontro marcado.

— Não, senhor. Não havia nada marcado.

— Não tive tempo para telefonar, disse Ellen Yeager. — É urgente. Aproximou-se da cadeira de couro vermelho e se apossou dela como se fosse sua. Colocou a bolsa na estante de livros, e fitou Wolfe com seus olhinhos inteligentes. — Quero contratá-lo para fazer uma coisa por mim. Pegou a bolsa, abriu-a, e tirou dali um talão de cheques. — Quanto o senhor quer como sinal?

Cliente número quatro, sem contar o falso Yeager. Quando resolvo sair às ruas em busca de clientes consigo bons resultados. Ela continuava a falar.

— Meu marido foi assassinado, o senhor já está sabendo. Eu quero que o senhor descubra quem o matou e exatamente o que aconteceu, e então eu decidirei o que deverá ser feito em seguida. Ele era um homem doente, tinha um desejo sexual muito intenso. Estou sabendo de tudo isso. Eu me mantive em silêncio durante anos, mas não pretendo mais...

— Cale-se, ordenou Wolfe, interrompendo-a. Ela parou, atônita. — Estou sendo rude, disse ele, — Porque preciso ser. Não posso permitir que a senhora continuasse a me passar informações confidenciais sob a ilusão de que está me contratando. Não está e não pode me contratar. Já estou comprometido a investigar o assassinato de seu marido.

— Não está, declarou ela.

— Não estou?

— Não. O senhor foi contratado para evitar que o crime seja investigado, para impedir que a coisa chegue ao conhecimento do público, para proteger aquela corporação, a Continental Plastic Products. Um dos

diretores me contou tudo. Houve uma reunião do conselho esta manhã, e Benedict Eigen contou a eles o que fizera e eles aprovaram. Eles não se importam se o assassino de meu marido vai ser apanhado ou não. Na verdade, eles não querem que o criminoso seja preso. Eles só estão interessados na corporação. Agora sou herdeira de uma grande quantidade de ações, mas isso pouco importa. Eles não poderão me impedir de contar ao promotor de justiça tudo o que sei sobre aquele apartamento, se eu quiser.

— Que apartamento?

— O senhor sabe perfeitamente bem a que apartamento estou me referindo. Aquele prédio na Rua 82 onde Julia McGee foi ontem à noite e o senhor a pegou e a trouxe para cá. Benedict Eigen contou tudo aos diretores e um deles me disse. Virou-se para mim. O senhor é Archie Goodwin? Quero ver aquele apartamento. Quando o senhor me levará lá? Virou-se novamente para Wolfe. Sempre achei um péssimo hábito esse de fazer uma pergunta e não esperar pela resposta, mas nem sempre é ruim para quem não tem uma resposta na ponta da língua. Ela abriu o talão de cheques. — Quanto o senhor quer como sinal?

Ela era impetuosa, quanto a isso não resta a menor dúvida, mas não era idiota, e não perdia tempo com rodeios. Ela ia diretamente ao assunto. E se Wolfe tentasse fazer o que ela achava que ele fora contratado para fazer, ou seja, botar uma pedra sobre o crime, ela poderia estragar tudo com um simples telefonema ao gabinete do promotor de justiça. Portanto, ele precisava entrar no jogo dela. Ele se recostou na cadeira e cruzou os dedos diante da boca.

— Madame, a senhora está mal informada. Archie, aquele papel que o senhor Eigen assinou. Traga-o para que ela leia. Tirei o papel do arquivo e dei-o a ela. Para ler ela tirou seus óculos de sua bolsa. Terminada a leitura, tirou os óculos.

— É o que acabei de dizer, não é?

— Não. Leia outra vez. Archie, a máquina de escrever. Dois carbonos. Sentei, puxei a máquina mais para perto, ajeitei as folhas de papel com os carbonos.

— Pronto, senhor.

— Espaço simples, margens grandes. Data. Eu, vírgula, senhora Thomas G. Yeager, vírgula, contrato por meio deste documento Nero Wolfe para investigar as circunstâncias da morte de meu falecido marido. A

finalidade desta contratação é fazer com que o assassino ou a assassina de meu marido seja identificado e revelado, vírgula, e Wolfe deverá se esforçar ao máximo para alcançar este objetivo. Se no cumprimento de seu dever surgir algum conflito entre sua obrigação com a Continental Plastic Products e seu compromisso com o presente documento, fica acertado que ele porá um fim a seu contrato com a Continental Plastic Products, permanecendo fiel a este contrato firmado comigo. Fica entendido também que não farei nada para interferir com as obrigações de Wolfe junto à Continental Plastic Products sem avisá-lo antecipadamente. Virou-se para ela. — Não é necessário nenhum pagamento de sinal; não recebi nenhum do senhor Eigen. Se eu vier a cobrar alguma coisa da senhora ou não, bem como a quantia a ser cobrada, isso vai depender dos resultados. Não espero receber um pagamento substancial de dois clientes distintos pelos mesmos serviços. E não espero nenhum pagamento da senhora, por exemplo, se eu descobrir que a senhora matou seu marido.

— Não diga bobagens. Já houve um tempo em que senti vontade de matá-lo, mas isso foi há muitos anos, quando nossos filhos eram pequenos. Pegou o original de minhas mãos e colocou os óculos para ler. Não está certo. Quando o senhor descobrir quem o matou o senhor me diz e eu decidirei o que fazer.

— De jeito nenhum. O Povo do Estado de Nova York decidirá o que fazer. No processo de identificação do assassino eu inevitavelmente irei me deparar com provas, e não posso ocultá-las. Archie, lhe dê uma caneta.

— Não vou assinar. Prometi a meu marido que jamais assinaria qualquer documento sem antes mostrar a ele.

Um canto da boca de Wolfe se moveu para cima, sua versão de um sorriso. Ele sempre ficava satisfeito quando conseguia subsídios para apoiar sua teoria de que nenhuma mulher era capaz de, segundo sua própria denominação, uma sequência racional.

— Então, perguntou, — Devo modificar a redação para assinar o documento? Comprometendo-me com minha parte no contrato?

— Não, me entregou os papéis, o que Eigen assinara e o que ela não firmara. — De nada adianta assinar coisas. O que conta é o que a gente faz, não o que a gente assina. Quanto o senhor quer como sinal? Ele acabara de dizer que não queria nada. Resolveu mudar sua resposta.

— Um dólar.

Aparentemente ela achou que a quantia estava adequada. Abriu a bolsa, guardou o talão de cheques, tirou uma carteira, retirou dali uma nota de um dólar e se levantou para dar o dinheiro a Wolfe. Virou-se para mim.

— Agora quero ver aquele apartamento.

— Agora não, disse Wolfe com ênfase. — Agora tenho algumas perguntas a lhe fazer. Sente-se, por favor.

— Que tipo de perguntas?

— Preciso de informações, de todas que puder obter, e isso vai demorar algum tempo. Sente-se, por favor.

— Que tipo de perguntas?

— De muitos tipos. A senhora disse que já sabia a muitos anos que seu marido tinha um desejo sexual fora do normal, que ele era doente, portanto devo presumir que a senhora se deu ao trabalho de se informar sobre o que ele fazia para dar vazão a esse forte ímpeto sexual. Quero nomes, datas, endereços, eventos, pormenores.

— Esse tipo de informações o senhor não obterá de mim. Ajustou sua estola. — Deixei de me preocupar com essas coisas há muito tempo. Certa vez, quando meus filhos eram pequenos, cheguei a me consultar com meu médico sobre isso, lhe perguntei se havia alguma coisa que pudesse ser feita, talvez algum tipo de intervenção cirúrgica, mas do jeito com que ele me explicou, e conhecendo meu marido como eu o conhecia, percebi que ele não se submeteria a esse tipo de operação, e não havia nada mais que eu pudesse fazer. Assim, de que adiantaria? Tenho uma amiga cujo marido é alcoólatra, e ela tem um problema...

A campainha da porta tocou. Guardei os papéis em uma gaveta e caminhei para a sala da frente, sem imaginar que pudesse haver outro cliente em potencial ali na varanda. O inspetor Cramer, dos Homicídios da zona oeste, já fora muitas coisas, um inimigo, uma ameaça, uma pessoa neutra, uma vez ou outra aliado, mas nunca cliente. E sua aparência através do vidro one-way, o formato de seus ombros largos e a expressão de seu rosto redondo e vermelho, não deixavam dúvidas de que ele não nos procurara para antecipar um pagamento de sinal. Prendi a corrente, abri a porta os cinco centímetros que ela permitia, e falei pela pequena abertura.

— Saudações. Não posso abrir a porta porque o senhor Wolfe tem companhia. Posso atendê-lo?

— Não. Sei que ele tem companhia. A senhora Thomas G. Yeager já

está aí dentro há quase meia hora. Abra a porta.

— Fique à vontade. Volto já. Fechei a porta, voltei ao escritório, e disse a Wolfe: — O alfaiate. Ele está dizendo que seu funcionário trouxe o terno há quase meia hora, e ele quer conversar com o senhor.

Ele apertou os lábios e sorriu para mim, então para ela, e novamente para mim. Sempre que um policial aparece na varanda querendo entrar, seu primeiro impulso é me pedir para dizer a ele que o Sr. Wolfe está muito ocupado e não pode ser incomodado, principalmente se for o inspetor Cramer. Mas a situação já estava suficientemente enrolada. Se os tiras encontrassem uma pista para aquele prédio e seguissem alguém que fosse até lá e encontrassem Fred Durkin, as coisas ficariam pretas, e se obrigássemos Cramer a voltar mais tarde com um mandado para entrar no escritório, isso iria dificultar ainda mais nosso relacionamento com ele. Além disso, havia a Sra. Yeager. Como Cramer sabia que ela entrara em casa há quase meia hora, obviamente a polícia tinha alguém que a seguia, e não seria nada mau saber o motivo. Wolfe se virou para ela.

— O inspetor Cramer da polícia está aí na porta, e ele sabe que a senhora está aqui.

— Ele não sabe. Ela estava sendo categórica. Como é que ele poderia saber?

— Pergunte a ele. Mas podemos supor que a senhora estivesse sendo seguida. A senhora está sendo vigiada.

— Eles não ousariam! Eu? Não acredito! Se a polícia estivesse me seguindo... A campainha da porta tocou. Wolfe se virou para mim:

— Tudo bem, Archie.

*

NOVE

EM UM ENCONTRO desses dois, Wolfe e Cramer, eu naturalmente não posso agir como um observador imparcial. Não só estou comprometido e envolvido como também existe o fato básico de que tiras e detetives particulares são inimigos e sempre o serão. Dando apoio aos tiras de Nova York estão o poder e a autoridade de oito milhões de pessoas; dando apoio aos detetives particulares não existe nada além do direito à vida, à liberdade, e a busca da felicidade. Só que, embora essas coisas sejam muito boas, elas não vencem discussões. No entanto, embora eu não seja imparcial, sou um observador, e um dos privilégios de meu trabalho é estar presente quando Cramer entra no escritório e fita Wolfe com seus olhos azuis, e Wolfe, a cabeça ligeiramente inclinada para um lado, encara-o de frente. Quem desferirá o primeiro golpe, e um jab, um hook ou um swing? Dessa vez me enganei. Aquele primeiro impacto rápido não aconteceu porque a Sra. Yeager não deixou. Quando Cramer atravessou a soleira da porta e entrou no escritório, ela estava ali para enfrentá-lo, perguntando:

— Por acaso estou sendo seguida? Cramer olhou para ela. Aquele policial era educado.

— Bom dia, senhora Yeager. Espero que a senhora não fique aborrecida. Quando há um assassino à solta não gostamos de correr riscos. Para sua proteção, achamos que seria aconselhável...

— Não preciso de qualquer tipo de proteção e não a quero! Com a cabeça jogada para trás, as rugas entre seu queixo duplo não pareciam tão profundas. O senhor me seguiu até aqui?

— Não. Um policial a seguiu. Nós...

— Onde está ele? Quero vê-lo. Traga-o aqui. Pretendo dizer ao senhor e a seu policial que não quero mais ser seguida. Proteger-me? Sorriu com desprezo. Vocês não protegeram meu marido. Ele foi alvejado na rua e jogado dentro de um buraco e vocês nem ao menos o encontraram. Foi um garoto que o achou. Onde está esse homem?

— Ele só está cumprindo ordens. A voz de Cramer ficou um pouco

mais agressiva. — E ele a seguiu até aqui, e talvez a senhora realmente esteja precisando de proteção. Existem coisas que devem ser protegidas, e não estou falando apenas de violência pessoal. Queremos protegê-la para que a senhora não cometa erros. Talvez vir aqui seja um. Se a senhora veio para contar a Nero Wolfe alguma coisa que não revelou a nós, alguma coisa sobre seu marido, alguma coisa que esteja ou possa vir a estar relacionada com a morte dele, então foi um erro. Assim, desejo saber o que a senhora disse a ele e o que ele disse à senhora. Tudo. A senhora já está aqui há quase meia hora.

Durante meio segundo, tive a impressão de que ela ia abrir o jogo para ele, e ela também teve. Acho que o que passou pela cabeça dela nessa fração de tempo é que a maneira mais simples e mais rápida de ver aquele apartamento na Rua 82 seria contar a Cramer sobre ele, e até acho que é isso que ela faria, se não fosse a pronta intervenção de Wolfe.

— Estou disposto a devolver a importância que a senhora me deu como sinal, se a senhora quiser.

— Oh, disse ela, sem se virar para Wolfe. Eu o contratei para fazer um certo serviço, informou a Cramer.

— Para fazer o quê?

— Para descobrir quem matou meu marido. O senhor nem ao menos encontrou o corpo dele, e agora tudo que está fazendo é me seguir pela cidade, e inventou essa história de me proteger quando não estou correndo perigo nenhum. Se eu tivesse alguma coisa a dizer a alguém diria a ele, não ao senhor. Deu um passo à frente. — Saia da frente; vou ver aquele homem.

— A senhora está cometendo um erro, senhora Yeager. Quero saber o que foi dito a Wolfe.

— Pergunte a ele.

Vendo que Cramer não pretendia sair do lugar, ela deu a volta por ele e caminhou em direção à outra sala. Segui-a até a porta da frente. Quando coloquei a mão na maçaneta, ela chegou até mim, esticou o pescoço para aproximar a boca de minha orelha, e sussurrou:

— Quando o senhor vai me levar para ver aquele apartamento?

— Assim que tiver uma chance.

Eu gostaria de permanecer ali para ver como aquela mulher pretendia

descobrir quem a estava seguindo, mas, se Cramer perguntasse a Wolfe algo como “Quando foi que você descobriu aquele apartamento na Rua 82?”, eu queria estar presente. Assim, tranquei a porta e voltei ao escritório. Cramer não estava fazendo nenhuma acusação. Sentado na cadeira de couro vermelho, na metade dianteira do assento, os pés plantados no chão, ouvia o que Wolfe lhe dizia.

— ... E isso é confidencial. Não sou obrigado a lhe dizer quanto recebi como sinal por um trabalho, a menos que o senhor me acuse de estar interferindo no desempenho de seu dever como policial, e tenha meios de fundamentar sua acusação.

— Eu não estaria aqui, respondeu Cramer, — Se não pudesse fundamentá-la. Não foi simplesmente a informação de que a senhora Yeager estava aqui que me trouxe ao seu escritório. Isso seria suficiente, pois eu saberia que você estava metendo seu nariz em uma investigação de assassinato, mas não foi tudo. Estou lhe oferecendo uma chance de cooperar lhe fazendo uma pergunta direta: Que informação você tem sobre Yeager que poderia ajudar a identificar a pessoa que o matou?

Então ele sabia sobre o apartamento, e estávamos em maus lençóis. Fui até minha mesa e me sentei. A situação era difícil, e provavelmente a melhor coisa que Wolfe podia fazer era abrir logo o jogo e esquecer nossos clientes. Não foi o que ele fez. Ele se manteve calmo. Balançou a cabeça.

— Uma pessoa inteligente como o senhor não me faria uma pergunta dessas. Tomemos uma hipótese. Imaginemos, por exemplo, que eu fosse informado confidencialmente que certa pessoa devesse uma grande quantia em dinheiro a Yeager e que ele a pressionasse para receber o pagamento. Isso poderia ajudar a identificar o assassino, mas não sou obrigado a lhe passar a informação, a menos que seja confrontado com uma prova palpável de que esse dado ajudaria. Sua pergunta é bastante direta, mas é impertinente, e o senhor sabe disso.

— Você admite que tenha informações.

— Não admito nada. Se eu tiver informações, a responsabilidade de decidir se tenho amparo legal em não revelá-las é minha, assim como é meu o risco.

— Risco coisa nenhuma. Um cara de sorte como você falando de risco. Vou tentar lhe fazer uma outra pergunta mais específica e que talvez não seja tão impertinente. Por que Goodwin telefonou a Lon Cohen na

Gazeta às cinco horas da tarde de segunda-feira pedindo informações sobre Yeager, mais de duas horas antes do corpo do milionário ser encontrado?

Tentei não sorrir, e aparentemente consegui, pois Cramer tem bons olhos e muita experiência com rostos, e se eu demonstrasse meu alívio ele perceberia. Por dentro eu estava sorrindo. Eles não descobriram o apartamento; eles simplesmente receberam uma informação de algum idiota da Gazeta, e resolveram agir. Wolfe grunhiu:

— Esta é realmente uma pergunta específica.

— É. Agora quero que você seja específico. Já cansei de ver você investigando vários casos de assassinato, isso não é novidade, mas meu deus do céu esta é a primeira vez que você nem ao menos esperou que o corpo fosse encontrado. Como é que sabia que ele estava morto?

— Eu não sabia. Nem o senhor Goodwin. Wolfe virou as mãos sobre a mesa. Senhor Cramer, não aceito todos os trabalhos que me são oferecidos. Quando aceito um, eu o faço para ganhar honorários, e às vezes é necessário correr um risco calculado. Estou correndo um neste momento. É verdade que alguém, vamos identificar essa pessoa como senhor X, disse alguma coisa nesta sala, na tarde de segunda-feira, que fez com que o senhor Goodwin telefonasse ao senhor Cohen em busca de informações sobre Thomas G. Yeager. Mas, primeiro, nada do que o senhor X disse indicava que ele soubesse que Yeager estava morto, e somos de opinião de que ele não sabia mesmo. Segundo, nada do que o senhor X nos disse, indicava que Yeager estava em perigo, que alguém pretendia matá-lo ou tinha algum motivo para eliminá-lo. Terceiro, nada do que o senhor X disse era verdade. Descobrimos que tudo que ele nos contou era mentira. E como nossa conclusão de que ele não sabia que Yeager estava morto e, portanto, de que ele não o matou está devidamente fundamentada, tenho todo direito de guardar suas mentiras para mim mesmo, pelo menos por enquanto. Não tenho informações para o senhor.

— Quem é o senhor X?

— Não sei.

— Merda. É a senhora Yeager?

— Não. Eu provavelmente não revelaria o nome dessa pessoa, mesmo que pudesse, mas não posso. Cramer inclinou o corpo à frente.

— Risco calculado, não é? Conclusão devidamente fundamentada. Você é um demônio. Lembro-me muito bem... O telefone tocou, me virei na cadeira e atendi.

- Escritório de Nero W...
- Peguei outra, Archie.

Meus dedos apertaram o telefone, e procurei trazê-lo ainda mais perto de minha orelha. Fred perguntou:

- É você, Archie?
- Claro. Estou ocupado. Se eu dissesse a ele para aguardar na linha e fosse até a cozinha, Cramer sentaria à minha mesa e ouviria nossa conversa.
- Estou dizendo que peguei outra. Outra mulher.
- Não sei se isso será possível, senhor Gerson. Isso poderá nos trazer sérios problemas.
- Ah, tem alguém aí?
- Certamente. Fred tem ligações suficientemente boas em seu cérebro, mas o serviço é meio lento. — Acho que irei atendê-lo, mas não sei quanto tempo demorarei em conseguir. Espere na linha um minuto. Cobri o bocal com a mão e me virei para Wolfe. — Aquele idiota do Gerson encontrou suas debêntures e prendeu dois de seus funcionários em uma sala. Ele pode acabar se metendo em uma encrenca tão grande que vai gastar mais do que o valor dos títulos. Ele quer que eu vá até lá, e naturalmente eu deveria ir, mas... Wolfe grunhiu:
 - Você precisa ir. O cara é um simplório. Você poderá telefonar ao senhor Parker de lá, se for necessário. Tirei a mão do bocal do telefone.
 - Tudo bem, senhor Gerson, estou a caminho. Mantenha os dois fechados aí até eu chegar. Desliguei e saí.

Junto ao meio-fio em frente a casa estava estacionado o carro de Cramer. O motorista, Jimmy Burke, se comunicava com a central. Segui em direção leste. Não havia nenhum motivo para supor que Cramer designasse alguém para me seguir, mas eu não pretendia correr nenhum risco de levar um funcionário público ao endereço da Rua 82. Tomei um táxi na Nona Avenida e disse ao motorista que eu lhe daria ordens durante o caminho. Entramos à direita na Rua 34, à direita outra vez na Décima Primeira Avenida, novamente à direita na Rua 56, e à esquerda na Décima Avenida. Aí eu já sabia que não estava sendo seguido, mas mesmo assim fiquei de olho no vidro de trás o tempo todo até chegarmos à Rua 82 com a Broadway. A partir dali fui andando.

O buraco na rua já fora fechado. Não havia ninguém uniformizado por

ali, e não vi ninguém que poderia estar representando a Homicídios na região oeste ou o gabinete do Promotor de Justiça. Cheguei à entrada do porão do número 156. Usei a chave de Meg Duncan, e segui pelo corredor. Não tive nenhuma sensação de estar sendo espreitado, mas quando já estava chegando ao fim, Cesar Perez surgiu junto à porta da cozinha.

— Ah, é o senhor, disse ele, e se virou para dentro do apartamento. — É o senhor Goodwin. Sua mulher veio lá de dentro.

— Há uma mulher lá em cima, informou. Assenti.

— Vim justamente para vê-la. Vocês já a viram antes?

— Não, olhou para o marido. Cesar, precisamos contar a ele.

— Não sei. Perez encolheu os ombros. Você pensa melhor do que eu, Felita. Se você acha que devemos... Ela me fitou com aqueles olhos negros.

— Se o senhor não for um homem honesto, que Deus nos ajude. Entre aqui. Saiu da frente para permitir minha passagem.

Não hesitei. Fred não me deu a impressão, a julgar por sua voz ao telefone, de ter novos arranhões no rosto, e esse casal podia ter alguma novidade quente. Entrei na cozinha. A senhora Perez foi até a mesa e pegou um cartão de visitas.

— Este homem veio aqui esta manhã. Entregou-me o cartão.

Era o cartão em relevo de um certo John Morton Seymour. O cartão dizia que ele era advogado. Havia o endereço de seu escritório no centro da cidade.

— E daí? Perguntei.

— Ele trouxe isto. Pegou um envelope que estava sobre a mesa e entregou-o a mim. Veja o que é.

Tirei dali de dentro um papel com o timbre de documento legal e desdobrei-o. Eram três páginas datilografadas de forma muito bem feita e profissional. Não precisei ler todas as palavras para captar a ideia; era um contrato de transferência por escritura, assinado por Thomas G. Yeager e devidamente confirmado por duas testemunhas, com a data de 16 de março de 1957, transferindo a propriedade de um certo imóvel, especificamente o prédio e o terreno da Rua 82 Oeste, nº 156, Divisão de Manhattan, cidade de Nova York, para Cesar e Felita Perez. Primeira e mais interessante pergunta: há quanto tempo eles estavam sabendo da existência daquele documento?

— O homem veio aqui e nos deu este documento, disse ela.

— Ele nos contou que o senhor Yeager lhe dera instruções para que, no caso de sua morte, ele nos entregasse o contrato de transferência do imóvel dentro de quarenta e oito horas após seu falecimento. Ele nos disse que já se passou um pouco mais de quarenta e oito horas, mas que achava que isso não tinha importância. Ele nos assegurou que cuidaria de todas as formalidades para nós, sem cobrar nada. Agora precisamos contar ao senhor o que pretendíamos fazer. Estávamos pensando em ir embora daqui esta noite. Queríamos ir para qualquer lugar e nunca mais voltar. Mas agora resolvemos ficar e lutar por nossos direitos. Meu marido e minha filha acham que devemos ficar, mas eu ainda acho que seria melhor irmos embora. Pela primeira vez estamos em desacordo por algo mais do que simples palavras. Por isso estou lhe contando tudo. Os olhos de Cesar estavam semicerrados.

— Seu chefe, o senhor Wolfe, disse ontem que quando os policiais descobrirem que o senhor Yeager é o dono deste prédio eles virão aqui e então nossa situação ficará crítica. Por isso resolvemos ir embora esta noite. Mas esse homem que nos procurou hoje, esse tal senhor Seymour, ele disse que o senhor Yeager preparou este documento assim para que ninguém pudesse saber que ele era o proprietário deste imóvel, e ele nos aconselhou a não dizer a ninguém que ele era o dono. Falou ainda que o documento está redigido de tal forma que ninguém virá a saber. Então eu achei que devíamos ficar. Esta é nossa casa agora e podemos retirar as coisas que não quisermos do apartamento lá de cima e poderemos morar lá. Se acharmos que é muito grande poderemos colocar paredes. Aquela cozinha e aquele banheiro são muito bonitos. Minha mulher quase sempre pensa melhor do que eu, mas desta vez consegui convencê-la que não há motivo para fugirmos daqui. Por que devemos fugir de nossa própria casa?

— Bem. Coloquei o documento no envelope e joguei-o sobre a mesa. Quando o senhor Wolfe afirmou ontem que vocês teriam problemas quando a polícia descobrisse que Yeager era o dono deste prédio, vocês já estavam sabendo que isso não seria possível. Por que não revelaram a existência deste documento?

— Acho que o senhor não está prestando atenção, disse a senhora Perez. Esse tal senhor Seymour não veio aqui ontem. Ele veio hoje de manhã. O senhor não prestou atenção.

— Claro que prestei. Mas Yeager falou a vocês sobre este documento há muito tempo. Vocês sabiam que o prédio seria transferido para sua

propriedade se ele morresse. Os olhos negros daquela mulher brilharam.

— Se o senhor prestasse atenção na conversa não estaria nos chamando de mentirosos. Dissemos que estávamos dispostos a ir embora daqui. Só que esse senhor Seymour nos procurou com este documento e então começamos a discutir. Assenti.

— Eu ouvi. Vocês têm uma Bíblia?

— É claro.

— Traga-a aqui.

Ela saiu da sala, não para o corredor, mas passou por outra porta. Em poucos segundos já estava de volta com um livro grosso encadernado em uma capa de couro marrom. Aquele livrinho não me pareceu nada com as Bíblias que eu já vira na vida, e precisei abri-lo para me certificar, mas estava escrito em espanhol. Apoiando-o na palma da minha mão, pedi a eles que colocassem suas mãos esquerdas sobre ele e levantassem as mãos direitas, e eles obedeceram.

— Repitam comigo: Juro sobre esta Bíblia... Que não sabíamos... Que o senhor Yeager pretendia nos dar este prédio... E que eu não tinha motivos... Para pensar que ele agiria dessa forma... Antes da chegada do senhor Seymour, esta manhã. Coloquei a Bíblia sobre a mesa.

— Muito bem. Se o senhor Seymour afirmou que pode tomar todas as providências para que ninguém descubra que Yeager era o proprietário do imóvel é porque provavelmente pode, mas existem algumas pessoas que estão cientes do envolvimento do milionário com este endereço, inclusive eu, portanto aconselho-os a não tirarem nada daquele apartamento, mesmo que agora vocês sejam os proprietários. Aconselho-os também a ficarem aqui. Não estou dando razão nem a um nem a outro, mas acho que fugir seria a pior coisa que vocês poderiam fazer. Yeager foi assassinado no apartamento, e vocês transportaram o corpo. Se vocês fugirem, é provável que o senhor Wolfe se sinta na obrigação de contar à polícia o que vocês fizeram, e não demoraria muito tempo para que eles os encontrassem, e então fazer um juramento com a mão sobre uma Bíblia não os iria ajudar muito.

— Eles não nos encontrariam, afirmou a senhora Perez.

— Não se iludam. Pessoas mais inteligentes do que vocês já acharam que poderiam ir para algum lugar onde não seriam encontrados, e chegaram à conclusão de que não existe esconderijo seguro. Esqueçam. Preciso subir e ver aquela mulher. Por favor, aceitem meus sinceros parabéns por serem

os novos proprietários deste imóvel. Espero que um tira nunca entre aqui. Eu já estava de saída, mas ela falou:

— Se resolvermos fugir daqui, nós o informaremos, antes de qualquer decisão.

— Não vamos sair daqui, disse Perez. Somos cidadãos dos Estados Unidos da América.

— Exatamente, confirmei, e caminhei em direção ao elevador e apertei o botão. Ele chegou, entrei e subi.

O apartamento surgiu à minha frente. Saindo do elevador e notando que tudo estava tranquilo, que Fred não tivera de usar a coberta da cama outra vez, deixei meus olhos vagarem por aquele ambiente de luxúria. Inquestionavelmente, o lugar tinha um toque bem definido. Seria uma experiência interessante e instrutiva morar algum tempo ali e ver quantos dias seriam necessários para que eu me acostumasse àquele ambiente, especialmente com todos aqueles quadros que estavam na... Mas eu tinha um trabalho a fazer. Fred estava sentado numa cadeira forrada de seda amarela, à vontade, com uma taça de champanhe na mão; sentada num sofá à sua frente, também com uma taça de champanhe, havia uma mulher que combinava com aquela decoração muito melhor do que Meg Duncan ou Julia McGee, embora naturalmente os dois não estivessem em uma atitude de intimidade. Aquela mulher era do tipo mignon, cheia de curvas, mas sem ostentação, e as que atraíram imediatamente minha atenção foram as curvas dos lábios, uns lábios carnudos, no ponto exato. Quando me aproximei, ela me estendeu a mão.

— Já o conheço, afirmou. Já o vi no Flamingo. Certa vez deixei um homem doido ao afirmar que queria dançar com você. Quando Fred disse que Archie Goodwin vinha para cá, precisei me sentar para não desmaiar de emoção. Você dança maravilhosamente. Cumprimentei-a. Depois de apertar as mãos de cinco assassinos diferentes em ocasiões anteriores, achei que uma mão a mais não faria diferença.

— Não vou me esquecer de seu elogio. Se algum dia tiver o prazer de dançar com a senhorita, tentarei não pisar em seus pés. Estou interrompendo? A senhorita e Fred já são velhos amigos?

— Não, eu nunca o vi antes. Só achei que seria bobagem chamá-lo de senhor Durkin, já que estou tomando champanhe com ele. Eu sugeri o champanhe.

— Ela o colocou no congelador, informou Fred, e ela o abriu. Por que

desperdiçá-lo? Eu não gosto muito de champanhe, como você sabe.

— Não é preciso me dar explicações. Se ela o chama de Fred, como é que você a chama?

— Não sei o nome dela. Ela me pediu para chamá-la de Dye. Eu esperava sua chegada.

No sofá, a meio metro de distância daquela mulher, havia uma bolsa de couro no formato de uma caixa. Estava suficientemente perto para que eu me curvasse e esticasse um braço para pegá-la. Ela percebeu o que eu pretendia fazer e tentou segurar a bolsa, mas era tarde demais. Peguei-a, dei um passo atrás e abri-a. Ela se limitou a comentar:

— Não foi um gesto delicado, foi?

— Sou delicado apenas quando estou dançando.

Fui até a outra ponta do sofá e comecei a tirar as coisas de dentro da bolsa, uma a uma, colocando-as a meu lado. Encontrei apenas duas coisas com nomes: um envelope aberto endereçado à Sra. Austin Hugh, Rua Éden, 64, Nova York 14, e uma habilitação de motorista no nome de Dinah Hugh, mesmo endereço, trinta anos, 1,55 m, branca, cabelos castanhos, olhos amendoados. Guardei tudo de volta, fechei a bolsa, e recoloquei-a ao lado dela.

— Deixei o revólver em casa, brincou, e tomou um gole de champanhe.

— Eu notei. Só estava querendo saber como se soletra Di. Estou em condições de lhe poupar alguns problemas, senhora Hugh. Nero Wolfe quer ver qualquer pessoa que venha a este apartamento e tenha as chaves da porta lá de baixo e do elevador que por sinal, eu as deixei dentro de sua bolsa, mas se chegássemos lá agora ele estaria começando a almoçar e teríamos de esperar. Poderemos começar a conversar aqui enquanto vocês dois terminam o champanhe.

— Quer tomar também? A garrafa está na geladeira.

— Não, obrigado. Sentei-me no sofá, a um metro de distância, e me virei para olhá-la de frente. Acredito que a senhora não veio aqui por causa do champanhe.

— É verdade. Vim para pegar meu guarda-chuva.

— Amarelo com um cabo de plástico vermelho?

— Não. Cinza com um cabo preto.

— Está dentro de uma gaveta, mas a senhora terá de ficar sem ele por enquanto. Se por acaso os policiais ficarem interessados por este lugar, não irão gostar de saber que algumas coisas foram retiradas daqui. Como é que ele foi parar naquela gaveta?

— Preciso tomar mais um gole. Levantou-se do sofá com surpreendente agilidade. Posso lhe trazer uma taça?

— Não, obrigado.

— Você, Fred?

— Não, uma taça deste negócio é suficiente. Ela foi para a cozinha e aproveitei para perguntar a Fred:

— Ela tentou suborná-lo de alguma forma? Ele balançou a cabeça.

— Ela não tentou nada. Bastou olhar para mim para ver que tenho o dobro de sua altura, e ela disse: “Eu não o conheço, não é? Qual é seu nome?”. Ela é uma mulher muito fria, se você quiser minha opinião. Sabe o que foi que ela me perguntou depois que começamos a conversar? Ela me perguntou se eu achava que este era um local ideal para reuniões da Associação de Pais e Mestres. Acredite-me, se eu fosse uma mulher e tivesse as chaves de um apartamento como este e viesse aqui e encontrasse um estranho...

A Sra. Hugh voltara, com uma taça cheia. Retomou seu lugar no sofá sem derrubar uma só gota, ergueu a taça e disse:

— Fé, esperança e caridade, e tomou um gole. Cruzou as pernas. — Eu o deixei aqui. Há duas semanas, na sexta-feira. Na próxima sexta serão três semanas. Estava chovendo. Tom Yeager me contou que conhecia um lugar que era diferente, que valia a pena conhecer, e me deu as chaves e me ensinou como entrar aqui. Quando cheguei, foi isto que encontrei. Fez um gesto largo com a mão mostrando o ambiente. Admito que seja um lugar diferente. Mas não havia ninguém aqui além dele, e Yeager começou a ter umas ideias que não me agradaram. Na verdade, ele não chegou a me atacar. Sei que devemos falar somente coisas boas a respeito de pessoas que já morreram, mas a situação começou a ficar muito difícil, e fiquei feliz quando consegui sair daqui, sem meu guarda-chuva, mas com todo o resto. Tomou mais um gole. — E quando li sobre sua morte, e fiquei sabendo que seu corpo fora encontrado dentro de um buraco em plena rua, nesta rua, você pode imaginar o que senti. Eu não estava preocupada com a possibilidade de ser detida como suspeita de ter algum envolvimento com sua morte, mas eu sabia o quanto os policiais são espertos em seguir pistas,

e se meu guarda-chuva os trouxesse a mim, e se este apartamento viesse a ser descrito nos jornais, bem... Encolheu os ombros. — Meu marido, meus amigos, todos os que me conhecem, e se a situação ficasse realmente preta, meu marido poderia até perder o emprego. Mas este apartamento não foi mencionado nos jornais ontem, e também não publicaram nada sobre ele nas edições de hoje. Então achei que provavelmente os policiais não sabiam da existência deste lugar, e decidi vir até aqui para pegar meu guarda-chuva. E aqui estou eu. Tomou um gole. — E você está me dizendo que não posso pegá-lo e que preciso ver Nero Wolfe. Seria até divertido ver aquele famoso detetive, e eu não me importaria de acompanhá-lo até o escritório, mas quero meu guarda-chuva, e tenho uma ideia. Você disse que ele está aqui em uma gaveta?

— Certo.

— Então você vai pegá-lo, e esta noite vamos ao Flamingo para dançar. Não dançaremos apenas uma música. Poderemos ficar lá até fechar, e depois você pode me levar para onde quiser. Talvez aí você fique com vontade de me devolver o guarda-chuva. Não é bem isso que estou querendo dizer. Falei que talvez você sinta vontade, e não custa nada tentar. De qualquer forma, o guarda-chuva estará com você.

— É. As curvas de seus lábios eram realmente atraentes. — E o guarda-chuva não estaria aqui. Agradeço pelo convite, senhora Hugh, mas estarei trabalhando esta noite. Por falar em trabalho, por que seu marido poderia perder o emprego? Por acaso ele trabalha para a Continental Plastic Products?

— Não. Ele é professor assistente na Universidade de Nova York. A mulher de um dos docentes envolvida em uma coisa como esta, mesmo que eu não esteja realmente envolvida... Senti um click em meu crânio. Não era um pressentimento. A gente nunca sabe de onde surge um pressentimento. Foi a palavra “professor” que acendeu uma luz.

— Qual é a matéria que seu marido leciona?

— Literatura inglesa. Tomou mais um gole. — Você está mudando de assunto. Poderemos ir ao Flamingo amanhã à noite. Você não perderá nada, exceto algumas horas, se não gostar de mim, porque levará meu guarda-chuva. Consultou seu relógio de pulso. Já é quase uma e meia. Você já almoçou?

— Não.

— Leve-me para almoçar e talvez eu consiga derreter um pouco de seu gelo.

Eu a estava ouvindo apenas com um ouvido. Professor de Literatura. Lembrei-me das citações de Robert Browning feitas pelo falso Yeager. Eu seria capaz de apostar dez contra um, e venceria facilmente, mas um detetive não pode querer solucionar seus casos apenas apoiado em probabilidades. Levantei-me.

— A senhora já está me deixando nervoso, senhora Hugh. Para mim não seria nada difícil chamá-la de Di. Há muito tempo não conheço uma mulher tão interessante, com a qual eu gostaria de almoçar ou dançar. Seria um prazer deixá-la derreter meu gelo, mas preciso ir embora. Nero Wolfe ainda vai querer vê-la, mas isso pode esperar. Apenas uma pergunta: Onde a senhora esteve na noite de domingo, a partir das sete da noite?

— Não, seus olhos ficaram arregalados. Você não pode estar falando sério.

— Desculpe-me, mas estou. Se quiser ter outra conferência consigo mesma, esperarei enquanto a senhora vai encher sua taça na cozinha.

— Você está falando sério. Esvaziou a taça, sem pressa. — Não fui à cozinha para ter uma conferência comigo mesma. Na noite de domingo, eu fiquei em casa, em nosso apartamento, com meu marido. A partir das sete da noite? Fomos a um restaurante no Village pouco depois das seis para jantar, e voltamos para o apartamento depois das oito, por volta de oito e meia. Meu marido ficou trabalhando em alguns documentos, e fiquei lendo e assistindo televisão. Fui para a cama por volta de meia-noite, e fiquei ali. Juro que fiquei. Eu raramente me levanto no meio da noite e saio às ruas para matar um homem e jogar o corpo dele dentro de um buraco.

— É um mau hábito, concordei. — Agora o senhor Wolfe não precisará lhe fazer esta pergunta. Acredito que seu nome esteja na lista telefônica, não é? Virei-me para Fred. — Não deixe que ela o convença a devolver seu guarda-chuva. Como está o serviço de quarto por aqui? Tudo bem?

— Não tenho do que reclamar. Estou começando a me sentir em casa. Quanto tempo ainda?

— Um dia ou uma semana ou um ano. Você jamais ganhou um dinheiro mais fácil em toda sua vida.

— É verdade. Ela vai ficar aqui?

— Sim. Acho que ela vai querer terminar a garrafa. Tenho o que fazer nas ruas. Caminhei em direção ao elevador. Dinah Hugh se levantou e foi para a cozinha. Ela estava ali quando o elevador chegou e entrei.

Lá embaixo, o Sr. e a Sra. Perez ainda estavam na cozinha, e enfiei a cabeça pelo vão da porta para dizer a eles que sua única esperança de não se meterem em encrencas era ficarem tranquilamente dentro de casa. Na esquina da Rua 82 com a Columbus, havia uma lanchonete onde eu poderia cuidar de meu estômago com um copo de leite, mas não me detive. Eu tinha um encontro com um professor de literatura inglesa, embora ele não estivesse me esperando.

*

DEZ

ERAM 13H40 QUANDO saí daquele prédio. Eram 18h10, quatro horas e meia mais tarde, quando disse para Austin Hugh:

— Você sabe muito bem que não conseguirá se safar. Venha comigo.

Durante as quatro horas e meia, consegui realizar uma tarefa muito importante. Eu aprendera que em uma grande universidade muita gente sabe onde um professor assistente deve estar ou deveria estar, mas ninguém sabe onde ele realmente está. Consegui evitar ser atropelado e pisoteado em longos corredores por duas vezes, uma entrando em uma providencial sala, e outra me encolhendo contra a parede. Fiquei sentado em uma antessala e li numa revista um artigo intitulado “Experimentos com a educação secundária no Japão”. E suei durante quinze minutos em uma cabina telefônica, relatando a Wolfe os mais recentes desdobramentos, inclusive a doação daquele prédio a Cesar e Felita Perez. Tive tempo de procurar uma lanchonete na universidade e comi ali um sanduíche de carne, razoável, um pedaço de torta de cereja, nada má, e tomei dois copos de leite. Fui parado em um corredor por três estudantes, uma delas tão linda quanto um quadro (não estou me referindo aos quadros pendurados na parede do apartamento do último andar do prédio dos Perez), que pediram meu autógrafo. Elas provavelmente me confundiram com Sir Laurence Olivier ou com Nelson Rockefeller, não sei ao certo qual dos dois.

Não consegui encontrar Austin Hugh até que, finalmente, decidi que aquela busca era inútil e resolvi caminhar na direção do número 64 da Rua Éden. Não telefonei porque sua mulher poderia atender, e eu ficaria encabulado em perguntar se seu marido estava em casa. A ideia era dar uma olhada nele. Assim, fui até lá e toquei a campainha identificada com o nome Hugh, abri a porta quando ouvi o click e entrei. Subi dois andares, segui pelo corredor até uma porta que se abriu quando cheguei, e ali estava ele. O homem ficou pálido quando me viu. Sua boca abriu e fechou. Falei,

não agressivamente, apenas para dar início à nossa conversa:

— Não lhe trago nem uma coisa nem outra. Nenhum de meus crimes é assim tão grave.

— Como foi que você...

— Isso não interessa. Voltamos a nos encontrar, e isso é suficiente. Sua mulher está?

— Não. Por quê?

— Também não importa saber o motivo, já que ela não está aqui. Não há nada que eu gostaria mais do que ter uma conversinha com você durante algum tempo. Mas, como você mesmo mencionou na segunda-feira, o senhor Wolfe desce dos viveiros das plantas às seis da tarde, e ele já está no escritório nos esperando. Venha comigo. Ele estava decidindo alguma coisa. Decidiu.

— Não sei sobre o que você está falando. Não lhe disse nada na segunda-feira. Nunca o vi em minha vida. Quem é você?

— Sou Thomas G. Yeager. O fantasma dele. Não seja idiota. Se acha que é apenas minha palavra contra a sua, está perdendo seu tempo. Você sabe muito bem que não conseguirá se safar. Venha comigo.

— Veremos se não conseguirei. Tire seu pé da porta. Vou fechá-la. Não havia motivo para prolongar aquela discussão estéril.

— Tudo bem. Vou fazer a pergunta que você não chegou a terminar. Esta tarde, tive uma conversa com sua mulher. Consegui seu nome e seu endereço lendo um envelope que tirei da bolsa dela.

— Não acredito. É mentira.

— Dentro da bolsa encontrei também a habilitação de motorista dela. Dinah Hugh, nascida no dia 3 de abril de 1930, branca, cabelos castanhos, olhos amendoados. Ela gosta de champanhe. Costuma inclinar um pouco a cabeça para a direita quando...

— Onde foi que você a viu?

— Isso também não importa. Não lhe darei nenhuma informação. Comprometi-me com o senhor Wolfe a levá-lo ao escritório às seis, e já estamos quinze minutos atrasados. Se você quiser...

— Minha mulher está lá?

— Não, agora não. Estou lhe dizendo, senhor Yeager, me desculpe, senhor Hugh, se não quiser comer o pão que o diabo amassou, aceite meu convite e venha comigo.

— Onde está minha mulher?

— Pergunte ao senhor Wolfe.

Ele começou a caminhar, e saí da frente para não ser atropelado. Fechou a porta, se certificou de tê-la trancado, e seguiu em direção à escada. Fui atrás. Enquanto descíamos, perguntei que caminho seria melhor para tomarmos um táxi e ele não respondeu. Eu preferiria a Rua Christopher, mas ele virou à direita naquela esquina, seguindo em direção à Sétima Avenida, e ele tinha razão. Conseguimos um táxi em três minutos, no pior horário do dia. Ele não abriu a boca durante o caminho. Havia uma chance, uma em dez, de que Cramer postaria um homem de guarda para ficar de olho na velha construção de arenito castanho-avermelhado, mas ele não conseguiria distinguir Hugh de Adão, e ir pela entrada dos fundos, pela passagem da Rua 34, era complicado. Assim descemos bem em frente. Ao subir até a varanda, descobri que a corrente estava presa e tive de tocar a campainha para que Fritz nos deixasse entrar. Wolfe estava sentado à sua mesa, resolvendo as palavras cruzadas do Observer. Não ergueu os olhos quando entramos. Apontei a cadeira de couro vermelho para Hugh e fui até a minha, sem dizer nada. Quando um cérebro privilegiado está trabalhando para solucionar um problema importante, não se deve interromper. Em vinte segundos, ele murmurou:

— Com a breca! Jogou o lápis sobre a mesa, se virou, olhou para o convidado e comentou: — Então o senhor Goodwin conseguiu encontrá-lo. O que o senhor tem a nos dizer?

— Onde está minha mulher? Gritou Hugh. O grito estivera contido em sua garganta.

— Espere um segundo, interferi. Eu disse a ele que conversei com sua mulher esta tarde, e que descobri seu nome e endereço a partir de alguns itens que encontrei em sua bolsa. Isso é tudo.

— Onde está ela? Insistiu. Wolfe olhou-o fixamente.

— Senhor Hugh. Quando fiquei sabendo, na noite de segunda-feira, que um homem chamado Thomas G. Yeager fora assassinado, seria uma atitude perfeitamente natural e adequada se eu desse à polícia uma descrição do homem que estivera aqui naquela tarde se fazendo passar por ele. Por motivos particulares, não o fiz. Se eu tiver de me comunicar com a polícia agora, não lhes darei uma simples descrição, mas seu nome e endereço. Se vou a fazer isso ou não só depende de como explicará sua estranha farsa. O que o senhor tem a dizer em sua defesa?

— Quero saber onde foi que Goodwin viu minha mulher e por que, e onde está ela. Enquanto não souber, não vou explicar coisa nenhuma. Wolfe

fechou os olhos. Pouco depois, tornou a abri-los. Assentiu.

— É compreensível. Se sua mulher fosse um fator determinante na questão, o senhor não poderia explicar sem envolvê-la, e não poderá, a menos que ela já esteja envolvida. Muito bem, ela está envolvida. Na tarde de segunda-feira, se fingindo de Yeager, o senhor contou ao senhor Goodwin que esperava ser seguido ao número 156 da Rua 82 Oeste. Quando sua mulher entrou em um determinado apartamento do prédio que fica exatamente nesse endereço ao meio-dia de hoje, encontrou um homem ali que está à meu serviço. Ele notificou o senhor Goodwin, que foi até lá e conversou com ela. Sua mulher tinha as chaves do prédio e do apartamento. Isto é tudo que pretendo lhe dizer. Agora vamos à sua explicação.

Eu raramente fico com pena das pessoas encurraladas por Wolfe. Normalmente isso acontece porque elas pedem para que ele as domine de um jeito ou de outro. Além do mais, quem não quer se queimar não deve brincar com fogo. Mas tive de desviar meus olhos de Austin Hugh. Seu rosto comprido e esquelético ficou tão distorcido que ele mais parecia uma carranca do que um homem. Olhei para o outro lado e quando voltei a olhar para ele, seu corpo estava curvado para frente e seu rosto estava enterrado em suas mãos. Wolfe estava falando:

— Sua posição é completamente sem esperanças, senhor Hugh. O senhor conhecia aquele endereço. Conhecia o número do telefone de Yeager que não está na lista. Sabia que ele costumava frequentar aquele endereço. O senhor sabia que sua mulher também ia lá. O que o senhor esperava conseguir vindo aqui para fazer com que o senhor Goodwin saísse às ruas para uma missão inútil? A cabeça de Hugh se levantou o suficiente para que seus olhos se voltassem para mim.

— Onde está ela, Goodwin? Era um apelo, não uma ordem.

— Não sei. Eu a deixei naquele apartamento naquele endereço quando faltavam vinte para as duas. Ela estava tomando champanhe, mas não parecia muito satisfeita. A única outra pessoa ali era um homem que está a serviço do senhor Wolfe. Ele não a estava mantendo lá contra sua vontade; ela podia sair quando quisesse. Saí de lá porque queria dar uma olhada em você, mas ela não sabia. Não sei a que horas ela saiu de lá nem para onde foi.

— Você conversou com ela? Ela falou?

— Conversamos durante uns vinte minutos.

— Que foi que ela disse? Dei uma olhada para Wolfe, mas ele não

virou a cabeça para me dar algum sinal. Isso significava que eu deveria usar meu bom senso e minha sagacidade. Foi o que fiz.

— Ela me contou uma mentira, uma mentira fácil de ser desmascarada. Contou-me que tinha ido até lá apenas uma vez, e que não ficara por muito tempo. Disse que esquecera seu guarda-chuva e voltara hoje para pegá-lo. A parte que diz respeito ao guarda-chuva corresponde à verdade; eu o vi dentro de uma gaveta, onde ainda está. Ela me convidou para levá-la a um restaurante para almoçarmos. Convidou-me também para levá-la ao Flamingo esta noite para dançarmos até o amanhecer.

— Como você sabe que é mentira, que ela não esteve lá apenas uma vez? Balancei a cabeça.

— Você está querendo saber muitas coisas em troca de nada. Basta, por enquanto, que grave em sua mente que eu não acho que ela mentiu; eu sei que sua mulher não me contou a verdade. E sei que você também sabe.

— Não sabe coisa nenhuma!

— Droga, este bate-boca não vai dar em nada! Wolfe lhe apontou o indicador.

— Senhor Hugh, temos sido condescendentes com o senhor, mas nossa indulgência não é ilimitada. Sua explicação.

— O que acontecerá se eu não lhe explicar nada? E se eu simplesmente me levantar desta cadeira e sair por aquela porta?

— Seria uma coisa tremendamente desagradável para o senhor e para nós. Agora que sei quem é, eu me sentiria na obrigação de contar à polícia sua pantomima da tarde de segunda-feira, e posso lhe assegurar que eu não gostaria de fazer uma coisa dessas, por motivos particulares. Nesse ponto, nossos interesses caminham lado a lado, assim como os de sua mulher. Lembre-se que o guarda-chuva dela continua lá.

Ele estava em um beco sem saída, e sabia disso. Seu rosto não se transformou em uma carranca outra vez, mas sua boca ficou contorcida e a pele ao redor de seus olhos ficou toda enrugada, como se a luz estivesse muito forte.

— Circunstâncias, disse ele. Os homens são vítimas das circunstâncias. Meu Deus, enquanto estive sentado nesta mesma cadeira conversando com Goodwin, Yeager já estava morto, já estava morto há horas. Quando li a notícia nos jornais ontem pela manhã, percebi o que aconteceria se os senhores me encontrassem, e decidi o que dizer; eu estava disposto a negar tudo, mas agora isso não é mais possível. Balançou a

cabeça, lentamente. — É isso. Circunstâncias. É claro que minha mulher não deveria casar comigo. As circunstâncias é que fizeram com que ela me conhecesse naquele momento em que estava... Mas não quero falar sobre isso. Vou tentar me ater ao ponto fundamental da questão. Fui um idiota em achar que ainda seria possível salvar nosso casamento, mas tentei. Ela queria coisas que eu não podia comprar, e queria fazer coisas para as quais eu não tinha inclinação ou não me sentia apto a fazer. Ela não podia fazer essas coisas comigo, portanto fazia sem mim.

— Vamos ao ponto, pediu Wolfe.

— Sim. Esta é a primeira vez que falo a outra pessoa sobre meu relacionamento com minha mulher. Mais ou menos há um ano, ela de repente apareceu em casa com um relógio que devia custar mil dólares, ou mais. Então passou a trazer outras coisas, joias, roupas, um casaco de peles. Ela passava frequentemente as tardes na rua sem mim, mas aí suas saídas passaram a não se limitar apenas às tardes. Ocasionalmente, ela voltava para casa só na manhã do dia seguinte. O senhor deve saber que, agora que comecei a falar, vai ser difícil eu me limitar apenas aos pontos essenciais.

— Tente, se possível.

— Vou tentar. Passei a segui-la. A curiosidade se insinua nos lares dos desventurados sob os nomes de dever ou piedade. Quando minha mulher...

— O senhor citou Pascal?

— Não, Nietzsche. Quando minha mulher saía à noite, eu a seguia, não sempre, mas quando era possível. Na maioria das vezes, ela ia a um restaurante ou ao endereço de uma amiga que eu conhecia, mas por duas vezes ela se dirigiu àquele endereço na Rua 82 e entrou pela porta do porão. Era uma coisa incompreensível ela ir àquele tipo de bairro, a menos que fosse um ponto de tráfico de drogas, ou coisa parecida. — Fui até lá uma tarde, e toquei a campainha da porta do porão, mas não descobri nada. Não sou um detetive experiente como os senhores. Um homem, acho que devia ser porto-riquenho, só me falou que não tinha apartamentos vagos para alugar. Parou para engolir a saliva. — Passei a mexer nas coisas dela em casa e, um dia, descobri um número de um telefone que minha mulher anotara no verso de um envelope: Chisholm 5-3232. Disquei o número e fiquei sabendo que era a residência de Thomas G. Yeager. Aquele número não estava na lista. Perguntei aqui e ali e descobri quem ele era. Cheguei inclusive a vê-lo, mais por um golpe de sorte do que como resultado de minhas diligências. Quer saber como aconteceu?

— Não. Você chegou a falar com ele?

— Não, eu o vi em um teatro. Foi há duas semanas. E três dias mais

tarde, sexta-feira, uma semana antes da sexta-feira passada, eu a segui quando ela saiu de casa, e ela foi novamente, pela terceira vez, para aquele prédio da Rua 82. Fiquei do outro lado da rua e, em pouco tempo, não mais do que cinco minutos, Yeager apareceu, andando. O dia ainda estava claro. Ele entrou, pela porta do porão. O que o senhor faria? Wolfe grunhiu:

— Eu não iria lá. Hugh se virou para mim.

— O que o senhor faria, senhor Goodwin?

— Isso é irrelevante, respondi. Eu não sou você. Seria o mesmo que me perguntar o que eu faria se fosse um passarinho e visse um moleque roubando meu ninho. O que foi que você fez?

— Fiquei andando para cima e para baixo naquela quadra até as pessoas começarem a notar, e então fui para casa. Minha mulher só chegou em casa às seis da manhã. Não perguntei onde ela passou a noite; há um ano eu não lhe fazia esse tipo de pergunta. Mas decidi que era preciso fazer alguma coisa. Considerei várias coisas, vários planos, e rejeitei tudo. Finalmente resolvi o que deveria ser feito na noite de um domingo. Nós havíamos terminado o jantar...

— Que domingo?

— Domingo passado. Três dias atrás. Havíamos jantado em um restaurante e voltamos para casa. Minha mulher estava assistindo televisão, e eu estava em meu quarto trabalhando, só que na verdade eu não estava trabalhando. Eu estava decidindo o que fazer, e no dia seguinte resolvi agir. Vim até aqui e procurei Archie Goodwin. O senhor sabe o que eu disse a ele.

— Sim. Você acha que já esperava o que aconteceu?

— Acho que não. Foi assim: eu sabia que quando Yeager não aparecesse Goodwin descobriria o motivo, ou telefonaria para ele, foi por isso que dei a ele o número, ou iria até o prédio. Ele iria querer ver Yeager, e contaria a ele que eu estive aqui e ele saberia o que eu disse. Assim Yeager saberia que alguém, alguém que ele não teria condições de identificar a partir da descrição de Goodwin, tinha conhecimento de suas idas àquele endereço. Ele saberia que Archie Goodwin e Nero Wolfe também já estavam sabendo. E ele contaria à minha mulher e iria me descrever a ela, e ela saberia que eu sabia. Isso era o mais importante. Eu não podia contar a ela, mas queria que minha mulher soubesse que eu sabia. Olhou para mim e para Wolfe. — Outra coisa. Eu sabia que Archie Goodwin não esqueceria o incidente. Ele ficaria intrigado e iria querer saber o motivo pelo qual mencionei aquele endereço em particular, e passaria a investigar que conexão secreta poderia haver entre Yeager e aquele imóvel

naquele bairro, e quando Archie Goodwin se decide a investigar alguma coisa ele a descobre. Pensei em tudo isso, mas o ponto mais importante era minha mulher ficar sabendo que eu já sabia de tudo. Abriu a boca, e agarrou com força os braços da cadeira. — E naquela noite, pelo rádio, no noticiário das onze horas, fiquei sabendo que Yeager estava morto, e ontem pela manhã, lendo o jornal, tomei conhecimento de que ele fora assassinado domingo à noite, e que seu corpo fora encontrado em um buraco na frente daquele prédio. Graças a Deus minha mulher não estava lá na noite de domingo.

— Tem certeza?

— Claro que tenho. Dormimos em camas separadas, mas quando ela se vira durante a noite eu a ouço. Imagine que... Parou de falar.

— O quê?

— Nada. Eu ia dizer que o senhor não imagina que eu lhe contei coisas que jamais imaginei revelar a alguém, mas o senhor não dá valor a isso. Talvez eu tenha errado outra vez, mas foi por culpa das circunstâncias. Existe alguma possibilidade, nem que seja uma possibilidade mínima, de que o que acabei de contar fique só entre nós? Não posso lhes pedir nenhuma consideração. Depois da maneira como enganei Goodwin na tarde de segunda-feira, não estou em condições de pedir nada. Mas se os senhores pudessem... Wolfe consultou o relógio.

— Está na hora do meu jantar. Não me agrada magoar um homem desnecessariamente, senhor Hugh, e o modo pueril como agiu com o senhor Goodwin não o ajuda em nada. Pelo contrário; o senhor lhe deu aquele endereço e ele foi até lá, e como resultado temos um cliente. Empurrou sua cadeira para trás e ficou em pé. — O que o senhor nos revelou somente será divulgado se formos obrigados a isso.

— Quem é seu cliente?

Quando Wolfe respondeu que esse assunto dificilmente poderia ser considerado como de interesse dele, Hugh nem tentou insistir. Permiti-me sentir pena dele outra vez quando ele se levantou da cadeira. Ele estava em apuros. Aquele homem queria ver sua mulher, ele precisava vê-la, mas o que ia lhe dizer? Será que ele ia confessar que era o responsável por sua mulher encontrar um comitê de recepção quando ela foi ao apartamento pegar seu guarda-chuva? Será que ele ia admitir... Desisti de seguir essa linha de raciocínio. Ele casara com ela, não eu. Quando o acompanhei até a porta da rua, permaneci na varanda durante um minuto para ver se havia alguém suficientemente curioso para segui-lo. Não havia. Fechei a porta e

fui me encontrar com Wolfe na sala de jantar.

As duas cartas na correspondência da manhã não foram respondidas e somente quando voltamos ao escritório depois do jantar e terminamos o café pudemos dar atenção a elas. Uma era de um fazendeiro do município de Putnam perguntando quantos estorninhos ele ia querer este ano, e a outra era de uma mulher de Nebraska avisando que estaria em Nova York para passar uma semana no final de junho, com marido e dois filhos pequenos, e perguntando se podiam dar uma olhada nas orquídeas. A resposta à primeira foi quarenta; Wolfe sempre convida duas pessoas para a torta de estorninho. A resposta à segunda carta foi não; aquela mulher não deveria mencionar os filhos pequenos. Depois que as respostas foram datilografadas e Wolfe as assinou, ele sentou e ficou em silêncio enquanto eu dobrava as folhas e as colocava nos envelopes. Então falou:

— Sua exclusão do senhor e da senhora Perez já não é mais válida. Eles sabiam que ficariam com o imóvel. É claro que eu já esperava por esse tipo de argumentação. Virei-me.

— A Bíblia é uma coisa estranha. Não vou à igreja há uns vinte anos, e a ciência moderna já provou que o céu é duzentos graus Fahrenheit mais quente do que o inferno, mas se alguém me pedisse para colocar minha mão sobre uma Bíblia e se eu tivesse de prestar um testemunho falso jurando ser verdade, eu hesitaria. Provavelmente eu afirmaria ser hindu ou budista, Zen, é claro. O senhor e a senhora Perez sem dúvida frequentam a igreja uma vez por semana ou até mais vezes.

— Pfui. Para ganhar um imóvel talvez eles não jurassem em falso, mas para salvar as próprias peles... Assenti.

— Milhares de assassinos já mentiram sob juramento no banco das testemunhas, mas com eles foi diferente. Aquele casal ainda acha que sou uma espécie de detetive trabalhando para eles.

— Você é incorrigivelmente obstinado.

— Sim, senhor. Nesse ponto somos iguais.

— Aquele imbecil do Hugh não está excluído. Eu o classifico de imbecil, mas e se de fato ele for sutil, astuto e inteligente? Sabendo ou suspeitando que sua mulher pretendesse ir àquele endereço na noite de domingo, ele pegou as chaves, foi lá pessoalmente, matou Yeager e saiu dali. Na segunda-feira alguma coisa o alarmou, não importa o que fosse. Talvez ele dissesse à sua mulher o que fez, talvez ela tenha adivinhado, e a atitude dela fez com que ele ficasse preocupado. Então ele decidiu que

devia tomar uma atitude que faria com que parecesse altamente improvável que ele tivesse alguma ligação com o crime, e foi o que ele fez. Você e eu concluímos ontem que o impostor não sabia que Yeager estava morto, não foi uma suposição, mas uma conclusão. Agora estamos abandonando essa teoria.

— Sua argumentação é incrível, concordei. Vejo apenas três furos nela.

— Eu vejo quatro, mas nenhum deles é tão grande que não possa ser remendado. Não estou sugerindo que avançamos; na verdade, acho até que demos um passo para trás. Nós havíamos concluído que aquele homem estava eliminado da lista dos suspeitos, mas não está. E agora?

Ficamos conversando sobre esse assunto por duas horas inteiras. Ao subirmos para nossos quartos, por volta de meia-noite, ficamos com a impressão de que tínhamos um caso e um cliente, ou melhor, dois clientes, mas não tínhamos nenhuma carta que nos desse condições vantajosas para jogar. Nosso grande trunfo, o fato de sabermos da existência daquele apartamento e que Yeager fora assassinado ali, era absolutamente inútil. E quanto mais nós o mantivéssemos em nossa manga, pior seria nossa situação quando a polícia descobrisse uma pista que a levasse àquele prédio. E isso provavelmente aconteceria mais cedo ou mais tarde. Quando Wolfe caminhou em direção a seu elevador estava tão pensativo que nem ao menos me disse boa noite.

Enquanto tirava a roupa, fiquei avaliando nossas chances. Se eu telefonasse para Fred pedindo a ele que saísse do apartamento, talvez os tiras jamais descobrissem que havíamos estado ali. Essa ideia foi tão ridícula que eu me virei na cama três vezes antes de conseguir dormir. O telefone tocou. Entendo que algumas pessoas, quando o telefone toca no meio da noite, abram os olhos imediatamente e já estejam quase acordadas quando atendem o chamado. Eu não sou assim. Continuo naquele estado intermediário entre o sono profundo e o despertar consciente. Jamais conseguiria dizer uma frase tão complicada como: “Residência do senhor Nero Wolfe. Aqui quem fala é Archie Goodwin”. O máximo que pude falar foi:

— Alô. Uma mulher do outro lado da linha disse:

— Desejo falar com o senhor Archie Goodwin.

— É ele mesmo. Quem está falando? Eu ainda estava tentando acordar.

— Sou a senhora Cesar Perez. O senhor precisa vir até aqui. Venha depressa. Nossa filha Maria está morta. Ela foi assassinada com um revólver. O senhor pode vir agora? Consegui acordar.

— Onde a senhora está? Acendi o abajur de cabeceira e consultei o relógio. Faltavam vinte minutos para as três da madrugada.

— Estamos em casa. Eles nos levaram para identificar o corpo, e acabamos de chegar. O senhor pode vir?

— Há alguém aí com vocês? Policiais?

— Não. Um policial nos trouxe de volta, mas já foi embora. O senhor virá?

— Sim. Imediatamente. O mais depressa que puder. Se a senhora já não tivesse... Ela desligou.

Gosto de me vestir com calma, mas estou sempre disposto a abrir uma exceção quando necessário. Depois de fazer o nó na gravata, vestir o paletó e verificar as coisas em meus bolsos, rasguei uma página de minha agenda e anotei:

Maria Perez está morta. Foi assassinada com uma arma de fogo, não em casa. Não sei onde foi. A senhora P. telefonou às 2h40. Estou indo à Rua 82.

AG

Desci e coloquei o bilhete por baixo da porta do quarto de Wolfe. Em seguida fui até a porta da rua e saí. Àquela hora da noite a Oitava Avenida deveria ser o melhor lugar para tomar um táxi, e foi para lá que segui.

*

ONZE

PASSAVA UM MINUTO das três horas quando usei minha chave na porta do porão do 156 e entrei. A senhora Perez estava ali. Sem dizer nada, ela se virou e caminhou pelo corredor, e eu a segui. Na metade do caminho, entrou em um quarto à direita, exatamente naquela porta que eu abrira na noite de terça-feira quando senti que alguém estava me espreitando. Era um quarto pequeno; uma cama de solteiro, uma cômoda, uma mesinha, um espelho e algumas cadeiras. Não sobrava muito espaço. O senhor Perez estava sentado em uma cadeira junto à mesa diante de um copo e uma garrafa de rum. Quando entrei, ele ergueu lentamente a cabeça para olhar para mim. Os olhos, que costumavam ficar semicerrados em emergência, estavam quase fechados.

— No outro dia minha mulher lhe disse que só nos sentamos com amigos. O senhor é um amigo?

— Não ligue para ele, disse ela. Meu marido está bebendo rum. Já tomou meia garrafa. Fui eu quem deu a garrafa a ele. Sentou-se na cama. — Fiz com que ele viesse para este quarto, o quarto de nossa filha, e trouxe rum para ele. Estou sentada na cama de nossa filha. Aquela cadeira é para o senhor. Agradecemos por sua vinda, mas agora não sabemos mais o que fazer. O senhor não pode nos ajudar. Ninguém pode fazer nada, nem mesmo o bom Deus. Perez pegou o copo, tomou um gole, colocou o copo sobre a mesa e disse alguma coisa em espanhol. Sentei-me na cadeira.

— O problema em um momento como este, comentei, — É que sempre há alguma coisa que pode ser feita, e quanto mais depressa melhor. Neste instante a senhora não consegue pensar em mais nada a não ser na morte de sua filha, mas eu consigo. Quero saber quem a matou, e a senhora também vai querer, depois de passado este choque. E para isso...

— Você é louco, disse Perez. — Vou matá-lo.

— Ele é um homem, me disse ela. — Por um segundo cheguei a pensar que ela estivesse afirmando que fora um homem que assassinara Maria, mas então percebi que ela estava se referindo a seu marido.

— Primeiro precisamos encontrar o assassino. A senhora sabe quem a matou?

— Você é louco, repetiu Perez. — É claro que não.

— Os policiais os levaram para reconhecer o cadáver. Onde? No necrotério?

— Em um prédio grande. Uma sala espaçosa muito bem iluminada. Ela estava deitada em uma coisa e seu corpo estava coberto com um lençol. Havia sangue em sua cabeça, mas não em seu rosto.

— Eles lhes disseram quem a encontrou e onde?

— Sim. Um homem a encontrou em um ancoradouro junto ao rio.

— A que horas ela saiu de casa e para onde ela foi, e com quem?

— Ela saiu às oito da noite para ir a um cinema com amigas.

— Havia algum rapaz no grupo?

— Não, só garotas. Duas moças vieram buscá-la. Nós as vimos. Elas já são nossas conhecidas. Fomos com um policial conversar com uma delas, e ela disse que Maria tinha ido ao cinema com elas, mas saíra por volta de nove horas. Disse que não sabe para onde nossa filha foi.

— A senhora tem alguma ideia do motivo de sua filha ter saído do cinema no meio da projeção?

— Não.

— Desconfia de alguém que pode tê-la assassinado ou do motivo do crime?

— Não. Os policiais já nos fizeram essas mesmas perguntas.

— Eles vão lhes fazer muitas outras. Muito bem, vamos ver em que ponto nós estamos. Talvez haja alguma ligação entre a morte dela e a do senhor Yeager, talvez não. Se não houver, entregaremos o caso à polícia e eles provavelmente prenderão o assassino. Ou a assassina. Se houver, a polícia não poderá deitar as mãos nele ou nela porque eles nem ao menos sabem que este imóvel pertencia a Yeager, a menos que vocês tenham contado. Vocês contaram?

— Não, respondeu ela.

— Você é louco, se limitou a murmurar o senhor Perez, tomando mais um gole de rum.

— Então só depende de vocês. Se vocês revelarem à polícia a existência do apartamento e o envolvimento do senhor Yeager, eles poderão descobrir quem matou Maria muito mais cedo do que eu poderia. Se não disserem nada a eles, o senhor Wolfe e eu encontraremos o assassino, mas não sei quanto tempo demoraremos em achá-lo. Quero que uma coisa fique perfeitamente clara: se a morte dela não tiver nada a ver com Yeager, então

não estaremos prejudicando a polícia se não contarmos às autoridades a existência daquele apartamento. Portanto nesse caso eles não precisarão saber de nada. Então a pergunta que tenho a lhes fazer é a seguinte: o que vocês pretendem fazer, caso a morte de sua filha esteja de alguma forma relacionada com a de Yeager? Vocês pretendem contar à polícia sobre ele e o prédio, e provavelmente nesse caso vocês serão acusados de terem assassinado Yeager? Ou preferem deixar o assunto ao senhor Wolfe e a mim?

— Se tivéssemos fugido ontem à noite, disse a senhora Perez. — Ela não queria ir embora. Se eu fosse mais convincente...

— Não diga isso, ordenou o senhor Perez. Não diga uma coisa dessas!

— É verdade, Cesar. Levantou-se e serviu mais uma dose de rum para seu marido. Voltando à cama, ela olhou para mim. — Ela nunca teve nada com o senhor Yeager. Maria jamais conversou com ele. Nossa filha nunca esteve naquele apartamento. Ela não sabia nada sobre o que se passava lá em cima. Não sabia nada sobre ele nem sobre as pessoas que vinham aqui.

— Não acredito, declarei. — É concebível que uma garota inteligente da idade dela não se mostrasse curiosa sobre o que estava acontecendo no prédio em que ela morava, mas não acredito. Onde estava ela na noite de domingo quando vocês carregaram o corpo de Yeager e o colocaram no buraco?

— Ela estava na cama dormindo. Nesta cama onde eu agora estou sentada.

— A senhora pensou que ela estivesse. Sua filha tinha bons ouvidos. Ela me ouviu entrar aqui na noite de terça-feira. Quando vim por este corredor, a porta deste quarto foi aberta uns dois dedos e ela estava aqui no escuro, me observando.

— Você é louco, disse Perez.

— Maria não faria uma coisa dessas, comentou a senhora Perez.

— Mas fez. Abri a porta e conversamos. Trocamos algumas palavras. Por que ela não deveria fazer isso? Uma garota bonita, inteligente, não iria se interessar pelo que estava acontecendo neste prédio? Isso é um absurdo. A questão é a seguinte: se vocês não pretendem contar à polícia sobre Yeager, se vão deixar que o caso seja resolvido pelo senhor Wolfe e por mim, então preciso descobrir o que ela sabia, e o que foi que ela fez ou disse, que levou alguém a matá-la. Se eu não puder fazer isso, então não há esperança de que cheguemos a algum lugar, obviamente não conseguirei esse tipo de informação de vocês. A polícia já realizou alguma busca aqui?

— Sim. Neste quarto. O primeiro policial que veio.

— Ele levou alguma coisa?

— Não. Ele disse que não ia levar nada.

— Eu estava aqui, acrescentou Perez. — Ele não levou nada.

— Então se vocês quiserem deixar o caso em nossas mãos, a primeira coisa que tenho a fazer é dar uma busca neste quarto. Vou tentar encontrar alguma coisa, primeiro neste quarto e depois nos outros aposentos. Duas pessoas trabalham mais depressa do que uma. A senhora pode me fazer o favor de ir lá em cima e pedir àquele homem que desça até aqui... Não. É melhor não chamá-lo. Ele já está sabendo coisas demais. O que vocês dois devem fazer é tentar dormir, mas acho que será difícil. Por que vocês não vão até a cozinha e comem alguma coisa? Vocês não vão querer ficar aqui enquanto procuro alguma coisa. Vou precisar desarrumar a cama. Preciso revirar todas as coisas de sua filha.

— Não vai ser preciso, disse a senhora Perez. — Eu sei de tudo que pertencia à nossa filha. Não queremos que o senhor remexa nas coisas que eram dela.

— Muito bem. Então o senhor Wolfe e eu saímos do caso e a polícia será acionada. Aí não serei eu quem dará uma busca neste quarto, mas uma dúzia de policiais, e eles serão extremamente minuciosos, e vocês dois não estarão aqui. Estarão na cadeia.

— Isso não importa mais agora, disse Perez. — Talvez eu mereça mesmo ir para a cadeia. Ergueu seu copo, e ele quase escorregou de seus dedos. A senhora Perez ficou em pé, se aproximou da cabeceira da cama e puxou as cobertas.

— Pode ver, disse ela. Não há nada.

Uma hora e meia depois, tive de admitir que ela estava com a razão. Eu inspecionara o colchão de alto a baixo, esvaziara as gavetas, retirara todos os objetos, um por um, retirara o tapete e examinara cada centímetro do assoalho, removera tudo do armário e examinara as paredes com uma lanterna, puxara a cômoda para o meio do quarto e inspecionara sua parte posterior, verificara uns trinta livros e uma pilha de revistas, removera o forro de quatro porta-retratos, enfim já fizera de tudo. Nada. Eu ficara sabendo de muito mais coisas sobre Maria do que quando ela estava viva, mas não conseguira encontrar nenhum vestígio de que ela soubesse ou se preocupasse com o que podia acontecer com Yeager, com suas convidadas ou com aquele apartamento do último andar.

Perez não estava mais ali no quarto. Ele estava atrapalhando e pedi a

ele que se levantasse quando puxei o tapete. Nessa altura, a garrafa de rum já estava quase vazia. Nós o levamos até o outro quarto e o colocamos na cama. O pequeno quarto de Maria já estava novamente em ordem, e sua mãe descansava sentada na cama. Em pé junto à porta, esfregando as mãos, eu pensava o que deveria fazer em seguida.

— Eu lhe disse que não havia nada.

— Sim, eu ouvi a senhora. Aproximei-me da cômoda e puxei a gaveta de baixo.

— Outra vez? O senhor é parecido com meu marido. Os dois são teimosos.

— Acho que não fui suficientemente teimoso com estas gavetas. Coloquei-a na cama e comecei a retirar todas as coisas guardadas ali dentro. Eu só olhei os fundos superficialmente. Deveria tê-las virado ao contrário e inspecionado com mais cuidado.

Coloquei a gaveta vazia virada no chão, fiquei de cócoras, inspecionei-a minuciosamente, tentando forçar as extremidades do fundo com a lâmina de meu canivete. Certa vez, Saul Panzer encontrara uma tela valiosa sob um fundo falso que ficava por fora e não por dentro de uma gaveta. Não encontrei nada. Quando a coloquei de volta sobre a cama, a senhora Perez se aproximou e começou a guardar todas aquelas coisas. Peguei outra gaveta. Ali estava o que eu procurava, e quase que me escapava de novo. Sem encontrar nada na parte externa do fundo, quando coloquei a gaveta novamente sobre a cama dei outra olhada na parte interna, iluminando com a lanterna, e vi um pequeno furo. Era quase como o furo de um alfinete, perto de um canto. Os fundos das gavetas eram revestidos com um material plástico com uma padronagem de flores rosa e vermelhas, e o furo estava no centro de uma das flores. Peguei um alfinete de segurança da bandeja que estava sobre a mesa, enfiei a ponta naquele furo e forcei. O canto se soltou, mas era mais rígido do que qualquer plástico. Depois de levantá-lo o suficiente para enfiar um dedo por baixo, consegui tirar aquele fundo falso. O plástico fora grudado a um pedaço de papelão que se ajustava exatamente no fundo da gaveta. Sob o papelão descobri uma coleção de objetos que fora guardada cuidadosamente ali para que não fizesse ruído, mesmo se a gaveta fosse virada de cabeça para baixo. Maria fora uma moça não só inteligente como também muito habilidosa. A senhora Perez, a meu lado, disse alguma coisa em espanhol e tentou pegar aquelas coisas, mas eu a impedi.

— Eu tenho o direito. São coisas que pertenceram à minha filha.

— Ninguém tem o direito. Ela estava escondendo estas coisas da senhora, não estava? Só ela tinha o direito, e ela está morta. A senhora pode ver, mas não mexa em nada. Levei a gaveta para a mesa e sentei na cadeira que fora ocupada por Perez.

Aqui está o inventário do que havia no esconderijo particular de Maria:

1. Cinco anúncios de página inteira da Continental Plastic Products, recortados de revistas.

2. Quatro rótulos de garrafas de champanhe, Dom Perignon.

3. Três páginas de finanças tiradas do Times, em que o valor das ações da Continental Plastic Products na Bolsa de Valores estava marcado com um lápis em três datas diferentes. Os preços das ações da CPP eram 62 1/2, 61 5/8 e 66 3/4 nos fechamentos daqueles dias.

4. Duas reproduções de fotos de Thomas G. Yeager, publicadas em jornais.

5. Uma foto, também publicada em um jornal, de Thomas G. Yeager Jr e sua noiva, por ocasião de seu casamento.

6. Uma foto de jornal do senhor Thomas G. Yeager, com três outras mulheres.

7. Uma página inteira de revista com uma reportagem sobre o banquete da National Plastic Association no salão Churchill. Era a mesma foto que eu vi no escritório de Lon Cohen na segunda-feira. A legenda indicava os nomes das outras pessoas que estavam com Yeager, inclusive o de um de nossos clientes, Benedict Eigen.

8. Três reproduções fotográficas de Meg Duncan, duas de revistas e uma de um jornal.

9. Trinta e um esboços de cabeças e rostos de mulheres, algumas com chapéus e outras sem. Os desenhos foram feitos em folhas de papel branco de 12 x 20 centímetros. Eu já encontrara um bloco de desenhos sobre a mesa de Maria e outros dois dentro de uma das gavetas. No canto inferior esquerdo de cada um daqueles desenhos havia uma data. Não sou especialista em arte, mas achei que aqueles esboços estavam muito bem feitos. Dando uma rápida olhada em todos eles, achei que eles não se referiam a trinta e uma pessoas diferentes. Encontrei dois ou três desenhos de um mesmo rosto, e talvez quatro ou cinco. As datas

indicavam que Maria começara a fazer aqueles desenhos há quase dois anos. Um deles tinha a data de 8 de maio de 1960, isto é, domingo passado. Estudei mais detidamente aquele desenho. Eu tinha em minha mente uma promissora candidata para mostrar durante o julgamento da pessoa que poderia assassinar Yeager. Não era Meg Duncan, nem Dinah Hugh. Podia ser Julia McGee. Quando percebi que eu estava querendo que fosse Julia McGee, desviei meu olhar. Um dos departamentos mais eficientes do cérebro é aquele que transforma possibilidades em probabilidades, e probabilidades em fatos.

10. Nove notas de cinco dólares, algumas mais gastas que outras.

A senhora Perez puxara outra cadeira para perto de mim e estava sentada ao meu lado. Ela vira tudo, mas não dissera nada. Consultei meu relógio: faltavam vinte minutos para as seis. Dobrei cuidadosamente as páginas do Times em quatro, e coloquei os outros itens dentro da dobra. A questão da supressão de provas de um crime já deixara de ser um problema. Meu advogado poderia argumentar que eu imaginara que aquelas coisas não eram relevantes para o assassinato de Yeager, mas se ele declarasse aos membros do júri e a um juiz que eu também imaginara que aqueles objetos também eram irrelevantes para o assassinato de Maria Perez, teria de convencê-los de que eu era um perfeito idiota. Com a prova em minha mão, fiquei em pé.

— Tudo isto prova, declarei à senhora Perez, — Que Maria tinha a curiosidade normal de uma garota inteligente e que ela gostava de desenhar rostos. Vou levar tudo isto comigo para mostrar ao senhor Wolfe. Espero poder devolver este dinheiro à senhora dentro de pouco tempo. A senhora teve uma noite muito cansativa e terá um dia difícil pela frente. Se tiver uma nota de um dólar vá buscá-la e entregue-a a mim. Isso significa que a senhora está contratando o senhor Wolfe para investigar o assassinato de sua filha. Por isso a senhora está permitindo que eu saia daqui com estas coisas.

— O senhor tinha razão.

— Só que ainda não ganhei nenhuma medalha. O dólar, por favor.

— Podemos pagar mais. Cem dólares. Pouco importa.

— Um será suficiente, por enquanto. Levantou-se e saiu do quarto. Pouco depois, já estava de volta com uma nota de um dólar na mão. Entregou-me o dinheiro.

— Meu marido está dormindo.

— Ótimo. A senhora também deveria dormir. Agora somos seus detetives. Um homem deverá vir aqui ainda hoje, e ele provavelmente levará a senhora e seu marido ao gabinete do promotor de justiça. Eles não mencionarão o nome de Yeager e, naturalmente, vocês também não. Com relação à Maria, contem a eles a verdade. Repitam o que vocês já declararam ao policial. Digam que ela saiu para ir ao cinema e vocês não sabem quem a matou nem o porquê. A senhora tem levado café da manhã para o homem que está lá em cima?

— Tenho.

— Não precisa levar pela manhã. Ele vai sair logo do apartamento e não voltará mais. Estendi minha mão e nos despedimos. — Diga a seu marido que somos amigos.

Com essas palavras saí dali e me dirigi ao elevador. Chegando ao apartamento, apertei o interruptor da luz. Minha mente estava tão ocupada que não notaria nem mesmo se os quadros não estivessem mais ali. Fred Durkin estava deitado naquela cama enorme, a cabeça apoiada em um travesseiro amarelo, um lençol da mesma cor puxado até seu queixo. Quando acendi a luz, ele se mexeu e piscou. Em seguida, levou sua mão para baixo do travesseiro, tirando-a dali com um revólver pronto para atirar.

— Tenha calma, Fred. Eu poderia acertar uma bala em sua testa antes que você tocasse em sua arma. Já não é mais necessário ficar aqui neste apartamento. Está na hora de ir embora. Não há pressa, você tem meia hora para sair daqui. Não precisa passar no apartamento da senhora Perez para agradecer. Os dois estão com um sério problema. A filha deles foi assassinada durante a noite, não aqui, não neste prédio. Você pode ir embora sem falar com eles. Ele já estava em pé.

— Afinal, que diabo é isto, Archie? Em que tipo de encrenca você me meteu?

— Você acabou de ganhar trezentos dólares. Aconselho-o a não me fazer perguntas. Eu me sentiria na obrigação de respondê-las. Vá para sua casa e diga à sua mulher que você teve dois dias e duas noites difíceis e está precisando de um bom descanso.

— Quero saber uma coisa. Existe alguma possibilidade de que eu venha a ser detido pela polícia?

— Nem pense nisso. Espero que não. Talvez tenhamos sorte.

— Ajudaria se eu limpasse tudo por aqui? Dez minutos seriam suficientes.

— Não. Se os tiras chegarem até aqui não irão precisar de impressões digitais. Vá para casa e fique frio. Talvez eu lhe telefone por volta de meio-dia. Não leve nenhum dos quadros.

Entrei no elevador.

*

DOZE

QUANDO WOLFE DESCEU do viveiro de plantas às onze horas, eu estava sentado à minha mesa com a chamada edição matutina da Gazeta. Havia uma foto de Maria Perez, morta, na primeira página. Normalmente sua foto não mereceria tamanho destaque, uma vez que, não fosse sua beleza e juventude, nada nela mereceria destaque. A notícia de sua morte foi parar na primeira página porque ninguém importante foi assassinado ou roubado naquela noite.

A notícia era bastante genérica. Os únicos fatos que eles possuíam, além da encheção de linguiça normal, eram:

- a) O corpo fora encontrado à meia-noite e meia por um vigia que fazia a ronda em um ancoradouro do North River, entre as Ruas 44 e 45;*
- b) Ela já estava morta a não mais de três horas (e provavelmente menos);*
- c) Fora alvejada pelas costas com uma arma calibre 32;*
- d) Maria fora vista pela última vez ainda com vida pelas duas amigas que foram ao cinema com ela, e que declararam que ela saíra da sala de projeção pouco antes das nove horas e não voltara; ela não dissera nada às amigas; elas pensaram que ela fosse à toalete;*
- e) Seu pai e sua mãe se recusaram a conversar com os repórteres.*

O jornal não levantava a hipótese de haver alguma ligação entre sua morte e a de Thomas G. Yeager, cujo corpo fora encontrado três dias antes dentro de um buraco exatamente na rua onde ela morava.

Eu fizera um breve relatório a Wolfe, após seu café da manhã no quarto, lhe transmitindo apenas os pontos essenciais. Agora, sentado à sua mesa, lhe passei o jornal. Ele deu uma olhada na foto, leu a matéria, colocou a Gazeta sobre a mesa e se reclinou em sua cadeira.

— Quero saber, em detalhes, o que aconteceu, pediu. Transmiti-lhe todas as informações, incluindo, naturalmente, meu telefonema a Fred.

Quando terminei, entreguei a ele a prova que encontrara na gaveta de Maria.

— Um item, informei, poderá lhe dar uma ideia errônea. Estou falando dos rótulos de quatro garrafas de champanhe. Não acredito que Maria tenha tomado sequer um gole desse champanhe. Ela tirou os rótulos quando seu pai ou sua mãe trouxeram as garrafas para baixo para jogá-las no lixo.

— Quem foi que disse isso?

— Eu estou dizendo.

Ele grunhiu e começou sua inspeção. Com esse tipo de coisa ele sempre se mostra cuidadoso e minucioso. Olhou o verso de cada item bem como o anverso, inclusive os anúncios, as notas de cinco dólares e as páginas rasgadas do Times. Depois de inspecionar os rótulos e as fotos, ele devolveu tudo para mim e ficou com os desenhos. Após avaliá-los detidamente, cinco segundos para alguns e até um minuto para outros, se levantou e começou a espalhá-los sobre a mesa. As fileiras de desenhos praticamente cobriram a superfície. Levantei-me e fiquei observando enquanto ele os agrupava. Imaginei que cada um daqueles grupos deveria ser de esboços diferentes de uma mesma mulher. Por duas vezes discordei e discutimos. Terminamos com três grupos de quatro esboços cada um, cinco grupos com três esboços cada um, um grupo com dois, e dois com apenas um. Onze convidadas diferentes em dois anos, e não sabíamos se Maria vira todas elas. Yeager fora um homem bastante hospitaleiro. Apontei para um dos grupos de quatro esboços.

— Eu sei o nome dela. Aposto dez contra um. Já dancei com ela. O marido dela é dono de uma cadeia de restaurantes e tem o dobro da idade dela. Ele olhou para mim.

— Você está sendo frívolo,

— Não, senhor. O nome é Delancey.

— Agora quero que você me dê o nome desta. Apontou para o grupo de dois esboços. Um tem a data de 15 de abril e o outro de 8 de maio. Domingo passado.

— Eu estava pensando que o senhor ia querer identificá-la. Qual é o nome dela?

— Ela já esteve neste escritório.

— Exatamente.

— Julia McGee.

— Sim, senhor. Eu não estava sendo frívolo. Só queria ver se o senhor

iria identificá-la. Se essas datas anotadas se referem aos dias em que Maria viu essas mulheres no corredor, e não diz respeito aos dias em que ela fez esses esboços, Julia McGee esteve lá no domingo. Ou ela o matou ou o encontrou morto. Se ele ainda estivesse vivo quando ela chegou, ela não sairia do apartamento antes de meia-noite, porque ele já encomendara faisão e caviar e, naturalmente, ela não foi até lá apenas para tomar ditados. E se ele estivesse vivo e se ela estivesse lá quando o assassino chegou, ela também seria eliminada. Portanto, se ela não o matou, já o encontrou morto. Por sinal, quero esclarecer um pequeno detalhe: registrei o dólar que a senhora Perez me deu em nossos livros contábeis como um sinal. Aceitei o dinheiro porque achei que ela iria se sentir bem mais segura se nos contratasse, e imaginei também que, nessa altura dos acontecimentos, os dois estão eliminados como suspeitos. Não mataram a própria filha. Não estou manifestando alegria. Eu gostaria de estar errado em minhas conclusões só para não ficar sabendo que Maria mereceu a morte que teve, mesmo sabendo que ela podia estar envolvida em uma atividade suspeita.

— Você está apenas conjecturando.

— Sim. Mas nossa teoria é que ela foi assassinada pela mesma pessoa que matou Yeager, caso contrário não temos nenhuma teoria, e nesse caso Maria deve fazer algum contato. Suponhamos que fosse Julia McGee. Ela não poderia saber que havia alguém à espreita por trás daquela porta quando passou pelo corredor, ou, se percebesse, não teria condições de saber quem a estava observando. Se sentiu ou suspeitou, como aconteceu comigo, e abriu a porta e encontrou Maria ali, ela não subiria até o apartamento e usou o revólver que levou para matar Yeager. Assim Maria deveria fazer o contato ontem, e não fez isso só por brincadeira ou só pelo prazer de dizer, “Eu a vi na noite de domingo e, portanto sei que você matou o senhor Yeager”. Ela queria fazer algum acordo. Quando digo que ela podia estar envolvida em uma atividade suspeita pode ser apenas uma conjectura, mas não estou fazendo essa afirmação por gostar dela. Eu gostaria de pensar que ela era tão perfeita por dentro quanto por fora. Seja como for, ela não tomou aquele champanhe. Wolfe se limitou a grunhir:

— Mmmmmh. Apontei para um dos grupos de três esboços.

— Aquela é Dinah. A senhora Austin Hugh. Maria sabia desenhar muito bem. Ela retratou a senhora Delancey também.

— Não há nenhum desenho de Meg Duncan.

— Não. Quando ela conseguiu as fotos dela achou que não ia precisar de um desenho. Sentou-se.

— Telefone para o Fred. Quanto tempo você acha que ele poderá

demorar para chegar aqui?

— Uns vinte minutos.

— Chame-o.

Peguei o telefone e disquei, e Fred atendeu. Disse a ele que se chegasse ao escritório em dezenove minutos duas coisas estariam esperando por ele: 315 dólares e instruções de Wolfe, e ele afirmou que as duas coisas seriam bem recebidas. Virei-me e contei a Wolfe, e ele ordenou:

— Telefone para a senhorita McGee. Quero conversar com ela.

Esse segundo telefonema demorou um pouco mais para ser completado. O problema é que quando eu conseguia falar com a telefonista da Continental Plastic Products e pedia que ela transferisse a ligação para Julia McGee, que fora a secretária de Yeager, a telefonista não conseguia localizá-la. Finalmente, consegui falar com ela e fiz um sinal para Wolfe. Ele pegou o telefone de sua mesa e permaneci na escuta.

— Senhorita McGee? Preciso vê-la o mais rapidamente possível. Aqui em meu escritório.

— Bem... Ela não me pareceu muito entusiasmada. — Saio daqui às cinco. Lá pelas seis horas está bom?

— Não, é urgente. Venha o mais rapidamente possível.

— O senhor não pode me falar pelo telefone... Não, acho que não. Está bem, eu irei.

— Agora.

— Sim. Sairei daqui dentro de alguns minutos.

Desligamos. Wolfe se reclinou em sua cadeira e fechou os olhos. Reuni os desenhos e guardei-os, juntamente com o restante da coleção de Maria. Tirando uma pasta do arquivo, anotei **YEAGER** na etiqueta da janela e guardei tudo ali dentro. Achei que o cofre seria o lugar ideal para guardar uma coisa que algum dia poderia vir a ser usada como prova diante do júri em um tribunal, e coloquei a pasta ali dentro e não no arquivo.

Quando os olhos de Wolfe se abriram, lhe apresentei um cheque para assinar, em nome de Fred Durkin, no valor de trezentos e quinze dólares. Até aquele instante, já havíamos investido quinhentos dólares na operação Yeager, e tínhamos quatro clientes e dois dólares recebidos como sinais,

além de uma possibilidade bem grande de irmos parar atrás das grades por obstrução à justiça. Quando coloquei o cheque de Fred em minha mesa, o telefone tocou. Era a senhora Yeager. Ela queria saber quando eu pretendia levá-la para ver o apartamento da Rua 82. Queria também me contar que a filha do superintendente daquele prédio fora assassinada, e que ela achava que Wolfe e eu devíamos investigar o caso. Sugeri que eu poderia iniciar meu trabalho quando a levasse para ver o apartamento, economizando uma viagem.

Se você acha que eu deveria tê-la interrompido porque telefones têm extensões e alguém poderia estar ouvindo nossa conversa, você está absolutamente certo. Bem que tentei. Finalmente consegui, sem precisar desligar o telefone na cara dela. Nessa altura, Fred já estava lá. Quem abriu a porta para que ele pudesse entrar foi Fritz. Entreguei-lhe seu cheque, e Wolfe lhe deu suas instruções, que ele entendeu num piscar de olhos. A diferença na forma pela qual Fred conversa com Wolfe e conversa comigo não é baseada na experiência. Lá no apartamento, conversando apenas comigo, ele suspeitara que corresse um grande risco, mas ele não sabia exatamente o que estava acontecendo, e não gostou nada daquela situação. Agora, com Wolfe, não havia essa questão de suspeitar ou não gostar. De qualquer forma ele entendera, há muito tempo, que não havia nenhum limite para o que Wolfe podia fazer se desejasse conseguir alguma coisa. Assim, é claro, não havia nenhum risco envolvido. Eu gostaria de estar presente para ver qual seria sua reação se algum dia Wolfe pedisse a ele que fosse a Moscou e seguisse o líder soviético. Quando a campainha da porta tocou, ele se levantou e empurrou sua cadeira para perto da estante de livros, enquanto eu me dirigi para atender.

Fiquei surpreso. Era Julia McGee na varanda, mas ela não estava sozinha. Voltei ao escritório e disse a Wolfe que Eigen estava com ela. Ele olhou para mim, apertou os lábios e assentiu. Voltei para a sala da frente, abri a porta e eles entraram. Para um presidente, Eigen era bem educado. Ela era apenas a ex-secretária de seu ex-vice-presidente executivo, mas ele permitiu que ela entrasse na frente, seguisse pelo corredor e entrasse no escritório. Wolfe permaneceu em pé até ambos estarem sentados, ele na cadeira de couro vermelho e ela na que fora ocupada por Fred. Eigen foi o primeiro a falar.

— O senhor chamou a senhorita McGee. Caso existisse alguma coisa

nova, o senhor deveria me notificar. O senhor não me telefonou. Caso haja alguma coisa a ser dita à senhorita McGee, eu também quero ouvir. Wolfe estava olhando para ele.

— Eu lhe disse na noite de terça-feira, senhor Eigen, que quanto menos o senhor soubesse dos detalhes de meu trabalho, melhor seria. Mas creio que não fará mal o senhor saber o seguinte, na verdade eu provavelmente iria informá-lo antes de terminado o dia. Pois bem, acho até muito bom que o senhor esteja presente. Virou a cabeça. Fred? Fred se levantou e caminhou até o canto da mesa de Wolfe. — Olhe para a senhorita McGee, lhe ordenou Wolfe. Fred se virou para dar uma olhada rápida naquela mulher e falou:

— Não preciso olhá-la detidamente.

— Você a reconhece?

— Claro. Nunca vou conseguir esquecê-la; ele me fez isto. Apontou para seu queixo.

— Isso foi na noite de terça-feira. Você já a vira antes?

— Sim, senhor. Eu a vi na noite de domingo, quando eu estava vigiando aquele prédio da Rua 82. Vi quando ela entrou naquele endereço. Pela porta do porão.

— Você a viu sair?

— Não, senhor. Ela poderia ter saído enquanto eu estava na esquina, telefonando. Seguindo suas instruções, telefonei para cá de hora em hora. Ou ela saiu depois que fui embora.

— Você contou ao Archie, na noite de terça-feira, que já vira a senhorita McGee anteriormente?

— Não, senhor. Assim que ela me viu no apartamento na noite de terça-feira, se atirou sobre mim e começamos a brigar. Depois que Archie a tirou de lá é que comecei a pensar. Foi ela quem vi no domingo. Eu deveria tê-lo informado, mas sabia o que isso poderia significar. Essa revelação faria de mim uma testemunha em um caso de assassinato, e o senhor sabe como são essas coisas. Mas nesta manhã decidi contar tudo. O senhor estava me pagando e estava contando comigo. Por isso vim até aqui e lhe contei.

— Você tem certeza que viu a senhorita McGee, que está sentada aqui, entrar naquele prédio na noite de domingo?

— Certeza absoluta. Eu não viria aqui para lhe contar se tivesse alguma dúvida. Estou esperando ser repreendido.

— E você merece mesmo ser repreendido. Você ocultou uma informação vital, obtida enquanto estava trabalhando para mim. Você

deveria me dar essa informação há trinta e seis horas. Trataremos disso mais tarde. Agora vá para a sala da frente e fique lá. Enquanto Fred atravessava o escritório em direção à porta que dava para a outra sala, somente os olhos de Wolfe o seguiram. Os de Eigen e os meus estavam voltados para Julia McGee. Os dela estavam inspecionando um ponto no desenho do tapete, pouco à frente de seus pés. Quando a porta foi fechada por Fred, Wolfe falou:

— Senhorita McGee. Por que a senhorita o matou?

— Não responda, ordenou Eigen. Virou-se para Wolfe. — O senhor está trabalhando para mim. Segundo suas próprias palavras, o senhor deverá se esforçar ao máximo para proteger a reputação e os interesses da corporação. Como é o nome daquele homem?

— Fred Durkin.

— Por que o senhor pediu a ele que ficasse vigiando aquele prédio na noite de domingo?

— Eu estava defendendo os interesses de um cliente. Confidencialmente.

— O senhor tem clientes demais. Isso não foi mencionado na noite de terça-feira. O senhor disse que não tinha nenhuma preocupação para trabalhar no caso.

— Estávamos falando sobre o assassinato de Yeager, e eu realmente não tinha nenhuma procuração para investigá-lo. Veja bem, senhor Eigen, meus outros contratos com meus clientes não lhe dizem respeito, desde que não haja conflito de interesses. Por que a senhorita matou Yeager, senhorita McGee? Eigen balançou negativamente a cabeça para que ela não respondesse, e se virou para Wolfe.

— Isso é um truque. O fato de Durkin vê-la entrando naquele prédio na noite de domingo não prova que ela matou Yeager. Ele poderia não estar lá. Por acaso Durkin o viu entrar?

— Não. Mas outra pessoa viu. Na verdade foram duas pessoas, o senhor e a senhora Perez. O superintendente e sua mulher. Sugiro que o senhor não se aproxime deles. Os dois estão muito abalados. A filha do casal morreu durante a noite. Como o senhor não quer que a ligação de Yeager com aquele prédio seja revelada, é melhor deixar que o senhor Goodwin e eu cuidemos dos dois.

— A que horas Yeager entrou? Antes ou depois da senhorita McGee?

— Antes. Ele chegou por volta de sete horas da noite.

— Mesmo considerando que Durkin viu a senhorita McGee entrar, ele não a viu sair. O senhor a está acusando de assassinar Yeager ali naquele

apartamento e de ter carregado seu corpo para a rua e de tê-lo jogado naquele buraco?

— Não. Eu não a estou acusando, mas apenas confrontando-a com um fato. Wolfe inclinou a cabeça. — Senhor Eigen, não estou transformando nossa associação em um conflito. Quem está procurando pontos de atrito é o senhor. Eu lhe disse, na noite de terça-feira, que a única maneira plausível de tentarmos proteger a reputação e os interesses de sua corporação com alguma esperança de sucesso, seria impedir que a polícia continuasse investigando o crime, chegando a uma solução aceitável do caso, sem qualquer envolvimento daquele apartamento. Poderemos oferecer à polícia essa solução apenas quando eu souber exatamente o que aconteceu. Já sabemos que Yeager entrou naquele apartamento por volta de sete horas da noite, e podemos afirmar com uma razoável certeza que ele ainda estava ali quando a senhorita McGee chegou. O senhor afirma que quando perguntei a ela o motivo que a levou a cometer o crime eu estava usando de um artifício. É evidente que foi um truque. Um truque tão antigo que os gregos já o usavam há dois mil anos, e outros povos se utilizaram desse mesmo ardil. Vou retirar essa pergunta e fazer outra. Virou-se. Senhorita McGee, o senhor Yeager estava naquele apartamento quando a senhorita entrou, na noite de domingo?

Ela terminara de estudar os desenhos do tapete. Desviou os olhos que estavam fixos em Wolfe e olhou para Eigen. Ela não disse nada, mas ele falou:

— Tudo bem, pode responder. Ela olhou nos olhos de Wolfe.

— Sim, ele estava lá. Seu corpo estava. Quando eu o encontrei ele já estava morto.

— Onde estava o corpo?

— No chão. Sobre o tapete.

— A senhorita tocou nele?

— Toquei apenas em seus cabelos, onde havia o furo. Ele estava deitado de lado e com a boca aberta.

— O que a senhorita fez?

— Não fiz nada. Fiquei sentada em uma cadeira por alguns minutos e depois saí.

— A que horas exatamente a senhorita saiu?

— Não sei com exatidão. Deve for por volta de nove e meia. Cheguei lá às nove e quinze.

— Yeager a esperava às nove e quinze?

— Não, às nove horas, mas cheguei quinze minutos atrasada.

— A senhorita foi lá para tomar ditados?

— Sim.

— Às nove horas da noite de domingo?

— Sim. Wolfe grunhiu:

— Acho que vou ignorar sua resposta, senhorita McGee. É perda de tempo tentar descobrir mentiras que não podem ser provadas. Acho que de nada adiantaria eu lhe dizer que o senhor Yeager já providenciara para que alguém entregasse caviar e faisão naquele apartamento à meia-noite. A senhorita notou se havia algum indício de que ele lutara antes de morrer?

— Não.

— A senhorita viu um revólver?

— Não.

— Tirou alguma coisa do apartamento quando saiu?

— Não.

— Alguma vez a senhorita já teve um revólver?

— Não.

— Já tomou algum emprestado?

— Não.

— A senhorita já disparou uma arma de fogo?

— Não.

— Para onde foi depois que a senhorita saiu daquele apartamento?

— Fui para casa. Para meu apartamento. Fica na Rua Arbor.

— A senhorita contou sua experiência a alguém?

— Não. Claro que não.

— Nem ao senhor Eigen?

— Não.

— Então ele está sabendo somente agora que a senhorita esteve naquele endereço na noite de domingo?

— Sim. Ninguém sabia.

— A senhorita sabe o que é uma pergunta hipotética?

— Certamente.

— Vou lhe fazer uma. A senhorita disse na noite de terça-feira que chegara à conclusão de que sua lealdade deveria ser para a corporação, não para o senhor Yeager, por isso o traiu. Então se...

— Eu não o traí. Só achei que o senhor Eigen devia saber. Wolfe virou a cadeira para pegar seu dicionário na estante, abriu-o e encontrou a página que estava procurando.

— Trair, verbo. Definição dois: “Mostrar-se infiel ou traiçoeiro. Enganar por traição. Não corresponder às expectativas de alguém que confia na pessoa traiçoeira”. Fechou o dicionário e empurrou a cadeira de volta para sua mesa. Evidentemente Yeager confiava na senhorita e não queria que ninguém tomasse conhecimento daquele apartamento, mas a senhorita o traiu. Então, se, se trata apenas de uma hipótese, se a senhorita foi até lá na noite de domingo, não para tomar ditados, mas para participar de atividades mais adequadas àquele ambiente, por que acabou decidindo que não devia lealdade ao senhor Yeager? Ela não pareceu ficar perturbada.

— Minha decisão não teve nada a ver com minha ida àquele apartamento. O senhor Yeager me pediu para ir até lá tomar ditados, e eu fui. Ela estava se saindo muito bem. Se eu não visse aquele apartamento com meus próprios olhos poderia até ficar com uma sombra de dúvida. Ela prosseguiu: — Com relação àquela pergunta artilosa que o senhor me fez, quero lhe contrapor uma outra: por que eu iria querer matá-lo? O senhor acha que eu iria lá para tomar ditados e levaria um revólver para matá-lo? Os ombros de Wolfe subiram e desceram uma fração de um centímetro.

— Já disse que vou ignorar qual foi seu objetivo ao ir ao apartamento, e não deveria tocar nesse assunto outra vez. É uma discussão vã. Se a senhorita teve um motivo para matá-lo, não ficarei sabendo através de suas palavras. Na verdade, duvido que eu venha a saber alguma coisa conversando com a senhorita. A senhorita afirmou que foi lá, encontrou-o morto, e foi embora. Reclinou-se em sua cadeira, fechou os olhos e esticou os lábios para fora. Logo em seguida puxou-os para dentro da boca. Para fora outra vez; para dentro de novo. Para fora e para dentro, para fora e para dentro. Eigen quebrou o silêncio:

— Eu também tenho algumas perguntas a fazer à senhorita McGee, mas elas podem esperar. O senhor só dificultou as coisas revelando que ele foi assassinado naquele apartamento. Não acredito que ela seja a assassina e acho que o senhor também não pensa assim. O que o senhor vai fazer agora? Nenhuma resposta. Wolfe ainda estava brincando com seus lábios.

— Ele não o ouviu, avisei Eigen. Quando ele está fazendo assim com os lábios não ouve nada nem ninguém. Para ele é como se não estivéssemos aqui. Eigen olhou fixamente para ele. Em seguida transferiu seu olhar para a senhorita McGee, que pareceu ignorá-lo. Wolfe abriu os olhos e se endireitou na cadeira.

— Senhorita McGee, me dê as chaves. A da porta daquele prédio e a do elevador.

— O senhor ouviu o que eu disse? Perguntou Eigen.

— Não. As chaves, senhorita McGee.

— Eu disse que o senhor dificultou as coisas! Eigen golpeou o braço da cadeira com o punho. Yeager morto naquele apartamento! Ela não o matou, a senhorita McGee não tinha motivos para matá-lo, mas e se tivesse? O senhor acha que assim está protegendo os interesses de minha corporação? Wolfe ignorou-o.

— As chaves, senhorita McGee. A senhorita não irá mais precisar delas, e não está em condições de recusar meu pedido. Elas estão em sua bolsa?

Ela abriu aquela mesma bolsa que revistei na noite de terça-feira enquanto estava no chão enrolada na coberta da cama, e tirou dali o chaveiro. Peguei-o de sua mão, examinei as duas chaves, e entreguei a Wolfe. Ele as colocou em sua gaveta, se virou para Eigen, e perguntou:

— Como foi que o senhor conseguiu chegar a presidente de uma grande e bem sucedida corporação? O presidente ficou olhando para ele, boquiaberto. Wolfe continuou: — O senhor só sabe reclamar, dizendo que eu dificultei as coisas. Em sua empresa, por acaso o senhor também costuma jogar a culpa nas costas de seus subordinados quando eles expõem problemas, que não foram causados por eles, e que devem ser solucionados para que a corporação prospere? Precisei me valer de um esquema ardiloso para que pudéssemos saber que Yeager foi assassinado naquele apartamento, embora ainda não saibamos se foi a senhorita McGee ou uma outra pessoa quem o matou. Se não fosse meu truque, eu poderia pensar que a morte dele fosse uma fatalidade. Consegui essa informação da senhorita McGee através de uma artimanha. Eu tinha motivos para suspeitar que ela fora ao apartamento na noite de domingo, mas não dispunha de nada que pudesse ser usado para incriminá-la, por isso inventei um ardil. Eu não tinha nenhum cliente na noite de domingo; o senhor Durkin não estava vigiando aquele prédio; ele não estava lá e, portanto, não a viu entrar. Mas agora que sei que ela entrou naquele prédio, e que Yeager foi assassinado lá...

— Seu desgraçado! Eigen estava de pé. Onde está aquele papel que eu assinei? Quero-o de volta!

— Isso é besteira. Wolfe nem se preocupou em erguer a cabeça para olhar para ele. Seria um dispêndio inútil de energia. — Sente-se. O senhor me contratou, mas não pode me despedir. Eu já estava caminhando em terreno escorregadio, não dando informações à polícia. Agora que sei que

Yeager foi assassinado naquele apartamento e que seu corpo foi visto ali, não estou meramente vulnerável, mas gravemente comprometido. O senhor não corre nenhum risco, mas eu corro. Se me restasse um pinga de prudência, eu pegaria meu telefone neste exato momento e ligaria para o senhor Cramer, da polícia. O que é que o senhor está arriscando? A reputação de sua confusa corporação. Pfui. Sente-se e me diga onde o senhor esteve na noite passada das nove à meia-noite. Eigen permaneceu em pé, olhos brilhando. Seu queixo demonstrava todo seu nervosismo, e uma veia em seu pescoço pulsava.

— Não lhe interessa saber onde estive durante a noite, declarou com a boca semicerrada. — Estou lhe avisando, senhor Wolfe, o senhor está se metendo em um jogo perigoso. Está mentindo quando afirma que Durkin não estava vigiando aquele imóvel no domingo. De que outra forma ele poderia saber que a senhorita McGee esteve ali? O senhor ainda não me contou como foi que descobriu a existência daquele apartamento. E o senhor tinha as chaves. Será que Durkin subiu até lá depois que a senhorita McGee saiu, e encontrou o corpo já sem vida de Yeager, carregou-o nas costas e jogou-o naquele buraco? Acho que foi exatamente isso que aconteceu. E agora o senhor está me chantageando e à minha corporação. Muito bem, o senhor estava no comando da situação na noite de terça-feira e ainda está, mas tome cuidado.

— Obrigado, respondeu Wolfe, educadamente. Virou-se. — Senhorita McGee, onde a senhorita esteve na noite passada das nove à meia-noite?

— Não responda, lhe ordenou Eigen. — Não responda nada. Vamos embora daqui. Se quiser, responda para mim, mas não aqui. Vamos sair daqui. Ela olhou para ele, para Wolfe, e novamente para ele.

— Mas senhor Eigen, preciso contar! Preciso responder isso. Eu lhe disse que achava que ele queria conversar comigo sobre aquela garota, Maria Perez. Ela errou a pronúncia tanto de “Maria” quanto de “Perez”. É por isso que ele quer saber onde eu estava durante a noite. Virou-se para Wolfe. — Nunca vi aquela moça. Nunca ouvi falar dela, até ler a notícia no jornal de hoje. Eu não matei o senhor Yeager e também não a matei. Não sei nada sobre ela. Ontem à noite jantei com alguns amigos e fiquei o tempo todo com eles e outras pessoas, até depois de meia-noite. O nome do casal é Quinn e eles moram na Rua 11, Oeste, número 98. Eu precisava contar a ele onde estive, senhor Eigen. Minha situação já está bastante complicada sem... Eu precisava contar. Ele estava olhando para Wolfe.

— O que o senhor tem a nos dizer sobre aquela moça? Perguntou. Wolfe balançou a cabeça.

— Já que o senhor me considera um mentiroso, por que perder tempo me fazendo perguntas?

Essa foi a gota d'água que fez o copo transbordar. Já vi muitos clientes saindo daquele escritório com a cabeça fervendo, ou magoados ou indignados, mas nunca vi um cliente tão irado quanto Eigen. Não sem motivo, devo admitir. Segundo as palavras do senhor Eigen, Wolfe estava no comando da situação, e um presidente está acostumado a ditar as normas em todas as situações. Ao sair com Julia McGee, ele esqueceu as boas maneiras, tomando a dianteira e seguindo pelo corredor até a porta da rua. Quando lhe ofereci o chapéu de feltro, ele o tirou agressivamente de minha mão. A senhorita McGee ia passar por maus momentos na próxima meia hora. Voltei ao escritório e disse a Wolfe:

— Ainda bem que os presidentes não assinam os cheques das corporações. Ele sairia do sério se tivesse que assinar um para você. Se.

— Tem razão. Concordo que jamais estivemos tão perto de uma catástrofe. E de uma ignomínia.

— Sim, senhor.

— É imperativo que encontremos o assassino antes que o senhor Cramer descubra aquele apartamento.

— Sim, senhor.

— Você acha que o senhor e a senhora Perez vão aguentar toda essa pressão?

— Acho.

— Peça a Fritz para arrumar um lugar para o Fred. Ele almoçará conosco. Depois entre em contato com Saul e Orrie. Peça-lhes para estarem aqui às duas e meia. Se tiverem outros compromissos eu falarei com eles. Preciso conversar com eles esta tarde.

— Sim, senhor.

— Mais uma coisa. Aquela mulher, Meg Duncan, presumivelmente ela esteve no teatro na noite passada, não é?

— Presumivelmente. Posso verificar.

— Até que horas?

— A peça termina por volta de dez para as onze; então ela deveria mudar de roupa. Se marcou encontro com Maria Perez às onze e meia, poderia se encontrar com ela sem precisar correr. Será que perdi alguma coisa?

— Não. Precisamos cobrir todas as contingências. Instruções depois

que você falar com Saul e Orrie.

Fui à cozinha dar a ordem ao Fritz.

*

TREZE

PERMITAM-ME LHE APRESENTAR o senhor Saul Panzer e o senhor Orne Cather. O senhor Panzer é aquele que está sentado na cadeira de couro vermelho. Olhando para ele, o nariz grande, os olhinhos fundos, os cabelos sempre em desalinho, se pode pensar que ele não é grande coisa. Centenas de pessoas que assim pensaram se arrependeram amargamente. Um bom detetive precisa ser bom em uma dezena de coisas diferentes, e em todas elas Saul é o melhor. O senhor Cather, sentado naquela cadeira amarela à esquerda de Saul, também poderia enganá-lo. Ele é tão simpático quanto parece, mas não tão inteligente quanto dá a entender, embora pudesse ser se seu ego não se intrometesse. Se tivermos de julgar um homem por um único ato, e se pudermos escolher esse ato, deveremos avaliar a maneira como ele se olha no espelho, e já vi Orrie se admirando muitas vezes. O senhor Fred Durkin, sentado na cadeira ao lado da de Orrie já é nosso conhecido.

Wolfe, Fred e eu acabamos de chegar da sala de jantar para conversar com Saul e Orrie no escritório. Durante o almoço, fiquei tentando imaginar o que Wolfe tinha em mente para eles, considerando as instruções que me dera. Eu aprendera com ele que os honorários que ganharíamos eram uma coisa secundária. A principal questão era saber como íamos conseguir sair do limbo em que nos encontrávamos. Embora apreciasse os talentos e as habilidades daqueles três homens, não conseguia atinar como é que eles iam ser usados para nos ajudar. Assim, queria estar presente naquela reunião. Mas quando me preparava para sentar em minha cadeira, Wolfe falou:

- Não vamos precisar de você, Archie. Você já recebeu suas instruções. Sentei.
- Talvez eu possa fornecer detalhes.
- Não. É melhor você começar a agir.

Levantei-me e saí. Poderia fazer uma série de observações, por exemplo, que eu tinha o direito de saber quais eram as possibilidades de

dormir em minha própria cama naquela noite, mas talvez isso não se encaixasse no script, se é que havia um, para Saul, Fred e Orrie. Talvez Wolfe não quisesse que eles soubessem que a situação era tão ruim. Então saí, cabisbaixo e decepcionado, e segui pelo corredor até ficar fora do campo de visão deles. Eu tinha um encontro com uma atriz, marcado pelo telefone, mas não para um horário específico, a qualquer momento entre três e quatro horas da tarde. Eram três e cinco quando entrei no saguão do Balfour da Avenida Madison, nas proximidades da Rua 65, dei meu nome ao porteiro e disse que a senhorita Meg Duncan estava à minha espera. Ele me olhou da cabeça aos pés e perguntou:

— Como vai o gordo?

— Vire-se. Não sou um bom fisionomista, mas nunca me esqueço das costas das pessoas.

— Você não vai se lembrar das minhas. Eu costumava dar uns giros no Churchill. A senhorita Duncan perdeu alguma coisa?

— Responderei quaisquer perguntas enquanto espero. O senhor Wolfe vai bem, obrigado. A senhorita Duncan não consegue encontrar seu soco inglês de ouro maciço e acha que ele está com você. Sorriu.

— É sempre um prazer conversar com você. Pode pegá-lo na saída. Décimo segundo andar. Apartamento 12D.

Entrei no elevador e subi ao 12º andar. O apartamento 12D ficava no fim do corredor. Apertei a campainha, e em meio minuto a porta foi entreaberta e uma empregada perguntou quem era. Pronunciei meu nome, a porta se abriu mais e aquela moça me olhou de forma nada amistosa.

— A senhorita Duncan está com uma terrível dor de cabeça, me disse, com uma voz que combinava com seu queixo quadrado e com sua aparência masculinizada. — Se o senhor puder me informar o que...

— Mike! Gritou uma voz de algum lugar lá de dentro do apartamento. Por acaso é o senhor Goodwin?

— Sim! Foi esse o nome que ele me deu.

— Então o faça vir até aqui!

Qualquer homem fica meio sem jeito quando tem hora marcada com uma jovem no meio da tarde, e é levado a um quarto pouco iluminado, com as venezianas fechadas, e a encontra deitada em uma cama, usando uma camisola transparente. Principalmente quando a empregada fecha a porta às

suas costas e a garota lhe diz:

— Na verdade não estou com dor de cabeça. Sente-se aqui, dando umas pancadinhas de leve na beira da cama.

Mesmo que você tenha plena certeza de poder manter o controle da situação, mas aí é que está o problema: você não consegue deixar de pensar que manter o controle da situação não é o que os outros homens iriam esperar de você, sem falar no que as outras mulheres iriam pensar. Havia uma cadeira virada para a cama, e achei que seria mais seguro sentar ali. Assim que me acomodei, ela me perguntou se eu trouxera a sua cigarreira.

— Não, mas ela ainda está no cofre, o que já é alguma coisa. O senhor Wolfe me pediu para que viesse aqui para lhe fazer uma pergunta. Onde a senhorita esteve ontem à noite, entre nove horas e meia-noite? Se ela estivesse em pé, ou mesmo sentada em uma cadeira, acredito que saltaria sobre mim outra vez, a julgar pela maneira com que seus olhos brilharam.

— Eu me arrependo de não conseguir arrancar seus olhos lá no apartamento.

— Eu sei, a senhorita já disse isso antes. Mas não vim aqui para fazer uma pergunta e ouvi-la repetir a mesma ameaça. Se a senhorita leu algum jornal, deve ver que uma moça chamada Maria Perez foi assassinada durante a noite.

— Eu li.

— Viu também que ela morava no número 156 da Rua 82 Oeste?

— Vi.

— Onde a senhorita estava?

— O senhor sabe muito bem onde eu estava. No teatro. Trabalhando.

— Até dez para as onze. Então trocou de roupa. E depois? Ela estava sorrindo.

— Não sei o que me levou a dizer que eu gostaria de arrancar os seus olhos. Ou melhor, acho que agora sei. Primeiro você me aperta com tanta força que minhas costelas chegam a doer, então se mostra como um peixe frio. Como uma... Uma pedra.

— Na verdade não sou uma coisa nem outra. Sou apenas um detetive cumprindo uma missão. Para onde a senhorita foi quando saiu do teatro?

— Vim para cá e me deitei nesta cama. Deu outras pancadinhas na cama. A maneira com que ela usava suas mãos fora muito elogiada por Brooks Atkinson no Times. Eu normalmente vou a algum lugar e como

alguma coisa, mas na noite passada eu estava muito cansada.

— A senhorita alguma vez viu Maria Perez? Cruzou com ela no corredor daquele prédio?

— Não.

— Desculpe-me, fiz duas perguntas ao mesmo tempo. Alguma vez a senhorita viu ou falou com ela?

— Não. Assenti.

— A senhorita sem dúvida mentiria para mim, desde que soubesse que eu não tenho meios de provar que está mentindo. Quero lembrá-la, porém, de que a polícia ainda não entrou naquele apartamento. Os tiras ainda não conseguiram associar Yeager àquele prédio. O senhor Wolfe espera que eles não descubram nada, por motivos que não lhe dizem respeito. Ele acredita que a pessoa que matou Yeager também matou Maria Perez, e eu penso da mesma forma. Ele quer encontrar o assassino e solucionar o caso de tal forma que aquele prédio não seja mencionado nos autos. Se conseguir, a senhorita não precisará se preocupar em ter de ocupar o banco das testemunhas e identificar sua cigarreira. Mas ele somente conseguirá desvendar a identidade do assassino se tomar conhecimento dos fatos, e depressa.

Levantei-me da cadeira e sentei na cama onde ela indicara.

— Por exemplo, a senhorita. Não estou me referindo a fatos como onde a senhorita esteve na noite de domingo. Não temos nem tempo nem homens disponíveis para começar a checar os álibis. Perguntei-lhe sobre a noite passada só para começar a conversar. Seu álibi para a noite de ontem não é válido, mas também não seria, mesmo se a senhorita declarasse fora ao Sardi's com amigos para comer um filé. Amigos podem mentir, assim como garçons.

— Eu estive em um espetáculo beneficente no Majestic Theater na noite de domingo.

— Nós teríamos muito trabalho para provar que a senhorita está mentindo, se tivéssemos algum motivo bem fundamentado para achar que a senhorita matou Yeager, mas isso não quer dizer que eu a estou inocentando. Um álibi, bom ou ruim, não é o tipo de fato que desejo agora. A senhorita disse que nunca viu ou falou com Maria Perez. Ontem à noite, a mãe dela me telefonou me pedindo que fosse até lá, e eu fui, e vasculhei o quarto da moça. Escondidas em um fundo falso de uma gaveta, encontrei várias coisas. Entre elas, três fotos suas. Encontrei também algum dinheiro,

notas de cinco dólares, que ela estava escondendo dos pais. Estou sendo franco, senhorita Duncan. Eu lhe disse que o senhor Wolfe preferiria encerrar o caso sem que a polícia soubesse da existência daquele apartamento e das pessoas que o frequentavam. Mas se os tiras tomarem conhecimento daquele prédio, não por nós, então eles vão descobrir muitas coisas. Eles saberão não apenas que a senhorita conversou com o senhor e a senhora Perez e comigo, como acharão sua cigarreira. O que acontecerá se eles encontrarem suas impressões digitais naquelas notas de cinco dólares?

Fiz essa acusação apenas por fazer. Eu queria ver qual seria a reação dela. Eu gostaria de dizer que estava tentando um truque e pretendia ver qual seria o resultado, mas se comesse a detalhar cada uma de minhas artimanhas, não sei onde este meu relato iria terminar. Posso dizer apenas que eu estava falando por falar. Se houvesse alguma coisa a mais em Meg Duncan, além do fato (segundo suas próprias palavras) de fora diretamente para casa ao sair do teatro na noite anterior, eu queria descobrir, se possível. Tentei apenas um golpe de sorte e não mencionei que as fotos eram reproduções publicadas em revistas e jornais, nem confessei que estava chutando com relação às notas. Sorte ou não, o fato é que ela engoliu a isca. Agarrando meu joelho com uma das mãos que ela usava tão bem, perguntou:

- Meu Deus, as notas! Elas mostram impressões digitais?
- Certamente.
- Onde estão?
- No cofre no escritório do senhor Wolfe. Juntamente com as fotos.
- Eu só dei uma a ela. O senhor disse três.
- As outras duas são de revistas. Quando a senhorita deu a foto a ela?
- Não me lembro. Existem tantas...

Minha mão esquerda se moveu para pousar sobre o lençol onde estava a sua perna, acima de seu joelho, os dedos numa suave compressão, é claro, da superfície que tocavam. Naturalmente seria um erro se eu desse à minha mão uma ordem explícita de fazer aquilo. Não estou culpando a mão; ela estava apenas tirando vantagem de uma oportunidade que nenhuma mão alerta poderia ignorar. Mas a reação foi mais rápida e mais surpreendente do que eu poderia esperar. Quando aquela mulher sentia um impulso, não perdia tempo. Ela se levantou rapidamente do travesseiro. Cheguei a pensar que tentaria me arrancar os olhos outra vez, mas seus braços agarraram meu

pescoço e ela me puxou para cima dela. Ali estava eu, parcialmente deitado sobre ela, meu rosto enterrado no travesseiro. Ela mordia meu pescoço, não para machucar, mas apenas sendo carinhosa.

O momento, o lugar e a garota formam uma combinação formidável, mas é preciso que os três elementos estejam presentes ao mesmo tempo. O lugar estava OK, mas o momento não, pois eu tinha outras coisas a fazer, e duvido que os motivos da garota fossem puros. Ela estava mais interessada em uma cigareira, uma fotografia e algumas notas de cinco dólares do que em mim. Além disso, não gosto de fazer papel de bobo. Assim, tirei minha mão de sua coxa, escorreguei-a entre seu rosto e meu pescoço, empurrei sua cabeça de encontro ao travesseiro enquanto levantava a minha, dobrei as pontas do travesseiro sobre seu rosto e sufoquei-a. Ela ficou se debatendo e agitando as pernas por uns dez segundos e então parou. Coloquei meus pés no chão e apoiei meu peso sobre eles. Tirei minhas mãos do travesseiro e me afastei da cama. Perguntei:

— Quando a senhorita deu a foto a ela? A mulher estava agitada, Ofegante, tentando encher os pulmões de oxigênio. Quando conseguiu falar, reclamou:

— Miserável, você passou a mão em mim.

— Sim. A senhorita espera que eu me desculpe? Depois de ter indicado um lugar na cama onde eu devia me sentar e vestida com essa camisola transparente? A senhorita sabe muito bem que seus seios são perfeitamente visíveis através desse tecido fino. Não foi muito inteligente de sua parte tentar me distrair de meu trabalho para que eu não descobrisse seu envolvimento no caso. Sentei-me na cadeira. — Olhe senhorita Duncan, a única maneira de se safar é ajudando Nero Wolfe a desvendar o caso, e não temos todo o verão. Pode ser até que não tenhamos o dia todo. Quero saber sobre a foto e as notas de cinco dólares. Ela já estava respirando normalmente, e puxou o lençol até o queixo.

— Você passou a mão em mim, repetiu.

— Reflexo condicionado. O que me surpreende é que não passei as duas mãos. Quando a senhorita deu a ela a fotografia?

— Foi há muito tempo. Quase um ano atrás. Ela enviou um bilhete ao meu camarim em uma matinê de sábado. O bilhete dizia que ela me vira naquele prédio onde ela morava, e que gostaria de ganhar três ingressos para o sábado seguinte, para que pudesse levar duas amigas. Logo abaixo de seu nome estava seu endereço. Aquele endereço... Pedi para que a

deixassem entrar. Ela era incrível. Jamais conheci uma garota tão bonita. Pensei que ela fosse... Que ela fosse... Assenti.

— Entendo. Pensou que ela frequentasse aquele apartamento.

— Eu também não acreditei depois de conversar com ela. Aquela moça me contou que me vira no corredor, por duas vezes, segundo ela, e que me reconheceu de fotos que já vira antes. Ela me disse que nunca contou a ninguém, e que não contaria, e eu dei a ela uma foto autografada e os três ingressos. Estávamos em junho e, em julho, a companhia ficou parada um mês para as férias do verão. Em agosto, ela foi me procurar outra vez. Estava ainda mais bonita. Ela era uma moça incrível. Queria mais três ingressos, e disse que eu deveria enviá-los pelo correio. Em seguida, ela me disse que decidira que merecia receber algum dinheiro para ficar de boca fechada. Foi exatamente o que ela disse, dinheiro para ficar de boca fechada. Cinco dólares por mês. Eu deveria enviar o dinheiro pelo correio no primeiro dia de cada mês, em nome dela, a uma agência dos correios na Rua 83, Planetarium Station. O senhor chegou a ver Maria Perez?

— Sim.

— E não está surpreso?

— Não. Deixei de me surpreender com as coisas após os dois primeiros anos de meu trabalho como detetive particular, há muito tempo.

— Pois eu fiquei surpresa. Uma garota tão bonita e tão orgulhosa como aquela. Meu Deus, ela era orgulhosa! E, naturalmente, eu... Bem, eu imaginei que aquele seria apenas o começo. Desde aquele dia vivi esperando que ela me procurasse novamente, para me dizer que decidira que cinco dólares por mês não eram suficientes, mas ela nunca mais voltou.

— A senhorita nunca mais a viu?

— Não, mas ela me viu. Ela me contou o que fazia; quando ouvia a porta da rua se abrir, ela apagava a luz de seu quarto e abria a porta apenas dois dedos, e depois disso, sempre que eu ia lá, percebia a porta do quarto dela um pouco aberta quando passava pelo corredor. Aquilo me dava uma sensação, não sei por quê, aquilo me deixava mais excitada sexualmente, pois eu sabia que ela estava me olhando. Deu duas pancadinhas na cama. Sente aqui. Continuei de pé.

— Não, obrigado. A emoção fica ainda maior agora que a senhorita puxou o lençol até o queixo, porque eu sei o que há por baixo. Preciso trabalhar. Quantas notas de cinco dólares a senhorita enviou a ela?

— Não contei. Começou em agosto; assim, a primeira foi enviada no dia 1º de setembro, e depois todos os meses. Ela abaixou o lençol.

— Inclusive maio? Doze dias atrás?

— Sim.

— Então são nove. Elas estão no cofre do senhor Wolfe. Eu disse à senhora Perez que ela receberia o dinheiro de volta algum dia, mas, como aquele dinheiro foi pago a uma chantagista, a senhorita tem todo o direito de reavê-lo. Dei um passo à frente, estiquei o braço, coloquei a mão sobre sua coxa e apertei-a levemente. — Está vendo? Reflexo condicionado. É melhor ir embora. Virei-me e saí daquele quarto. Mike, a empregada, surgiu não sei de onde quando eu já estava saindo do apartamento, mas deixou que eu mesmo abrisse a porta.

Já no saguão do térreo, me detive por um momento para dizer ao porteiro:

— Pode ficar tranquilo. Nós encontramos o soco inglês na caixa de joias da senhorita Duncan. A empregada achou que fossem brincos.

Não custa nada ser sociável com essas sentinelas dos saguões. Quando cheguei à calçada, consultei meu relógio e vi que eram 3h40. Wolfe deveria estar no escritório. Achei um telefone público naquela mesma quadra e disquei.

— Sim? Disse ele. Wolfe jamais vai aprender a atender um telefone da maneira correta.

— Sou eu. Estou em um telefone público na Avenida Madison. O dinheiro pago a uma chantagista é recuperável, portanto aquelas notas pertencem a Meg Duncan. Maria Perez a viu no corredor há um ano e foi vê-la no teatro e resolveu chantageá-la, cinco dólares por mês. Uma das maiores operações na história do crime. Meg Duncan trabalhou ontem à noite e foi diretamente do teatro para seu apartamento e dormiu mais cedo. Eu vi a cama e até me sentei nela. Provavelmente ela está dizendo a verdade, aposto vinte contra um. Daqui levarei apenas uns oito minutos até a casa de Yeager. Devo ir até lá primeiro?

— Não. A senhora Yeager telefonou, e eu disse a ela que você estaria aqui entre cinco e seis horas. Ela está esperando que você a leve para ver aquele apartamento. O problema é seu.

— Como se eu não soubesse. O senhor me disse que quando eu chegasse aí o senhor poderia querer me mandar falar com Saul ou Fred ou Orrie.

— Pensei que isso fosse possível, mas não é. Esteja aqui no horário.

Ao caminhar em direção ao meio-fio para tomar um táxi, comecei a pensar na estranha atitude de Maria. Quem tem uma fotografia autografada de uma pessoa que está sendo chantageada, para que uma verdade não seja revelada, não guarda a foto. Com toda certeza, junto com o autógrafo Meg Duncan deveria ter escrito algo como “Com todo carinho” ou “Tudo de bom para você”, e agora que ela se transformara em vítima, não era certo continuar guardando essas palavras de ternura.

*

QUATORZE

EU NÃO MARCARA nenhum encontro com o senhor ou a senhora Austin Hugh, porque, primeiro, eu não sabia quanto tempo demoraria conversando com Meg Duncan e, segundo, eu preferia conversar com um dos dois sem a presença do outro. Para mim tanto fazia falar com ele ou com ela. Assim, quando apertei o botão da campainha no vestíbulo do nº 64 da Rua Éden, eu não sabia se havia alguém em casa. Havia. Ouvi o click, abri a porta e entrei, e subi pela escada. Dessa vez não havia ninguém me esperando na porta do apartamento; ele estava me aguardando no alto do segundo lance da escada. Quando me aproximei, deu um passo para trás. Não se mostrou feliz ao me ver.

— Voltei novamente, falei educadamente. O senhor encontrou sua mulher ontem?

— O que o senhor deseja?

— Nada de excepcional. Apenas fazer algumas perguntas. Aconteceu uma coisa que complica um pouco o caso. O senhor provavelmente já deve estar sabendo do assassinato de uma moça chamada Maria Perez.

— Não. Não saí de casa hoje, e não li nenhum jornal. Quem é Maria Perez?

— Não é mais. Era. O senhor não ouviu rádio?

— Não. Quem era ela?

— A filha do homem que o senhor viu quando foi àquele prédio na Rua 82. O corpo dela foi encontrado à noite em um ancoradouro do North River. Ela foi assassinada, alvejada, entre nove horas e meia-noite. O senhor Wolfe gostaria de saber como foi que o senhor passou a noite. Bem como sua mulher.

— Saco!

Levantei minhas sobrancelhas, surpreso. Ele certamente não aprendera essa interjeição lendo Robert Browning, embora um dramaturgo elisabetano pudesse tê-la usado. Mas eu não estava interessado na dramaturgia

elisabetana. Não me interessava descobrir onde ele aprendera a falar assim, mas percebi que estava diante de um Austin Hugh diferente daquele homem de quem eu chegara a sentir pena na tarde anterior, não só pela palavra empregada, mas também por seu rosto e sua atitude. O Hugh que estava diante de mim não pedia nenhum favor.

— Quer dizer que o senhor deseja saber como minha mulher passou a noite de ontem? É melhor perguntar diretamente a ela. Venha comigo.

Deu meia-volta e saiu caminhando pelo corredor, e eu o segui. A porta estava aberta. Não havia nenhum foyer ali dentro. O ambiente, não muito grande, tinha os móveis de uma sala de estar, mas as estantes nas paredes estavam repletas de livros. Ele se dirigiu a uma porta do outro lado, abriu-a, e me convidou a entrar. Dois passos depois da soleira parei, aturdido. Ele a matara! Mesmo sabendo que um detetive particular jamais deve chegar a conclusões precipitadas, eu sempre cometo o mesmo erro e, pela segunda vez naquela tarde, vi uma mulher jovem na cama. Só que dessa vez ela estava completamente coberta, inclusive a cabeça. Um lençol branco seguia seus contornos, e quando entramos não percebi nenhum sinal de movimento. Um cadáver. Parei estarecido, mas Hugh, passando por mim, falou:

— É Archie Goodwin, Dinah. Uma moça foi assassinada durante a noite. Virou-se para mim. Como era mesmo o nome dela?

— Maria Perez. Virou-se novamente para ela.

— Maria Perez. Ela morava naquele prédio. Goodwin quer saber o que você estava fazendo ontem à noite, entre nove horas e meia-noite, e achei que seria melhor você responder diretamente a ele. Ontem ele a viu naquele prédio, assim achei que ele deveria vê-la agora também.

A voz dela veio de baixo do lençol. Um murmúrio que eu não reconheceria.

— Não, Austin, não quero falar com ele.

— Mas vai falar. Não comece outra vez. Ele estava a apenas um passo da cama. Pegou a ponta do lençol e puxou-o.

Já vi cadáveres com melhor aparência. O lado direito do rosto dela podia ser classificado de tudo, menos de normal, mas aquilo não era nada

em comparação com o lado esquerdo. O olho estava fechado de tão inchado, e as bochechas e o queixo, também inchados, tinham a cor de fígado de carneiro recém-cortado. Suas melhores curvas, as de sua boca carnuda, estavam transformadas em manchas púrpura e disformes. Ela estava deitada de costas. Sua camisola tinha apenas alças, sem mangas e, a julgar pela aparência de seus ombros e de seus braços, ela não conseguiria ficar deitada de lado. Não tive condições de saber para onde seu único olho aberto estava voltado. Hugh, uma mão segurando o lençol, se virou para mim.

— Eu lhe disse ontem que queria que ela soubesse que eu já sabia de tudo, mas não consegui contar a ela. Eu tinha receio do que pudesse acontecer se eu lhe contasse. Agora aconteceu. Virou-se para ela. Ele quer saber onde você esteve entre nove horas e meia-noite. Responda e ele irá embora.

— Estive aqui. Foi um sussurro, mas deu para entender. — Aqui onde estou agora. Por volta de nove horas da noite eu estava assim.

— Seu marido a deixou aqui assim?

— Ele não me deixou. Ele estava aqui comigo.

— Saco, disse Hugh, olhando para mim. — Vim para cá quando deixei o senhor e o senhor Wolfe, e ela já estava aqui, e não saí daqui desde que cheguei. Agora que o senhor a viu e ela já lhe disse o que o senhor queria ouvir, acho que já pode ir embora.

— Ela é sua mulher, não minha, mas algum médico já a examinou?

— Não. Eu estava preparando a bolsa de gelo quando o senhor tocou a campainha. Examinei-a mais uma vez.

— Quer que eu mande um médico para cá, senhora Hugh?

— Não, obrigada.

— Envie a ela uma garrafa de champanhe, ironizou o marido.

E foi o que fiz. Isto é, enviei o champanhe, mas não para ela, levado por um impulso. Quando fui à Sétima Avenida para tomar um táxi, depois que telefonei a Wolfe para relatar minha visita aos Hugh e lhe contar que eu estava a caminho da casa da senhora Yeager, vi uma loja de bebidas, entrei e perguntei ao homem que me atendeu se ele tinha uma garrafa de Dom Perignon, e ele tinha. Pedi a ele que a enviasse ao senhor Austin Hugh, Rua Éden, 64, e anexei um cartão onde escrevi: “Com os cumprimentos de Archie Goodwin”. Preferindo levar a coisa para o campo pessoal, resolvi não lançar a nota fiscal em meu relatório de despesas. Até hoje não sei se

ele jogou o champanhe no lixo, se o tomou sozinho ou dividiu com ela.

Quando desci do táxi defronte ao nº 340 da Rua 68 Leste, já eram 5h02. Dei uma olhada ao redor antes de me dirigir à entrada. Tudo começara ali, três dias antes. Ali eu vira a viatura da polícia de Nova York estacionada em fila dupla com o motorista de Purley Stebbins ao volante. Na esquina ficava a lanchonete de onde telefonei para Lon Cohen. Ao entrar no vestíbulo para tocar a campainha, perguntei a mim mesmo; se eu pudesse saber com antecedência o que teria pela frente, daria a Mike Collins os quarenta dólares extras? Mas não respondi por que eu ainda não sabia o que estava para acontecer. Eu não sabia como Wolfe estava se sentindo com relação à coisa toda, mas estava mais interessado em saber onde estivera na noite anterior a senhora Yeager, mais do que qualquer outra pessoa. É evidente que viúvas herdeiras de homens assassinados sempre merecem atenção, e não só isso, ela tinha pleno conhecimento de que o marido não a estava simplesmente traindo com uma outra mulher. Ele a traía com umas vinte mulheres. Seu comportamento de fazer de conta que não sabia de nada seria nobre se fosse verdadeiro, e um script bem estudado se fosse falso. Seu desejo de ver aquele apartamento seria natural se fosse verdadeiro e, novamente, um script bem estudado se ela já estivesse ali antes, na noite de domingo, quando entrou naquele prédio para matá-lo. Seu álibi, segundo a imprensa, de que ela estivera no interior e só voltara à cidade na manhã de segunda-feira, talvez já estivesse sendo contestado pelos tiras. Desconfiei até que eles encontrassem alguns furos em sua história, pois Cramer colocara um sujeito seguindo-a no dia anterior.

Um ponto a favor dela: ela não estava na cama. Uma empregada uniformizada permitiu que eu entrasse na sala de estar onde cabiam seis das salas dos Hugh, e em poucos minutos nossa Cliente Número Quatro apareceu. Levantei-me. Ela se deteve sob o arco da entrada da sala e comentou:

— O senhor é um homem pontual. Vamos. Ela estava usando um chapéu e uma estola de pele, diferente da de mink.

— Nós vamos a algum lugar? Perguntei, me aproximando.

— Claro. O senhor vai me mostrar aquele apartamento. O carro já está esperando.

— Receio que este não seja um bom momento, senhora Yeager. Depois do que aconteceu... Sente-se e tentarei lhe contar o motivo de minha

recusa.

— O senhor pode me contar no carro. Ontem o senhor prometeu que me levaria lá assim que tivesse uma chance.

— Eu sei. Tentei falar com a senhora ao telefone às dez da noite de ontem, mas não consegui. A senhora não estava em casa.

— Claro que estava. Meu filho e minha filha estavam aqui, bem como alguns amigos. Começou a andar. Vamos.

— Mas que droga! Ela se virou. Para uma mulher feia, até que ela se virava com elegância.

— Que foi que o senhor disse?

— Eu disse, mas que droga. A senhora pode estar com pressa, mas certamente eu não estou, nem o senhor Wolfe. Vim para lhe explicar o motivo pelo qual não podemos ir lá agora. Acontece que o zelador daquele prédio tinha uma filha, e ontem à noite...

— Já estou sabendo o que aconteceu. Comentei com você pelo telefone. Ela foi assassinada.

— Certo. E eu diria que é bastante provável que ela tenha sido eliminada pela mesma pessoa que matou seu marido. Por sinal, a senhora deve estar lembrada que o senhor Wolfe sugeriu a possibilidade de que a senhora assassinasse seu marido. Assim, ele acha que também é possível que a senhora tenha eliminado Maria Perez. Foi por isso que perguntei se a senhora esteve em casa durante a noite. A senhora ficou aqui com seu filho e sua filha e alguns amigos a noite toda? Até meia-noite?

— Sim. Eu lhe disse ontem que há muitos anos cheguei a ter vontade de matar meu marido. Vocês não são dois perfeitos idiotas, são?

— Perfeitos, não. Tudo bem, a senhora não o matou, nem matou a moça. Algum dia terei o maior prazer em levá-la para ver aquele apartamento, mas agora não. É muito arriscado. Uma moça que morava lá foi assassinada, e a qualquer momento, do dia ou da noite, um policial ou um assistente do promotor de justiça poderá ir até lá para fazer algumas perguntas aos pais ou a alguns dos inquilinos. Pode ser que haja um homem do lado de fora do prédio vigiando todas as pessoas que entrem ali. Se a polícia souber que a senhora ou eu entramos ou saímos daquele prédio, principalmente se estivermos juntos, adeus. Adeus não apenas ao trabalho para o qual o senhor Eigen contratou Wolfe, mas também para a tarefa para a qual a senhora o contratou. Outra coisa: provavelmente a senhora ainda deve estar sendo seguida.

— Eles não ousariam.

— Receio que ousariam sim. Eles já a seguiram, não seguiram? Vamos

ter de adiar nosso passeio. O apartamento vai ficar para uma outra oportunidade.

— O senhor vai me levar lá ou não?

— Agora não. Hoje não.

— Justamente o que eu pensava. Não existe nenhum apartamento.

— Existe sim. Eu o vi. Várias vezes.

— Não acredito. Seus olhinhos estavam fixos nos meus. — Benedict Eigen o inventou, ou foi Nero Wolfe, ou o senhor. Vocês estão me fazendo de boba. Comecei a desconfiar ontem, e agora tenho absoluta certeza. Saia de minha casa. Vou telefonar para o gabinete do promotor de justiça. Eu estava observando um fato interessante: dois queixos podem parecer tão determinados quanto um. Eu possivelmente não conseguiria fazê-la mudar de ideia, e nem valia a pena tentar. Tentei um truque.

— Olhe bem para mim, senhora Yeager. Eu a estou olhando nos olhos. Eu pareço um mentiroso?

— Parece.

— Muito bem, então vou provar o que estou dizendo. A senhora disse que seu carro está esperando. Com um motorista?

— Certamente.

— Nada feito. Se esta casa estiver sendo vigiada, o policial nem precisaria segui-la para descobrir para onde fomos, a menos que seu motorista seja um herói. Sairemos juntos, não tem importância, e caminharemos até a Segunda Avenida. A senhora esperará na esquina, e quando eu surgir em um táxi a senhora entrará. Vou lhe mostrar se o apartamento existe ou não. Aqueles olhinhos continuaram desconfiados.

— É outro truque?

— Por que perder tempo perguntando, já que sou um mentiroso? Claro, eu a estou sequestrando. Se preferir, podemos considerar que eu a estou raptando. Ela demorou quatro segundos para decidir.

— Muito bem, então vamos, disse ela e começou a andar.

Na calçada, parou para conversar com o motorista que estava ao lado de um Lincoln preto, então foi comigo até a esquina. A partir dali, segui a rotina padrão de precauções, caminhando sozinho uma quadra para tomar um táxi. Voltei para pegá-la na esquina. Pedi ao motorista que desse algumas voltas por aquelas ruas até ter certeza de que não estávamos sendo seguidos. Ele nos deixou na Avenida Madison na altura da Rua 75. Depois de ele desaparecer de vista, chamei outro táxi, pedi ao motorista que nos levasse à Rua 82 com a Amsterdam, e quando chegamos lá, pedi a ele que

rodasse mais uma quadra até a Columbus. Ali, como não vi nenhum sinal de nenhum funcionário público, pedi ao motorista que tomasse a Rua 81 de volta à Amsterdam e parasse na esquina. Paguei a corrida e levei a senhora Yeager a uma lanchonete e, como aquela mulher continuava desconfiada de algum truque, levei-a até o telefone público. Ela permaneceu a meu lado enquanto disquei um número e falei. O que ela ouviu:

— Senhora Perez? Aqui é Archie Goodwin. Estou em uma lanchonete logo na esquina. Espero que ainda sejamos amigos... Ótimo. Algum policial esteve aí?... A senhora não viu? Muito bom.... Não, está tudo bem. O fato de a terem levado à delegacia para que a senhora assinasse um depoimento foi normal. Eles sempre fazem isso. Há alguém aí agora?... OK. Estou indo aí com uma senhora. Chegaremos em dois minutos, e vou levá-la ao elevador. Não nos demoraremos muito tempo. Poderei lhe telefonar esta noite, ou poderei visitá-la.... Não, mas espero poder em pouco tempo.... Absolutamente. Sou seu detetive. Quando desliguei, a senhora Yeager perguntou:

— Quem era ela?

— A mãe da moça que foi assassinada durante a noite. Como a senhora não a matou, não há conflito de interesses. Vamos. Caminhamos pela quadra até a Rua 82, viramos a esquina e fomos até o número 156. Descemos à porta do porão. Não havia ninguém no corredor, e a porta do quarto de Maria estava fechada. No elevador, usei a segunda chave e entramos.

Não sou nem psicólogo nem sociólogo, portanto eu não fazia a mínima ideia de como uma viúva de meia-idade com queixo duplo iria reagir ao entrar no sofisticado apartamento que seu marido costumava usar para suas atividades extraconjugais, mas quaisquer que fossem os padrões normais, certamente a senhora Thomas G. Yeager não iria segui-los. Quando acendi as luzes, ela deu alguns passos, parou, girou lentamente a cabeça para a direita e para a esquerda, e se virou para me olhar de frente.

— Peço-lhe desculpas, senhor Goodwin.

— Aceito. Não pense mais nisso. Deu mais alguns passos, parou para outra olhada, e se virou novamente.

— Onde fica o banheiro? Só acreditei porque a ouvi. Se alguém me contasse, eu duvidaria.

— Fica ali naquela parede. A cozinha fica naquela outra. Aponte-o. —

Aquela placa dourada indica a porta. Ali onde a seda está enrugada é uma cortina. Existem várias gavetas ali atrás. Foi o final de nossa conversa, embora sua inspeção tenha demorado mais de meia hora.

Primeiro ela observou os quadros, não coletivamente, mas um por um, caminhando de um lado para outro, inclinando a cabeça para trás para ver os maiores. Nenhum comentário. Quando abriu a cortina e começou a ver o conteúdo das gavetas, procurei uma cadeira e me sentei. Ela não tirou nada das gavetas e não mexeu nelas. Deteve-se para inspecionar mais detidamente o tapete. Examinou o estofamento das cadeiras e das poltronas. Levantou a cabeça e se contorceu para ver a instalação da luz indireta. Puxou as cobertas da cama para verificar os lençóis e arrumou tudo cuidadosamente outra vez. Ficou na cozinha por uns bons cinco minutos, e permaneceu mais tempo no banheiro. Inspeccionou o banheiro por último e, quando saiu, pegou sua estola que colocara no sofá, e perguntou:

— O senhor acredita que Julia McGee vinha aqui só para tomar ditados?

— Não. Levantei-me. A senhora acredita?

— Claro que não. Por que o senhor acha que a pessoa que matou meu marido também eliminou aquela moça?

— É complicado. Mas não se trata apenas de um palpite.

— Onde está a mãe dela? Quero conversar com ela.

— É melhor não. Pelo menos agora não. Eu já estava caminhando em direção ao elevador, seguido por ela. — A senhora Perez está muito abalada. Deixemos para outro dia. Apertei o botão, a porta do elevador se abriu e entramos.

Só para minha própria satisfação, tentei imaginar exatamente onde estávamos quando a campainha da porta do porão tocou. Devíamos ou estar entrando no elevador ou já descendo. Seja como for, eu não ouvi nada. Assim, saímos do elevador no térreo e seguimos andando pelo corredor. Quando estávamos a meio caminho, a senhora Perez saiu de uma porta à direita à nossa frente, a mesma porta de onde ela e Maria saíram quando seu marido as chamou quando estive ali pela primeira vez, foi até a porta da rua, e abriu-a. Como eu disse, não ouvi a campainha, por isso imaginei que ela estivesse saindo. Mas não estava. A senhora Yeager e eu fomos pegos de surpresa quando o sargento Purley Stebbins falou:

— Desculpe-me incomodá-la outra vez, senhora Perez, mas... Ele nos viu e parou de falar.

A mente do ser humano é capaz de coisas estranhas. A minha, em vez de captar instantaneamente a situação, demorou um décimo de segundo para me dizer que eu tivera sorte por Stebbins não estar dentro do prédio com a senhora Perez no corredor quando saímos do elevador. Isso ajudou bastante. Realmente sou um homem de sorte.

— Você? Surpreendeu-se Stebbins. Atravessou a soleira da porta. E a senhora por aqui?

— Já estávamos de saída, falei. Viemos apenas conversar com a senhora Perez.

— Sobre o quê?

— Sobre a filha dela. Acho que o senhor deve estar sabendo que a senhora Yeager contratou o senhor Wolfe para descobrir quem matou seu marido. Ela contou a Cramer ontem. Ela também tem alguns instintos de detetive. Quando leu no jornal de hoje que uma moça chamada Maria Perez fora assassinada, com um tiro na cabeça, moradora nesta rua, na quadra onde o corpo de Yeager foi encontrado, e soube que o corpo da moça fora levado para algum lugar e jogado em um buraco, exatamente como aconteceu com Yeager, imaginou que deveria haver alguma ligação entre os dois crimes. O senhor Wolfe achou que era possível, e eu também. A senhora Yeager imaginou que talvez Maria Perez pudesse ver o assassino jogando o corpo de Yeager no buraco, ou da calçada ao chegar em casa. Ou talvez até de dentro do prédio de alguma janela. Evidentemente existem dificuldades, mas o senhor Wolfe achou que não custaria nada eu vir aqui conversar com a mãe ou com o pai de Maria, e a senhora Yeager quis vir junto comigo. Foi uma incrível coincidência o senhor ter a mesma ideia justamente quando já estávamos saindo, não foi?

Enquanto falava mecanicamente, percebi que a situação era extremamente delicada. Primeiro, porque minha argumentação estava cheia de furos, e segundo, porque não tive tempo para pensar melhor e não estava agindo com naturalidade. Quando Stebbins me perguntou à queima-roupa “Sobre o quê?” minha resposta natural fora “Sobre o tempo” ou algo similar, e ele sabia. Era contra todos os precedentes eu me alongar em uma explicação detalhada, mas eu precisava, para transmitir informações à senhora Yeager e à senhora Perez. Provavelmente eu já deveria estar

enrascado, mas ainda havia uma chance de que elas pudessem perceber e me ajudassem de alguma forma. Na verdade, a situação não estava tão ruim quanto pensei. Eu sabia tantas coisas sobre aquele prédio e aquele apartamento que não considerei suficientemente o fato de que talvez Stebbins não estivesse sabendo de nada. Imaginei que a Homicídios e o gabinete do promotor de justiça estivessem considerando a três dias que Yeager fora assassinado em algum outro lugar e trazido e jogado naquele buraco porque era conveniente, e que eles não tinham nenhum outro motivo para ligá-lo aquele prédio. E a senhora Yeager caiu do céu como um anjo. Ela não poderia se sair melhor se tivéssemos passado uma hora ensaiando. Estendeu a mão à senhora Perez e disse, no tom exato:

— Obrigada, senhora Perez. Nós duas perdemos uma pessoa muito querida para nós. Preciso ir embora agora, já estou atrasada. Não pretendíamos tomar tanto o seu tempo. A senhora foi muito gentil. Eu lhe telefonarei mais tarde, senhor Goodwin, ou então o senhor me telefona.

A porta ainda estava aberta, e ela saiu. Senti vontade de beijá-la em ambos os queixos. Stebbins me olhava como se estivesse querendo me chutar em ambas as nádegas, mas achei aquilo perfeitamente normal.

— O que você perguntou à senhora Perez e o que foi que ela lhe contou? Perguntou. Ele demonstrava nervosismo na voz, mas aquilo também era normal. Wolfe e eu costumamos deixá-lo nervoso. Wolfe mais do que eu.

Foi uma boa pergunta. Da maneira que eu planejara, a senhora Yeager e eu havíamos ido até ali para perguntar sobre o paradeiro e os movimentos de sua filha na noite de domingo e, presumivelmente, ela nos contara; e eu não tinha ideia de onde Maria pudesse estar na noite de domingo. Uma excelente pergunta. Então resolvi voltar a fingir.

— O que o senhor acha que perguntei a ela? Eu queria saber se seria possível que sua filha visse alguém jogando o corpo de Yeager naquele buraco e depois descendo até o fundo para cobri-lo com a lona. Quanto ao que ela disse, o melhor que o senhor tem a fazer é aproveitar que ela está aqui e lhe perguntar diretamente.

— Estou perguntando a você. Stebbins não é bobo.

— E estou me recusando a responder. Não devo nada à senhora Perez,

mas ela tem o direito de decidir por si mesma o que deseja dizer para os laudos oficiais. A senhora Yeager e eu somos cidadãos comuns. O senhor é um policial. E por sorte a senhora Perez entendeu a mensagem, também. Não chegou a ser uma interpretação tão perfeita quanto a da senhora Yeager, mas foi suficientemente convincente.

— O que eu disse a ele foi apenas a verdade, declarou a Stebbins. — Se minha filha visse alguma coisa estranha no domingo, me contaria. Ela não viu nada.

— Ela ficou em casa a noite toda?

— Sim. Duas de suas amigas vieram aqui, e elas ficaram assistindo televisão.

— A que horas as amigas chegaram?

— Por volta de oito horas.

— E a que horas foram embora?

— Poucos depois de onze horas. Logo depois que terminou um programa que elas gostam de ver todo domingo à noite.

— Sua filha saiu com elas?

— Não.

— Ela saiu de casa em algum momento naquela noite?

— Não.

— A senhora tem certeza? Ela assentiu.

— Claro. Sempre soubemos onde nossa filha estava.

— A senhora não sabia ontem à noite. E em algum momento durante a noite, no domingo, ela podia fora à sala da frente e olhado pela janela. Não podia?

— Por que ela faria uma coisa dessas? Por que ela olharia pela janela?

— Não sei, mas ela poderia. Stebbins se virou para mim. — Muito bem, Goodwin. Vou lhe dar uma carona até o centro da cidade. Você poderá contar sua história ao inspetor.

— Que história? O que devo contar a ele? Esticou o queixo à frente.

— Olhe aqui, na tarde de segunda-feira você começou a solicitar informações sobre um homem que já estava morto, duas horas antes de o corpo for encontrado. Quando o inspetor foi visitar Wolfe encontrou a viúva ali, e ouviu uma desculpa muito esfarrapada. A viúva contratou Wolfe para descobrir quem matou seu marido, o que pode não ser contra a lei, mas é contra a linha de ação do Departamento de Polícia de Nova York. E eu venho aqui para investigar não aquele crime, mas outro, e quem é que encontro neste prédio? Você e a viúva, justamente aqui onde aquela moça morava, conversando com a mãe dela. Escolha: ou você me acompanha até

o centro da cidade, ou se considere preso como testemunha-chave.

— O senhor está me prendendo?

— Não. Eu disse ou.

— É bom quando a gente tem uma opção. Tirei uma moeda do bolso, joguei-a para o ar, para tirar cara ou coroa. Ganhei. Vamos.

Para mim, o importante era afastá-lo da senhora Perez e tirá-lo daquele prédio. Quando subi os três degraus que me levariam à calçada, fiquei pensando no quanto seria diferente se ele chegasse trinta segundos antes, ou se tivéssemos saído do apartamento trinta segundos mais tarde. Entrei na viatura policial e bocejei ruidosamente. Eu dormira menos de três horas e estava precisando, desde a manhã daquele dia, dar um bocejo demorado e saudável, mas estivera muito ocupado.

*

QUINZE

SEIS HORAS MAIS TARDE, à 1h30, eu estava sentado na cozinha comendo pão preto (feito por Fritz), esturjão defumado, queijo e leite, e lendo a edição matutina do Times de sexta-feira, que eu pegara a caminho de casa lá no gabinete do promotor de justiça. Estava exausto. O dia fora bastante ativo, e a noite, uma hora com Cramer e outras quatro com dois assistentes do promotor, fora de arrasar. É tremendamente desgastante responder a mil perguntas feitas por especialistas quando você sabe que:

a) É preciso manter um muro entre dois conjuntos de fatos, os que eles já conhecem e os que você está rezando para que eles jamais venham a conhecer;

b) Você está prestando um depoimento que poderá enrascá-lo com uma acusação que poderá colocá-lo atrás das grades; e

c) Um pequeno escorregão poderá entornar o caldo.

De todas as minhas idas ao gabinete do promotor de justiça e à Delegacia de Homicídios da região Oeste da cidade, essa foi a pior. Tive apenas dois intervalos, quando eles me deram dez minutos para que eu pudesse comer um intragável sanduíche de presunto e um copo de leite tipo F, e quando declarei, por volta de dez horas, que ou eles me deixavam fazer um telefonema ou então podiam me trancafiar em uma cela pelo resto da noite.

Qualquer um que pense que os telefones públicos naquele prédio não estão grampeados tem o direito à sua opinião. Acontece que eu também tenho direito à minha. Portanto, quando liguei para Wolfe e lhe contei onde eu estava, mantivemos nossa conversa em um alto nível. Relatei o encontro com Stebbins e disse que, como sempre, Cramer e o promotor de justiça achavam que eu estava me recusando a lhes passar informações às quais eles tinham o direito de acesso, o que, como ele sabia, era um absurdo. Ele disse que já sabia do meu encontro com Stebbins, que a senhora Yeager lhe telefonara e que ele pedira para que ela fosse ao escritório. Ela foi e eles

conversaram sobre o assunto. Perguntou se eu achava aconselhável Fritz manter a panela de rins no fogo, e respondi que não, que eu estava fazendo dieta. Finalmente fui libertado à 1h45, e quando cheguei em casa estava tudo escuro e não havia nenhum bilhete sobre minha mesa.

Depois de me alimentar com uma quantidade satisfatória de pão, esturjão e queijo, fiquei sabendo, pela leitura do Times, que o promotor de justiça esperava ter condições de em breve dar uma entrevista coletiva à imprensa relatando os progressos na investigação do assassinato de Yeager. Arrastei-me pela escada até meu quarto. Prometera a meu dentista, muitos anos atrás, que escovaria meus dentes todas as noites, mas naquela noite não tive condições de cumprir a promessa. Como eu me desincumbira de minhas tarefas e não havia nenhum bilhete sobre minha mesa, e como eu estava com o sono atrasado, nem liguei o rádio despertador.

No dia seguinte, quando consegui abrir os olhos o suficiente para enxergar as horas, já eram 9h38. Wolfe já terminara o café da manhã e estava no viveiro de plantas cuidando das orquídeas. Achei que mais dez minutos não iriam prejudicar, mas não consigo ficar muito tempo na cama pela manhã. Empregando toda minha força de vontade, levantei para mais um dia de trabalho. Às 10h17 entrei na cozinha, cumprimentei Fritz e peguei meu suco de laranja. Às 10h56 terminei minha segunda xícara de café, agradei a omelete de bacon e damasco preparada por Fritz, fui ao escritório e comecei a abrir a correspondência. Ouvi o ruído do elevador e Wolfe entrou, disse bom dia, foi à sua mesa e perguntou se eu tinha alguma informação de Hewitt sobre a Lycaste Delicadíssima. Como seria de se esperar. Considerando-se que ele sabia que os tiras não me atiraram em uma cela imunda como testemunha-chave, que eu estava ali, e que não tinha nada urgente a relatar, pois caso contrário não esperaria até às onze horas, ele poderia pelo menos ter a gentileza de perguntar por quanto tempo eles me detiveram lá. Abrindo envelopes, respondi que não recebera nenhuma notícia de Hewitt.

— Por quanto tempo eles o seguraram lá? Perguntou.

— Apenas mais três horas depois do telefonema que lhe dei. Cheguei aqui pouco depois da uma.

— Deve ter sido bastante difícil.

— Passei por maus momentos, mas me recusei a assinar um depoimento.

— Agiu bem. Bom. A senhora Yeager me contou como foi sua explicação improvisada ao senhor Stebbins. Ela ficou impressionada. Bom. Wolfe falar duas vezes “bom” em uma única frase era um recorde.

— Ah, respondi, — Usei apenas meu famoso bom senso e minha sagacidade. Como sempre. Eu tinha apenas duas opções: inventar uma história convincente ou matá-lo. Entreguei-lhe a correspondência do dia. Alguma coisa para hoje?

— Não. Nossas atividades estão provisoriamente suspensas.

— Apertou a campainha duas vezes, um toque longo e um curto, o que significava que ele queria cerveja, e começou a ler as cartas. Em poucos momentos, Fritz entrou com uma garrafa e um copo. Permaneci sentado, bocejei e peguei meu bloco de anotações. Sabia que ele ia querer ditar algumas cartas. O telefone tocou. Era Lon Cohen querendo saber se eu passara a noite no gabinete do promotor de justiça e como eu conseguira fiança para sair de lá no meio da noite. Respondi que não permitiram fiança no meu caso, e que eu pulara por uma janela aberta e agora era um fugitivo. Quando desliguei, Wolfe já estava pronto para ditar, mas assim que peguei meu bloco de anotações e me virei, o telefone tocou outra vez. Era Saul Panzer. Queria falar com Wolfe. Permaneci na linha ouvindo a conversa dos dois, com a aprovação de Wolfe.

— Bom dia, Saul.

— Bom dia, senhor. Consegui.

— Mesmo?

— Sim, senhor. Um lugarzinho na Rua 77 perto da Primeira Avenida. Número 362 da Rua 77 Leste. O nome dele é Arthur Wenger. Saul soletrou.

— Ele o reconheceu pela fotografia e tem absoluta certeza. Só não está certo quanto ao dia, mas foi na semana passada, na terça ou na quarta-feira, pela manhã. Estou em um telefone público na esquina.

— Bom. Quero que ele venha aqui o mais rápido possível.

— Ele não quer ir. Está sozinho no lugar. Com dez dólares ele provavelmente aceitaria ir, mas o senhor sabe como são essas coisas. Os tiras certamente perguntariam se ele recebeu algum dinheiro.

— Ninguém perguntará nada a ele, ou, se perguntarem, eu encontrarei alguma justificativa. Dez dólares, vinte, cinquenta, pouco importa. Quando você poderá chegar aqui com ele?

— Dentro de meia hora.

— Está bom. Estarei esperando. Desligamos. Wolfe consultou o relógio e ordenou:

— Ligue para o senhor Eigen.

Telefonei para a Continental Plastic Products. O senhor Eigen estava em uma reunião e não podia ser incomodado. Obtive essa resposta não só de uma mulher que se mostrou educada, mas também de um homem que provavelmente achava que ele também não deveria ser incomodado. O melhor que consegui foi a certeza de que dentro de quinze minutos o senhor Eigen receberia o recado, e ditei a seguinte mensagem: “Ligar urgente para Nero Wolfe”. Em nove minutos, o telefone tocou e a mulher educada me pediu para transferir a ligação para o senhor Wolfe. Não gosto disso, mesmo quando se trata do presidente de uma corporação, por isso pedi a ela que transferisse a ligação para o senhor Eigen, e ela não discutiu. Em um minuto, ele atendeu e fez um sinal a Wolfe.

— Senhor Eigen? Nero Wolfe. Tenho um relatório a lhe fazer que é muito importante. Não posso falar pelo telefone. O senhor poderá estar aqui com a senhorita McGee ao meio-dia e quinze?

— Não seria conveniente. Pode ser depois do almoço?

— Receio que não. Às vezes a conveniência deve se curvar à necessidade. Uma demora poderia ser perigosa.

— Droga. Eu... Pausa. — O senhor disse com a senhorita McGee?

— Sim. A presença dela é necessária.

— Não sei. Pausa. — Está bem. Iremos até aí. Wolfe desligou. Limpou a garganta.

— Seu bloco de anotações, Archie. Não é uma carta, mas a minuta de um documento. Não é para enviar pelo correio.

*

DEZESSEIS

NA PAREDE DO ESCRITÓRIO, à direita de quem entra, há uma foto de uma cachoeira, não muito grande, de 36 x 43 cm. O centro da foto fica uns dois centímetros abaixo da altura de meus olhos, mas eu tenho menos de um metro e oitenta. A foto foi feita sob encomenda. Na parede do quarto no fim do corredor há um painel de madeira preso com dobradiças. Basta abri-lo e se está na parte posterior da foto, dali é possível ver o que se passa no escritório sem que ninguém perceba. Exatamente às 12h20, os olhos que estavam atrás da foto pertenciam ao senhor Arthur Wenger, morador do nº 362 da Rua 77, um cara magricela com seus cinquenta e poucos anos, com orelhas grandes e o cabelo escasso, que fora enviado por Saul Panzer e chegara pouco antes da meia hora prevista. No escritório, o objeto mais próximo daquele ponto de observação era a cadeira de couro vermelho, ocupada naquele momento pelo senhor Benedict Eigen. Eu não estava no quarto com Wenger; Saul o acompanhava. Wolfe e eu estávamos sentados às nossas mesas no escritório. Julia McGee se sentara em uma cadeira amarela voltada para a mesa de Wolfe, que falava com os dois:

— ... Mas antes de informá-los de minha conclusão, devo lhes dizer como foi que cheguei a ela. Quando o senhor me perguntou na noite de terça-feira quem é que decidiria se eu observara fielmente a cláusula de nosso contrato, respondi que isso seria resolvido com bom senso e boa fé, aplicados conjuntamente. O senhor poderá julgar adequadamente apenas se souber como foi que procedi. Para dizer a verdade, não estou absolutamente certo. Sei apenas que nas atuais circunstâncias... Sim, Saul? Saul estava na porta.

— Combina perfeitamente, senhor Wolfe.

— Muito bem. Verei mais tarde. Wolfe se virou para Eigen. — Nas atuais circunstâncias, não havia outra alternativa para mim. Como lhes disse, a única forma de interromper as investigações policiais sobre o crime era chegar a uma solução aceitável, sem envolvermos aquele apartamento. Confesso que jamais aceitei uma incumbência com tão poucas chances de

sucesso. Na verdade, sabendo como eu sabia que Yeager fora assassinado naquele apartamento, ela me pareceu completamente improvável.

— O senhor só ficou sabendo depois que armou aquela armadilha para a senhorita McGee ontem, acusou Eigen secamente.

— Não. Eu soube muito antes, na terça-feira ao meio-dia, quando o senhor Goodwin me relatou sua conversa com o senhor e a senhora Perez, o zelador daquele prédio e sua mulher. Quando o senhor Perez subira com comida e bebida, à meia-noite de domingo, encontrou o corpo ali, e eles o carregaram e o colocaram naquele buraco.

— Eles admitiram?

— Tiveram de admitir. A alternativa que o senhor Goodwin lhes ofereceu era pior.

— Então eles o mataram. Isso é óbvio. Eles mataram Yeager. Wolfe balançou a cabeça.

— Essa era uma hipótese aceitável até a manhã de ontem, mas eles não matariam a própria filha, e é nesse ponto que se inicia meu relatório a vocês. Essa conjectura foi então descartada a favor de outra, a de que a moça foi eliminada pela mesma pessoa que matou Yeager, descartada por mim, não pelo senhor Goodwin, que não a aceitava. Chamado a ir àquele endereço na noite de quarta-feira pela senhora Perez, ele revistou o quarto da moça e encontrou provas que dão apoio à segunda hipótese. Archie?

Tirei a coleção de Maria do cofre e coloquei sobre a mesa dele. Ele começou a apontar cada um daqueles itens.

— Este é o registro cuidadosamente escondido de uma aventura secreta que no fim lhe custou a vida. Tudo isto diz respeito a Thomas G. Yeager. Não há dúvida de que foi iniciada, como tantas outras aventuras, pela simples curiosidade, aguçada pela existência do elevador e do apartamento que ela não tinha permissão de ver. A moça descobriu que, apagando a luz de seu quarto e entreabrindo a porta, ela podia ver as pessoas que passavam pelo corredor em direção ao elevador. Não sei quando foi a primeira vez que ela fez isso, mas sei que, depois que começou, repetiu o ato com bastante frequência. Pegou as páginas rasgadas. — Estas páginas são da sessão de finanças do Times, com as cotações das ações da Continental Plastic Products marcadas a lápis. Colocou-as de lado. Estes são anúncios da Continental Plastic Products. Juntou-os às páginas rasgadas. Rótulos de garrafas de champanhe. Segundo o senhor Goodwin, a senhorita Perez não tomou essa bebida, e concordo com ele. Estes itens não

são essenciais, apenas secundários. Assim como estes: reproduções fotográficas publicadas em jornais, duas do senhor Yeager, uma de seu filho, e uma de sua mulher. Estou mencionando todas essas coisas apenas para lhes mostrar o quanto a senhorita Perez era meticulosa.

Colocou tudo junto com as outras coisas secundárias e pegou as fotos de Meg Duncan e as notas.

— Estes dois itens são mais importantes: nove notas de cinco dólares, e três fotos de uma mulher que é uma figura pública, uma de um jornal e duas de revistas. Já conversei com ela, e o senhor Goodwin também a entrevistou demoradamente na tarde de ontem. O dinheiro lhe foi extorquido pela senhorita Perez, que a vira naquele prédio e para ficar de boca fechada exigia o que ela chamou de dinheiro. A mulher enviou a Maria Perez cinco dólares por mês durante nove meses, pelo correio. Não há necessidade de a identificarmos.

Ele abriu uma gaveta, colocou as fotos e as notas ali dentro, e fechou-a.

— Mas estes itens levantam uma questão. Vamos dar à mulher o nome de senhorita X. O senhor Yeager chegou naquele prédio na noite de domingo por volta de sete horas da noite. A senhora McGee chegou às nove e quinze e encontrou-o morto. A hipótese era a de que a senhorita Perez vira alguém chegar naquele meio tempo, reconheceu o homem ou a mulher, concluíra que ele ou ela matara Yeager, decidira partir para uma aventura mais ambiciosa no ramo da extorsão, e acabou sendo assassinada. Então, se considerarmos que ela reconheceu a senhorita X, por que não concluir que a senhorita X era a culpada? Uma conclusão razoável; mas já podemos determinar, sem sombra de dúvida, que a senhorita X estava em um local público na noite de quarta-feira até onze horas da noite, e a senhorita Perez saiu do cinema, para um encontro com sua suposta vítima, antes das nove horas. Eigen agitou a mão com impaciência.

— O senhor disse que era urgente. Qual é a urgência em provar que uma certa senhorita X é inocente?

— O senhor verá a urgência. Esta explicação preliminar é necessária. Existe um outro motivo para excluirmos não só a senhorita X como também outras pessoas: quem quer que estivesse lá na noite de domingo, entre sete e nove da noite, com um revólver e com a intenção de usá-lo, deveria saber

que não encontraria nenhuma outra pessoa ali. O que é verdade com relação à senhorita X, também se aplica a todas as outras mulheres que tinham chaves daquele lugar. Primeiro, ela não poderia vir por convite, pois a senhorita McGee fora convidada, e Yeager recebia apenas uma convidada de cada vez; segundo, ela não poderia imaginar que iria encontrá-lo sozinho em plena noite de domingo, ou melhor, ela somente esperaria encontrá-lo sozinho se soubesse que a senhorita McGee chegaria às nove horas. Wolfe virou a cabeça. Senhorita McGee. A senhorita contou a alguém que pretendia chegar lá às nove horas?

— Não. A voz saiu como um grito agudo e ela tentou outra vez. — Não, não contei a ninguém.

— Então as outras estão excluídas, assim como a senhorita X. Vejamos agora sua situação, madame. O que nos leva ao próximo item na coleção da senhorita Perez. São esboços feitos a crayon, que ela fazia das mulheres que via naquele corredor. Pegou os desenhos. A moça até que tinha talento. São trinta e um esboços, e todos estão datados. O senhor Goodwin e eu já os estudamos meticulosamente. Três mulheres foram desenhadas quatro vezes; cinco mulheres, três vezes; uma mulher, duas vezes; e outras duas mulheres, uma vez cada. A mulher de quem foram feitos dois desenhos é a senhorita, e um deles tem a data de 8 de maio. Foi este desenho que me deu a ideia de aplicar aquele truque, que me levou a determinar que a senhorita esteve lá na noite de domingo. Quer dar uma olhada?

— Não. Dessa vez a voz saiu alta demais. Wolfe guardou os desenhos na gaveta e olhou para Julia McGee.

— O fato de encontrarmos estes dois desenhos fez com que duvidássemos que a senhorita assassinasse Maria Perez, por ser ameaçada por ela. Acontece que não existem esboços de pessoas cujos nomes ela conhecia. Não temos aqui nenhum do senhor Yeager ou da senhorita X. Os desenhos são simplesmente exercícios de memória. É bastante provável que ela tenha feito um ou mais da senhorita X, mas quando a identificou pelas fotos publicadas, jogou fora os esboços. Se ela identificasse a senhorita, se soubesse seu nome, reservaria, não os desenhos, mas as informações para sua identificação, como fez com a senhorita X. Certamente ela não faria um segundo desenho da senhorita, quando a viu no corredor na noite de domingo. Eigen sorriu.

— O senhor não precisa nos convencer que a senhorita McGee não matou a moça. Ou Yeager. Wolfe se virou para ele.

— Estou descrevendo o progresso de minhas investigações para chegar à minha conclusão. É evidente que a senhorita Perez conseguira

reunir, e guardar em um esconderijo secreto, um registro completo de suas descobertas relativas ao senhor Yeager e às pessoas que visitavam aquele apartamento. Certamente que ela sabia o nome da pessoa que viu no corredor entre sete e nove horas da noite de domingo, pois conseguiu entrar em contato com ela, fazer com que a pessoa soubesse que ela sabia, ameaçá-la. Portanto, podemos partir do princípio de que esta coleção continha um item ou itens em que estava baseada sua identificação daquela pessoa.

Apontou para os itens secundários.

— Dois desses itens estão ali: as fotos da mulher e do filho do senhor Yeager, com seus nomes. Eu as rejeitei porque não se enquadram nas especificações. A pessoa que foi àquele apartamento na noite de domingo com um revólver e matou Yeager devia ter as chaves e saber como usá-las, e deve saber que a senhorita McGee pretendia chegar às nove horas, pois de outra forma não poderia esperar encontrar Yeager sozinho. Seria concebível que a senhora Yeager ou o filho se encaixassem nessas exigências, mas seria altamente improvável.

Pegou o último item.

— Adotando esta linha de raciocínio, pelo menos provisoriamente, cheguei a este item. Esta é uma foto, reproduzida em uma revista, de uma reunião no salão nobre do Churchill Hotel, por ocasião de um banquete da National Plastic Association. O senhor Yeager está no pódio falando ao microfone. A legenda indica os nomes dos homens no palco com ele, inclusive o senhor. Sem dúvida o senhor reconhece esta fotografia, não é?

— Sim. Eu a tenho emoldurada na parede de meu escritório.

— Bem. Wolfe colocou-a sobre a mesa. Perguntei a mim mesmo: e se a senhorita Perez visse o senhor no corredor seguindo para o elevador na noite de domingo entre sete e nove horas? E se, tendo esta foto em sua coleção, ela o reconhecesse? E se, posteriormente, ao tomar conhecimento do assassinato de Yeager naquele apartamento, pois ela deve ter visto o pai e a mãe transportando o corpo, ela adivinhasse que o senhor o eliminara, decidisse fazê-lo pagar por seu silêncio, entrasse em contato com o senhor, marcasse um horário para um encontro, e fosse ao local? O senhor deve concordar que são hipóteses perfeitamente válidas.

— Válidas? Sim. Eigen se mostrava arrogante. — O senhor não

precisa de minha permissão para levantar hipóteses estapafúrdias. Wolfe assentiu.

— É claro que o ponto é justamente esse. Seriam realmente estapafúrdias? Para responder esta pergunta, precisei formular outras perguntas. Urna: será que o senhor tinha as chaves? Outra: será que o senhor sabia que Yeager estaria ali sozinho? Uma terceira: o senhor tinha um motivo? Wolfe levantou o dedo indicador. — Resposta à pergunta número um. O senhor poderia apanhar emprestado as chaves da senhorita McGee, mas, nesse caso, teria que devolvê-las antes das nove horas, para que ela pudesse entrar. Reconheço que é uma hipótese estapafúrdia, para usar sua expressão, imaginar que o senhor devolvesse as chaves emprestadas para que ela pudesse entrar no apartamento, descobrir o corpo de Yeager, e inevitavelmente concluir que o senhor o assassinara. Hipótese eliminada.

— O senhor espera que eu fique sentado aqui ouvindo toda essa bobagem?

— Espero. Chegamos ao xis da questão e o senhor sabe muito bem. Levantou o dedo médio, juntando-o ao indicador. Resposta à pergunta número dois. Sim. O senhor poderia saber que Yeager estaria ali sozinho. A senhorita McGee afirmou que não contou a ninguém que tinha um compromisso com ele às nove horas, mas isso já era de se esperar, se ela contasse ao senhor. Outro dedo. Resposta à pergunta número três. Quando fiz essa pergunta, se o senhor tinha um motivo, eu não sabia nada sobre ele, mas agora já sei. Ontem fiz algumas pesquisas pelo telefone, posso assegurar ao senhor que todas foram muito discretas, e a noite a senhora Yeager ocupou durante uma hora a cadeira onde o senhor está sentado e me deu vários detalhes. Durante cinco anos, desde que se tornou vice-presidente executivo, Yeager sempre constituiu uma ameaça à sua liderança na corporação, e no ano passado a ameaça passou a ser agourenta e iminente. Na melhor das hipóteses, o senhor seria nomeado presidente do conselho, seria retirado do controle ativo, e até mesmo essa hipótese era incerta. Considerando-se que o senhor dominara os negócios da corporação durante mais de dez anos, essa perspectiva era intolerável. O senhor dificilmente poderá negar minhas palavras, pois a situação é conhecida por muita gente.

Wolfe recolheu os dedos e sua mão pousou sobre a mesa.

— Mas o que mais me preocupou quando o senhor e a senhorita

McGee saíram desta sala vinte e quatro horas atrás não foi seu motivo; um motivo, por mais profundamente que esteja escondido, pode ser exposto. O problema eram as chaves, e havia uma possibilidade óbvia de que o senhor apanhasse emprestadas as chaves da senhorita McGee, não no domingo passado, mas em alguma data anterior, tivesse feito duplicatas, e as devolvesse a ela. Seria inútil testar esta possibilidade se se tratassem de chaves normais, mas as chaves Rawson são peculiares e não existem em grande quantidade. Decidi tentar. Chamei três homens que costumam me ajudar ocasionalmente e dei a eles esta foto e as chaves que peguei da senhorita McGee ontem. Eles fizeram cópias da foto e duplicatas das chaves, e devolveram estas a mim. Eles deveriam começar com os chaveiros mais próximos de sua casa e do escritório. Pouco mais de uma hora atrás, alguns minutos antes de meu telefonema ao senhor, um deles, o senhor Saul Panzer, transformou a possibilidade em um fato. Este, naturalmente, é o ponto crucial de meu relatório. Apertou um botão em sua mesa.

Seus olhos se voltaram para a porta, e Saul surgiu com Arthur Wenger. Os dois se aproximaram da mesa de Wolfe e se viraram para olhar para Eigen. Wolfe disse ao presidente:

— Este é o senhor Arthur Wenger. O senhor o reconhece? Eigen estava olhando fixamente para Wenger. Olhou para Wolfe.

— Não. Nunca o vi.

— Senhor Wenger, este é o senhor Benedict Eigen. O senhor o reconhece? O chaveiro assentiu.

— Eu o reconheço da foto. É ele, sem dúvida.

— Onde e quando o senhor o viu antes?

— Ele foi à minha oficina um dia na semana passada com duas chaves Rawson para que eu fizesse duplicatas. Ele ficou esperando enquanto eu as fazia. Acho que foi na quarta-feira, mas pode ser na terça. Ele está mentindo quando diz que nunca me viu antes.

— O senhor tem certeza?

— Claro que tenho. As pessoas são como as chaves; são muito parecidas, mas são todas diferentes. Não conheço rostos tão bem quanto conheço chaves, mas conheço suficientemente as pessoas. Costumo olhar para as chaves e também para os rostos das pessoas.

— É um hábito excelente. Por enquanto é só, senhor, mas eu gostaria que o senhor ficasse aqui mais uma hora.

- Eu disse que podia.
— Eu sei. Obrigado.

Saul colocou a mão no braço de Wenger, e os dois saíram da sala. No corredor viraram à esquerda, em direção à cozinha. Logo depois do telefonema de Saul, Fritz começara a preparar uma torta de galinha com recheio de carne e trufas para o almoço, dali a pouco estaria pronta. Wolfe se reclinou na cadeira, apoiou as mãos no apoio para os braços, e falou:

— Senhorita McGee, como podemos ver, o senhor Eigen está perdido. A senhorita transferiu sua lealdade do senhor Yeager para ele; agora está na hora de transferi-la dele para si mesma. A senhorita está enrascada. Se ele for levado a julgamento, a senhorita será chamada a testemunhar. Se prestar seu depoimento sob juramento e afirmar que não emprestou suas chaves a ele e que não lhe contou que chegaria naquele prédio às nove horas da noite de domingo, estará cometendo o crime de perjúrio, que poderá ser facilmente comprovado. Além disso, o que é pior: a senhorita poderá ser acusada como cúmplice do assassinato. A senhorita lhe emprestou as chaves, ele fez duplicatas e as usou para entrar em um prédio e matar um homem. A senhorita facilitou a entrada dele naquele apartamento, sem precisar arrombá-lo, com a certeza de que Yeager estaria sozinho, tendo marcado um encontro para as nove horas...

— Eu não marquei nada! A voz saiu muito alta outra vez. — Nove horas era o horário normal! E só contei ao senhor Eigen porque eu...

— Cale a boca! Eigen estava em pé, ameaçando-a. — Ele já a enganou uma vez e está tentando de novo. Vamos embora. Vou sair daqui neste instante, e você vai comigo! Fiquei em pé. Se ela levantasse da cadeira, eu me colocaria entre eles e a porta, mas ela permaneceu sentada. Inclinou a cabeça para trás para olhar para o rosto dele, e nunca vi um semblante tão duro em toda minha vida.

— Você é um idiota, disse ela. Nunca ouvi uma voz tão agressiva. — Um idiota desastrado. Eu já desconfiava que você o assassinou, mas não queria acreditar. Se você tivesse miolos dentro dessa cabeça... Não fique aí me olhando desse jeito! Ele estava diante dela, e virou a cadeira para olhar para Wolfe. — Sim, ele tomou emprestadas minhas chaves. Ele disse que queria ver o apartamento. Ficou com as chaves durante dois dias. E eu disse a ele que ia lá na noite de domingo às nove horas. Prometera mantê-lo informado. Informado! Eu fui uma idiota também. A voz dela continuava cada vez mais agressiva. — Meu Deus, como fui idiota! Wolfe balançou a

cabeça.

— Idiota não é um termo que se aplique ao seu caso, senhorita McGee. Digamos que você foi usada, que foi uma inocente útil. Não a estou julgando, mas apenas classificando-a. Virou-se para Eigen. — Já vimos o que foi feito; vamos ver agora o que faremos.

Eigen voltara à cadeira de couro vermelho. Com as duas mãos e os punhos apoiados nas coxas, os lábios cerrados, ele tentava parecer calmo, mas sabia que estava perdido. Sabendo o que ia acontecer depois que Wolfe lesse a minuta de um documento, tirei a Marley da gaveta, carreguei-a e enfiei-a em meu bolso. Mas agora já sabia que não iria usá-la. Sentei-me. Wolfe se dirigiu a ele.

— Estou com um dilema. A atitude mais simples e mais segura seria telefonar para o senhor Cramer, da polícia, e lhe pedir que viesse aqui prendê-lo. No entanto, segundo os termos do contrato que o senhor assinou em nome de sua corporação, sou obrigado a me esforçar ao máximo para proteger a reputação e os interesses da Continental Plastic Products, a menos que seja obrigado a agir contrariamente por causa da minha obrigação legal como cidadão e detetive particular licenciado. São as palavras que constam de nossa cláusula contratual. Naturalmente, não é possível ocultar o fato de que o presidente da corporação assassinou seu vice-presidente executivo. Isso é indiscutível. O senhor está perdido. Com as provas que já tenho em mãos, e com as outras que a polícia irá encontrar, o senhor se encontra em uma posição indefensável.

Abriu a gaveta e tirou de lá uma folha de papel.

— Mas ainda é possível evitarmos a revelação da existência daquele apartamento e a ligação de Yeager com ele, e essa foi sua principal preocupação quando veio aqui na noite de terça-feira. Duvido que o senhor ainda esteja muito interessado em preservar a dignidade de sua empresa, mas eu estou. Quero me ater às cláusulas de nosso contrato até onde for possível, e, com isso em mente, preparei a minuta de um documento para que o senhor assine. Vou lê-la para o senhor. Levantou o papel e leu:

Eu, Benedict Eigen, redigi e assino esta declaração porque Nero Wolfe deixou perfeitamente claro para mim que não há esperança de impedir a revelação de meu delito. Porém este documento foi feito por minha livre e espontânea vontade, sem sofrer nenhuma coação por

parte de Nero Wolfe, levado apenas pelas circunstâncias. Na noite de 8 de maio de 1960, matei Thomas G Yeager com um tiro na cabeça. Transporte o seu corpo para a Rua 82 Oeste, em Manhattan, e coloquei-o em um buraco naquela rua. Havia uma lona ali dentro e, para adiar a descoberta do corpo, cobri-o com ela. Matei Thomas G. Yeager porque ele ameaçava me substituir em meu cargo de presidente da Continental Plastic Products, me privando do controle efetivo dos negócios da corporação. Como fui responsável pelo desenvolvimento e pelo progresso da empresa durante os últimos dez anos, essa perspectiva se tornou intolerável. Acho que Yeager mereceu seu destino, e não tenho remorsos nem me arrependo do que fiz.

Wolfe se reclinou na cadeira.

— Não incluí alguma menção a Maria Perez porque não é essencial, e exigiria uma explicação mais pormenorizada. Além disso, não há perigo de uma pessoa inocente vir a ser presa e acusada da sua morte. Com o tempo a polícia arquivará o caso, juntamente com outros crimes não solucionados. O senhor, naturalmente, poderá sugerir mudanças, por exemplo, se o senhor realmente tiver remorsos ou estiver arrependido e quiser fazer essa declaração, não tenho nenhuma objeção. Levantou o papel. — É claro que este documento, datilografado em minha máquina, não servirá. De qualquer forma, o documento que o senhor assinará deverá ser igual a este para que não haja dúvida quanto à sua autenticidade. Portanto, sugiro que o senhor o redija com sua própria caligrafia em uma outra folha de papel, com a data e sua assinatura. Aqui e agora. Enderece também um envelope, preenchido à mão; para mim, aqui neste endereço, e coloque um selo postal. O senhor Panzer irá a uma caixa dos correios perto de sua casa e colocará a carta ali. Quando ele me telefonar informando que o envelope foi colocado na caixa, o senhor estará livre para ir onde quiser. Virou a cabeça. — Há alguma possibilidade de que a carta chegue aqui ainda hoje, Archie?

— Não, senhor. Amanhã pela manhã. Ele se voltou para Eigen.

— Evidentemente, entrarei em contato com a polícia sem demora, digamos por volta das dez horas. Inclinou a cabeça. — A vantagem que tenho com este procedimento é óbvia; poderei receber meus honorários da corporação; mas sua vantagem não é menos evidente. Certamente o senhor estará em melhor situação do que a única outra alternativa: prisão imediata e confinamento, acusação formal de ser o autor de um crime, na verdade, de dois crimes, revelação da existência daquele apartamento e dos esforços do senhor e dos diretores de sua corporação no sentido de evitar a descoberta do imóvel, a provação do julgamento, a provável condenação. Mesmo que o senhor não seja condenado, os próximos anos, em sua idade, não serão nada

atraentes. Estou apenas...

— Cale-se! Gritou Eigen. Wolfe ficou em silêncio. Levantei as sobancelhas para Eigen. Teria ele, sob tamanha pressão, a coragem de achar que poderia escapar?

A resposta estava em seu rosto. O grito não fora resultado de coragem, mas de seus nervos, nervos que já não podiam aguentar mais. Devo acrescentar que ele não vacilou nem tentou rastejar. Nem ao menos tentou conseguir mais um dia ou mesmo mais uma hora. Não falou; se limitou a me estender a mão, palma para cima. Peguei o documento e entreguei-o a ele. Em seguida, peguei uma folha de papel sem pauta e um envelope em branco e dei a ele. Eigen tinha uma caneta, que tirou do bolso. Sua mão estava firme quando colocou o papel na estante, à altura do cotovelo, mas tremeu um pouco quando aproximou a caneta do papel. Permaneceu sentado e rijo por dez segundos, então tentou outra vez, e a mão obedeceu às suas ordens. Wolfe olhou para Julia McGee e lhe disse, com uma voz tão fria quanto a dela:

— A senhorita não é mais necessária. Pode ir embora. Ela começou a falar, mas ele a interrompeu: — Não. Meus olhos estão acostumados à feiura, mas a senhorita os ofende. Levante-se. Vá embora!

Ela se levantou e saiu da sala. Eigen, curvado sobre o papel, escrevia lentamente, mordendo os lábios, e provavelmente não ouviu o que Wolfe falou e nem percebeu que ela foi embora. No lugar dele eu não notaria nada à minha volta.

*

DEZESSETE

ÀS 9H04 DA MANHÃ de sábado, liguei para o viveiro de plantas e, quando Wolfe atendeu, disse a ele:

- Chegou. Já abri. Devo telefonar para Cramer?
- Não. Alguma novidade?
- Não.

Às 9h52 da manhã de sábado, liguei novamente para o interfone do viveiro de plantas e comuniquei a Wolfe:

— Lon Cohen acabou de telefonar. Há cerca de uma hora, uma criada na casa de Benedict Eigen encontrou seu corpo sem vida no chão de seu quarto. Um tiro no céu da boca. O revólver estava ali ao lado do cadáver. Por enquanto não tenho maiores detalhes. Devo telefonar para Cramer?

- Sim. Às onze horas.
- Certamente. Se eu puder telefonar a Lon ele ficará satisfeito. Você se importa que eu o faça.
- Não. Dê-lhe a substância, não o texto integral.
- Certo.

Às 11h08 da manhã de sábado, o inspetor Cramer, sentado na cadeira de couro vermelho, terminou de ler o papel em sua mão e acusou Wolfe:

- Você escreveu isto. Wolfe, sentado à sua mesa, balançou a cabeça:
- Não é a minha caligrafia.
- Droga! Você sabe muito bem. Esta palavra “delito”. Outras palavras. É o seu estilo. Você fez tudo deliberadamente. Fez de propósito para que soubessem que foi você quem redigiu este documento de confissão. Para rir de mim, para mostrar sua pretensa superioridade. Eu sei que os testes grafológicos confirmarão que a caligrafia é dele. Eu não me surpreenderia se descobrisse que ele escreveu bem aqui, sentado nesta

cadeira.

— Senhor Cramer, se eu aceitasse sua inferência, desafiaria sua interpretação. Eu sugeriria que redigi com meu estilo próprio em consideração à sua sensibilidade e por respeito a seus talentos; que eu queria deixar bem claro que sabia que o senhor não seria enganado.

— É. Esta você ganhou. Olhou para o papel. — Aqui diz “Nero Wolfe deixou perfeitamente claro para mim que não há esperança de impedir a revelação”. Então você tinha provas. Você deve ter provas irrefutáveis. Quais? Wolfe assentiu.

— Era impossível evitar esta pergunta. Se o senhor Eigen ainda estivesse vivo, eu, naturalmente, responderia. O senhor precisaria das provas e eu precisaria entregá-las. Mas ele está morto. Não sou advogado, mas me consultei com um. Não sou obrigado a revelar provas que não sejam necessárias e que não poderão vir a ser usadas no interesse público.

— É do interesse público saber onde e quando o crime foi cometido.

— Não, senhor. Isso é do interesse da polícia, não do interesse público. É uma questão interessante. Se o senhor quiser testá-la, precisará me acusar, solicitar uma ordem de prisão contra mim, persuadir o promotor de justiça a me processar, e deixar que um juiz e um corpo de jurados decidam. Com o senhor Eigen morto e com sua confissão nas mãos, duvido que o senhor consiga um veredicto favorável.

— Eu também. Cramer dobrou o papel e colocou-o no envelope, e guardou-o no bolso. Levantou-se. — Veremos. Virou-se e saiu do escritório.

Às 15h47 da tarde de sábado, três homens e uma mulher estavam no escritório com Wolfe e comigo. Os homens, nas cadeiras amarelas, eram membros do conselho de diretores da Continental Plastic Products. A mulher, na cadeira de couro vermelho, era a senhora Thomas G. Yeager. Todos tinham nas mãos folhas de papel, cópias que eu datilografara do documento que havíamos recebido pelo correio naquela manhã. Wolfe estava falando:

— Não. Recuso-me terminantemente. Segundo os termos de meu contrato, não ficou nem especificado nem subentendido que eu deveria relatar pormenores de meu trabalho. De nada adiantaria lhes mostrar as provas que apresentei ao senhor Eigen, ou lhes contar como eu as obtive. Quanto ao resultado, ele foi determinado pela situação, não por mim; eu apenas conciliei o estilo do desfecho. Se tudo fosse deixado para a polícia, eles certamente descobririam aquele apartamento, era uma questão de

tempo. Uma vez conhecido o apartamento, eles ficariam sabendo de tudo; e o senhor Eigen, seu presidente, seria, em vez do objeto de um breve sensacionalismo, o centro de um prolongado tumulto. Quanto a meus honorários, os senhores questionam minha avaliação de meus serviços em cinquenta mil dólares?

— Não, disse um dos diretores.

— De jeito nenhum, declarou um outro.

— Jamais questionamos esse ponto, murmurou o terceiro.

— Eu também lhe devo um pagamento, disse a senhora Yeager. Wolfe balançou negativamente a cabeça.

— A senhora já me pagou um dólar; vou guardá-lo. Eu lhe disse que não esperava receber pagamentos de dois clientes diferentes pelos mesmos serviços. Consultou seu relógio; tinha um compromisso com suas orquídeas às quatro. Empurrou sua cadeira para trás e se levantou. — Os senhores podem ficar com essas cópias da declaração do senhor Eigen. Elas são baratas, se considerarmos o preço que os senhores pagaram por elas.

Às 17h14 da tarde de sábado, eu estava sentado na cozinha no porão do prédio nº 156 da Rua 82 Oeste. Cesar Perez estava escarrapachado em uma cadeira. Sua mulher estava sentada com compostura, ombros jogados para trás.

— Sinto muito, disse a eles, — Mas não há nada que possamos fazer. O homem que matou Maria está morto, mas a polícia não sabe. Se eles soubessem, tomariam conhecimento deste prédio também, e saberiam que vocês tiraram o corpo dele daqui e o colocaram no buraco. Isso significa que os tiras iriam incomodá-los mais algumas vezes, mas provavelmente não por muito tempo. Gostaria de ir à cerimônia fúnebre amanhã, mas não acho aconselhável. Provavelmente haverá um policial por lá. Quando ainda não conseguiram pegar o criminoso, eles costumam ir aos enterros de pessoas que foram assassinadas. Acho que já lhes contei tudo que vocês gostariam de saber, mas querem me perguntar alguma coisa? Ele balançou a cabeça. Ela disse:

— Nós prometemos pagar cem dólares ao senhor.

— Esqueçam. Tivemos clientes demais. Vou ficar com o dólar recebido como sinal, e ficarei também com as chaves, se não se importarem, como um souvenir. É melhor trocarem a fechadura da porta. Levantei-me da cadeira e fui até a mesa para pegar um pacote embrulhado com papel pardo. — Esta é a única coisa que tirei do apartamento. Uma

sombrinha de mulher. Vou devolvê-la à sua proprietária.

Despedi-me primeiro dela, depois dele, e saí dali. Não fui à Rua Éden. Eu não sentia um desejo irresistível de ver os Hugh outra vez, nem Meg Duncan fora dos palcos. Na segunda-feira seguinte, enviei a sombrinha e a cigareira por um mensageiro. Devo acrescentar uma nota, caso algum leitor deste relatório sinta vontade de dar uma olhada no apartamento que pertenceu a Yeager. O leitor não o encontrará na Rua 82. Nem encontrará nenhuma das pessoas nos endereços onde as localizei. Os pormenores do caso aconteceram exatamente conforme eu os relatei, mas por motivos óbvios mudei nomes e endereços e alguns outros detalhes, por exemplo, o título da peça estrelada por Meg Duncan. A peça ainda continua em cartaz, e ela está melhor do que nunca. Fui ao teatro uma noite na semana passada só para vê-la.

Se Cramer ler este livro e me procurar para investigar, direi a ele que inventei tudo, inclusive esta nota.

*

Table of Contents

[Capa](#)
[Título](#)
[Índice](#)
[O Autor](#)
[Série](#)
[Resumo](#)
[Um](#)
[Dois](#)
[Três](#)
[Quatro](#)
[Cinco](#)
[Seis](#)
[Sete](#)
[Oito](#)
[Nove](#)
[Dez](#)
[Onze](#)
[Doze](#)
[Treze](#)
[Quatorze](#)
[Quinze](#)
[Dezesseis](#)
[Dezessete](#)